



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em História

Área de especialização | História Antiga

Dissertação

**Monetização da economia no Algarve Romano: as
cunhagens locais na viragem da Era**

João Pedro Nascimento Matos

Orientador(es) | André Miguel Carneiro
Noé Conejo Delgado

Évora 2022



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em História

Área de especialização | História Antiga

Dissertação

**Monetização da economia no Algarve Romano: as
cunhagens locais na viragem da Era**

João Pedro Nascimento Matos

Orientador(es) | André Miguel Carneiro
Noé Conejo Delgado

Évora 2022



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Fernando Branco Correia (Universidade de Évora)

Vogais | Angel Padilla Arroba (Universidad de Granada) (Arguente)
Noé Conejo Delgado (Università degli Studi di Padova) (Orientador)

Dedicatória e Agradecimentos

Dedico este trabalho à memória dos meus avós, Isa e Beto
Que, de formas diferentes, fizeram (e fazem) de mim quem sou

Para a realização desta dissertação de mestrado estiveram envolvidos apoios e incentivos, sem os quais não seria possível alcançar os objetivos estipulados para este trabalho e aos quais estou profundamente grato.

Como nenhum trabalho de investigação pode ser feito sozinho, quero agradecer primeiramente aos meus orientadores, que me acompanharam desde a elaboração do projeto até ao último momento, sempre disponíveis para dar todo o apoio e reunir as vezes que fosse preciso, às horas que fosse preciso.

Agradeço também aos meus pais que estiveram sempre presentes, nos momentos em que a escrita parecia fluir e nos momentos em que tudo bloqueava e mais apoio era preciso.

Reconheço o papel que todos os professores, que me acompanharam durante os dois anos de mestrado, tiveram para a minha formação em História. Não posso também esquecer o contributo de todos os professores que me acompanharam desde a licenciatura para a minha formação académica.

Um especial agradecimento à Doutora Vera Freitas, do Museu de Portimão, a quem devo a amabilidade de ao longo desta dissertação ter podido contactar com numismas em contexto museológico, o que permitiu elevar esta investigação além do estudo bibliográfico.



“O sonho da razão produz monstros”
Fonte: Goya y Lucientes, 1796-1797; Cedido pelo Museo Nacional del Prado para uso académico

Monetização da economia no Algarve Romano: as cunhagens locais no virar da Era Resumo

A viragem da Era (séc. I a.C. – I d.C.) apresenta-se no Algarve como um período marcado pela transição de um sistema pré-romano para uma estrutura integrada na estrutura administração e economia romana. Neste período tem início a produção de moeda nesta região, que não se trata apenas de um fenómeno económico, mas também cultural, devido à presença de iconografia de influência púnica, como reflexo do contacto com esta cultura desde pelo menos o século IV a.C. Este fenómeno de monetização representa não só a inserção desta região num novo paradigma administrativo e económico, mas também a afirmação de uma identidade própria de uma região periférica ao mundo mediterrâneo.

Palavras-chave: Monetização; Gaditanização; Identidade; Economia; Numismática

Monetization of the economy in Roman Algarve: the local coinage at the turn of the Era Abstract

The turning of the Era (1st c. BCE – 1st c. CE) presents itself in Algarve as a period marked by the transition from a pre-roman system to a structure which is integrated in the roman economy and administrative structure. In this period begins the production of coin in this region, which is not only an economic phenomenon, but also a cultural one, due to the presence of iconography of Punic influence as a reflex of the contact with this culture since the 4th c. BCE. This phenomenon of monetization represents not only the insertion of this region in a new administrative and economic paradigm, but also the assertion of an identity particular of a region that is peripheric in the Mediterranean world.

Keywords: Monetization; Gaditanization; Identity; Economy; Numismatics

Índice Geral

1.	INTRODUÇÃO	2
2.	A INVESTIGAÇÃO SOBRE UMA REGIÃO PERIFÉRICA	4
2.1.	A ARQUEOLOGIA NO ALGARVE.....	4
2.2.	O ALGARVE E O ESTUDO DA NUMISMÁTICA	8
3.	MATERIAIS E MÉTODOS	13
4.	RESULTADOS.....	15
4.1.	CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO	15
4.1.1.	<i>Características da circulação terrestre em período romano.....</i>	<i>21</i>
4.1.2.	<i>Características da Circulação Marítima.....</i>	<i>24</i>
4.1.3.	<i>Capacidade Produtiva Agrícola.....</i>	<i>28</i>
4.1.4.	<i>Recursos Marítimos no Algarve</i>	<i>34</i>
4.2.	INFLUENCIAS CULTURAIS NO SUDOESTE DA HISPÂNIA.....	43
4.2.1.	<i>Círculo do Estreito</i>	<i>53</i>
4.3.	MOEDAS	63
4.3.1.	<i>O Processo de Monetização na Península Ibérica</i>	<i>63</i>
4.3.2.	<i>As Cunhagens do Algarve</i>	<i>71</i>
5.	CONCLUSÃO	87
6.	BIBLIOGRAFIA	90
6.1.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
6.2.	WEBGRAFIA	105
7.	APÊNDICES	107

Índice de Figuras

FIGURA 2.1 - CARTA ARQUEOLÓGICA DO ALGARVE PUBLICADA POR ESTÁCIO DA VEIGA EM 1878.....	5
FIGURA 4.1 - LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES QUE PRODUZIRAM MOEDA EM PERÍODO ROMANO NO ALGARVE	16
FIGURA 4.2 - UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS DO ALGARVE.....	21
FIGURA 4.3- MARCO MILIÁRIO DE CANADA DE BIAS EM EXPOSIÇÃO NO MUSEU PAROQUIAL DE MONCARAPACHO	23
FIGURA 4.4 - LINHAS DE ÁGUA E MASSAS DE ÁGUA E ZONA HÚMIDAS.....	29
FIGURA 4.5 - APTIDÃO AGROECOLÓGICA AO CULTIVO DE TRIGO MOLE EM REGIME DE SEQUEIRO.....	31
FIGURA 4.6 - APTIDÃO INTEGRADA AO OLIVAL TRADICIONAL	32
FIGURA 4.7 - "A MOEDA COMO REFLEXO DO MOVIMENTO DE PESSOAS Y MERCADORIAS NAS CIDADES" DE ACORDO COM A IDENTIFICAÇÃO DE TESOUROS NO TERRITÓRIO Balsa, MYRTILIS E OSSONOA	34
FIGURA 4.8 - IDENTIFICAÇÃO DE TIPOS ANFÓRICOS PRODUZIDOS NA COSTA SUDOESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA E O POSSÍVEL CONTEÚDO ASSOCIADO A CADA UM.....	38
FIGURA 4.9 - REPRESENTAÇÕES PRESENTES EM ÂNFORAS DE INFLUÊNCIA PÚNICA PRODUZIDAS NA BAÍA DE CÁDIS ENTRE OS SÉCULOS IV A.C. E II A.C.	38
FIGURA 4.10 - ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO CERRO DA VILA, EM VILA MOURA.....	42
FIGURA 4.11 - ZONA SUL DE BAELO CLAUDIA, ONDE SÃO OBSERVÁVEIS CETÁRIAS E A ZONA PORTUÁRIA	46
FIGURA 4.12 - ESPAÇO ARQUEOLÓGICO EM TAVIRA ONDE DEBAIXO DE UMA CASA APALAÇADA (SÉC. XV-XVI) FOI IDENTIFICADA PARTE DA MURALHA FENÍCIA (SÉC. VIII A.C.), ASSIM COMO VÁRIAS ESTRUTURAS TURDETANAS, ONDE SE INCLUI UM ALTAR EM FORMA DE PELE DE BOI (SÉC. IV A.C.).....	48
FIGURA 4.13 - SESTÉRCIO DE GADES COM A REPRESENTAÇÃO DE HERAKLES/MELQART NO ANVERSO E A UMA FACA, ESTRELA, SIMPULUM E MACHADO NO REVERSO COM A LEGENDA PONT BALBUS.....	52
FIGURA 4.14 - SEMIS DE IPSES COM HERAKLES/MELQART NO ANVERSO E UM GOLFINHO E A LEGENDA IPSES NO REVERSO.....	52
FIGURA 4.15 - FORNO E RECIPIENTE FENICIOS EM CERÂMICA DATÁVEIS DO SÉC. VI A.C. NO "YACIMINETO ARQUEOLÓGICO GADIR" (CÁDIS)	54

FIGURA 4.16 - LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES DO ALGARVE EM RELAÇÃO AO GOLFO DE CÁDIS	58
FIGURA 4.17 - FOTOGRAFIA DO THEATRUM BALBI ONDE É VISÍVEL A ORCHESTRA E A IMA CAVEA ATÉ O LIMITE SUPERIOR DE JUNÇÃO COM A MEDIA CAVEA.....	59
FIGURA 4.18 - TÚNEIS/GALERIAS DO THEATRUM BALBI DE ACESSO À IMA CAVEA.....	59
FIGURA 4.19 - TETRADRACMA DE ALEXANDRE III, O GRANDE, COM A REPRESENTAÇÃO DE HERACLES COM PELE DE LEÃO NA CABEÇA NO ANVERSO – 325 A.C. – 320 A.C.	66
FIGURA 4.20 - HEMIOBOLO DE GADIR COM A REPRESENTAÇÃO DE HERAKLES-MELQART COM PELE DE LEÃO NA CABEÇA NO ANVERSO – 325 A.C. – 320 A.C.....	66
FIGURA 4.21 - MOEDA DE GADIR/GADES COM HERAKLES-MELQART NO ANVERSO E DOIS ATUNS NO REVERSO COM A LEGENDA MP'L EM CIMA E 'GDR EM BAIXO.....	68
FIGURA 4.22 - AS DE OBULCO COM A REPRESENTAÇÃO DE FIGURA FEMININA E A LEGENDA OBULCO NO ANVERSO E UMA ESPIGA DE TRIGO E L.AIMIL / M.IUNI NO REVERSO ...	69
FIGURA 4.23 - MAPA DOS CENTROS PRODUTORES DE MOEDA IDENTIFICADOS NA HISPANIA ANTERIORES A CESAR (?).....	70
FIGURA 4.24 - LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES QUE CUNHARAM MOEDA NO ALGARVE EM ÉPOCA ROMANA	72
FIGURA 4.25 - BARCOS E PEIXES NAS CUNHAGENS LOCAIS DO ALGARVE ROMANO (OSSONOBA E BALSÁ)	73
FIGURA 4.26 - TRIENTE DE BALSÁ COM REPRESENTAÇÃO DE CAVALO NO ANVERSO E ATUM NO REVERSO	76
FIGURA 4.27 - TRIENTE DE BAESURIS COM ESPIGA DE TRIGO	77
FIGURA 4.28 - QUADRANTE (4,78 GR E 16 MM) DE IPSES, PROVENIENTE DAS DRAGAGENS DA FOZ DO RIO ARADE (PRAIA DE ALVOR), COM A REPRESENTAÇÃO DE BUSTO COM LEGENDA ILEGÍVEL NO ANVERSO E A REPRESENTAÇÃO DE UM GOLFINHO NO REVERSO, COM A LEGENDA IPSIIS/C.ATIS EM CIMA	78
FIGURA 4.29 - SÉMIS (6,27 GR E 15 MM) DE OSSONOBA, PROVENIENTE DAS DRAGAGENS DA FOZ DO RIO ARADE (PRAIA DA TORRALTA), COM A REPRESENTAÇÃO DE TRIRREME NO ANVERSO E A REPRESENTAÇÃO DE UM ATUM NO REVERSO, COM A LEGENDA OSSO EM CIMA (?) E EM BAIXO	79
FIGURA 4.30 - NUMISMA DE CILPES DESCOBERTA NA CAMPANHA DE ESCAVAÇÕES DE 2006	83

Índice de Gráficos

GRÁFICO 4.1 - TEMPERATURA MÉDIA NO ALGARVE AO LONGO DOS MESES ENTRE 1971 E 2000	17
GRÁFICO 4.2 - PRECIPITAÇÃO MÉDIA NO ALGARVE ENTRE 1971 E 2000	18
GRÁFICO 4.3 - CUNHAGENS ROMANAS IDENTIFICADAS NA HORTA DA MISERICÓRDIA, FARO	62
GRÁFICO 4.4 - DISTRIBUIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES POR CADA CIDADE	75
GRÁFICO 4.5 - DISTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS UTILIZADOS PARA A PRODUÇÃO DE MOEDA POR CADA CIDADE COM BASE EM ALBERTO GOMES	80

Índice de Apêndices

Apêndice 7.1 - Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipses e Ossonoba de acordo com as representações.....	109
Apêndice 7.2 - Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipses e Ossonoba de acordo com o material	110
Apêndice 7.3 – Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipses e Ossonoba de acordo com a iconografia	110
Apêndice 7.4 - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 1 Mediterrâneo Oriental	111
Apêndice 7.5 - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 2 Mediterrâneo Central	111
Apêndice 7.6. - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 3 Mediterrâneo Ocidental/Hispania.....	112
Apêndice 7.8 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania .	113
Apêndice 7.9 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania por material	114
Apêndice 7.10 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania por unidade monetária	114
Apêndice 7.11 - Cunhagens locais do Algarve consultadas na coleção do Museu de Portimão.....	116

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é entender de que forma a produção de moeda própria nas cidades do Algarve em período romano reflete as suas características, não apenas relativas ao desenvolvimento económico através do processo de monetarização, mas também culturalmente, como reflexo das interações e afirmação de identidade.

Apresentam-se assim as moedas, não como objeto em si, mas como marcadores culturais e económicos que refletem as características etno-culturais daqueles comuns indivíduos que eram vitais para o funcionamento de uma economia em rede, dependente da recolha de matérias-primas, a sua transformação e a sua comercialização.

Para melhor compreender o tema em estudo, a organização deste trabalho procura que inicialmente se entenda a relação do Algarve com o mundo mediterrâneo e também as características específicas deste território, que justificam o seu potencial económico, como zona fértil para a agricultura e privilegiada para a exploração de recursos marinhos. Em seguida é apresentado um estudo maioritariamente quantitativo baseado nas variantes de moedas cunhadas no Algarve, com particular atenção aos metais utilizados para a sua produção, analisamos também as unidades monetárias, as representações em cada moeda e a sua distribuição entre as cinco cidades que produziram moeda, *Ipses*, *Cilpes*, *Ossonoba*, *Balsa* e *Baesuris*. Para melhor entender o significado destas cunhagens e das suas representações, identifica-se o Círculo do Estreito como elo económico entre a região e a sua interdependência com as cidades localizadas entre o Golfo de Cádiz e o Norte de África, tendo como subcapítulo um estudo material da identificação de ânforas, enquanto materiais representantes das rotas comerciais entre estas regiões. No capítulo seguinte é apresentada a caracterização cultural das cidades. Esta posição geográfica fomentou os contactos comerciais com as civilizações mediterrânicas, que deixaram uma forte marca e influencia cultural, pelo menos desde o século VIII a.C. com os fenícios, passando pelo processo de influência cultural e económica de *Gadir/Gades*¹ no século IV a.C. e, finalmente, um período a partir do final século II a.C., marcado pela integração no império do ponto de vista cultural e económico. Desta forma, e através dos dados arqueológicos, foi possível entender de que forma a produção destas moedas se adapta a uma nova conjuntura económica e como as suas representações refletem as comunidades locais.

¹ A denominação *Gadir/Gades* atribui-se ao período entre a II Guerra Púnica e sua elevação a *municipium*

Revisão Bibliográfica

2. A Investigação sobre uma Região Periférica

2.1.A Arqueologia no Algarve

Em meados do século XIX a arqueologia começa a tomar forma como área de investigação autónoma, reflexo de uma sociedade que vê no conhecimento científico uma alavanca para entender melhor o mundo. Em 1863 é fundada a “*Associação dos Architectos Civis Portugueses*”, que se trata de uma coletividade de carácter profissional, mas que cedo começa a admitir arqueólogos, adotando o nome “*Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses*”. Apesar da sua criação ser um primeiro grande passo para a arqueologia em Portugal, a ótica vigente passava ainda pelo antiquarismo, e uma peça apenas teria valor pelo seu apreço estético, estado de conservação e importância para a “identidade da nação”².

Inserido nesta ideologia, o estudo arqueológico da região do Algarve começou de modo precoce, em meados do século XIX, impulsionado por Estácio da Veiga. Natural de Tavira e com estreitas ligações à aristocracia da cidade por parte da sua mãe, Estácio da Veiga apresentou-se como um pioneiro no estudo arqueológico da sua região natal, publicando em 1866 a primeira grande investigação sobre a cidade romana de Balsa e a ocupação romana nos arredores de Tavira³. Devemos também a este arqueólogo a elaboração do primeiro estudo arqueológico intensivo de toda uma região, publicando primeiro em 1878 a “*Carta Archeologica do Algarve*” e publicando em quatro volumes “*As Antiguidades Monumentais do Algarve*”⁴, sendo assim incontornável o seu contributo para o conhecimento histórico e arqueológico da região algarvia. Segundo Carlos Fabião, a carta arqueológica foi elaborada a título próprio, mas sabe-se que recebeu apoio de “curiosos e aficionados”, com interesse no estudo das antiguidades locais.⁵ Esta ação institucional pública de investigação vem espelhar uma mentalidade naturalista, que pretende, através dos materiais e restos antropológicos, identificar o “*mais remoto vestígio de presença humana em território português*”⁶.

Entre as áreas estudadas e escavadas por Estácio da Veiga, encontra-se o sítio de Torre d’Aires, onde está identificada a cidade da *Balsa*, e várias zonas da cidade de Faro, onde identificou uma necrópole romana de difícil reconhecimento, tendo deixado apenas

² Cardoso, 2000, pág. 12

³ Estácio da Veiga, 1866

⁴ Estácio da Veiga et al., 2006

⁵ Fabião, 2015, pág. 69

⁶ Fabião, 2008, pág. 105

descrições da sua localização como “junto à muralha do castelo de Faro”⁷, apresentado assim uma metodologia característica da sua época, mas que deixa algumas questões por responder.



Figura 2.1 - Carta Arqueologica do Algarve publicada por Estácio da Veiga em 1878

Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cd/Conta_Archeologica_do_Algarve_1878.svg/640px-Conta_Archeologica_do_Algarve_1878.svg.png consultado a 01/05/2022

Esta obra foi revista por Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos em 1971⁸, apresentado uma nova leitura da obra original e inventariando vários sítios arqueológicos anteriormente identificados e explorados por Estácio da Veiga⁹. Na década seguinte, Jorge de Alarcão sumariza de forma objetiva¹⁰ a sua obra, reproduzindo desenhos e plantas inéditas, destacando-se o seu trabalho no estudo do período romano em Portugal, com um levantamento e análise de todo o território¹¹.

Mario Saa¹², não tendo formação em arqueologia, mas que através dos seus conhecimentos do mundo rural e das suas dinâmicas, aliado a um grande interesse pelo estudo do mundo Clássico, investigou os itinerários romanos na Lusitânia, embora

⁷ Teichner & Schierl, 2006, pág. 161

⁸ Santos, 1971

⁹ Cardoso & Gradim, 2004, pág. 101-103

¹⁰ Cardoso & Gradim, 2004, pág. 101

¹¹ Alarcão, 1973, 1988

¹² Saa, 1957

apresentando algumas incongruências e erros no seu estudo, tendo sido revisitado mais recentemente por André Carneiro¹³, que destaca a sua importância para a investigação arqueológica na atualidade. Apesar do desconhecimento no que toca à rede viária para circulação terrestre do Algarve, por falta de fontes históricas além dos itinerários de Antonio Pio, e escassa identificação destas mesmas vias *in loco*, nas últimas décadas destaca-se o trabalho de Sandra Rodrigues¹⁴ e de Manuel Maia¹⁵, que apresentam as últimas propostas relativas aos prováveis itinerários no Algarve em período romano.

Em 1995 é elaborada a “*Carta Arqueológica de Portugal*”, promovida pelo IPPAR, que permite de uma forma mais abrangente entender os períodos de ocupação e as áreas ocupadas, de acordo com a identificação de achados arqueológicos identificado até esse momento¹⁶.

Em 1997 o IPPAR promove a publicação de “*Noventa séculos entre a serra e o mar*”, catálogo de exposição no Museu Nacional de Arqueologia com a colaboração, numa só obra, de vários investigadores de diferentes períodos e foco, como Teresa Gamito com o estudo das comunidades locais na Idade do Ferro¹⁷, Vasco Mantas estudando as características económicas e sociais e a circulação e comunicação no território¹⁸, Jeanette Nolen focando-se no estudo de *Balsa*¹⁹, Maria Luísa Estácio da Veiga Afonso dos Santos a complementar com reflexões sobre a musealização e preservação do património no Algarve²¹, entre outros.

Desde o final da década de 90, Felix Teichner estuda o território do Algarve, apresentando trabalhos relevantes quanto à ocupação do território entre o final do período republicano e o início do período imperial. O arqueólogo alemão apresenta resultados quanto à ocupação romana em espaço rural neste território e a sua importância para a inserção do mesmo numa nova estrutura económica e administrativa. Neste sentido destaca o Castelhinho dos Mouros em Alcoutim,²² relacionado com a navegação do Guadiana como via comercial, e o Cerro da Vila²³ em Vilamoura, enquanto aglomerado secundário na proximidade de

¹³ Carneiro, 2008

¹⁴ Rodrigues, 2004, 2006

¹⁵ Maia, 2006

¹⁶ Aruajo et al., 1995

¹⁷ Gamito, 1997, pág. 257-264

¹⁸ Mantas, 1997a, pág. 283-310; 1997b, pág. 311-326; 1998, pág. 199-239; 2004, pág. 63-83; 2013, pág. 335-351; 2016, pág. 27-51

¹⁹ Nolen, 1994; 1997, pág. 327-343

²⁰ Nolen & Real, 1994, pág. 119-132

²¹ Santos, 1997, pág. 21-44; 1997, pág. 71-86

²² Teichner & Schierl, 2010, pág. 89-114; Gradim et al., 2012, pág. 45-74; 2015

²³ Teichner, 2006, pág. 69-82; Teichner & Schierl, 2010, pág. 89-114; Teichner, 2017, pág. 399-429

Ossonoba. Estuda também os fluxos comerciais na região durante este período, quer na numismática²⁴ ou no estudo de ânforas.

Em 2010 Catarina Viegas conclui o seu doutoramento, que será posteriormente publicado em 2011, estudando a ocupação romana no Algarve a partir da importação de *terra sigillata*, analisando o território e compilando os achados mais relevantes para melhor entender esta região nos séculos de ocupação romana.²⁵ Viegas já tinha anteriormente apresentado estudos relativos a materiais encontrados em contexto arqueológico em Torre d'Aires²⁶ e continuando até a atualidade o estudo arqueológico do Algarve, com colaboração frequente de Ana Arruda.²⁷ A investigadora também apresenta uma enorme contribuição para melhor entender o Algarve na antiguidade, desde o período que antecedeu a ocupação romana,²⁸ com a apresentação de dados relativos a contactos comerciais com as cidade-estado gregas, baseados na identificação de cerâmicas no castelo de Castro Marim, nas escavações por si dirigidas²⁹.

Em 2019 João Pedro Bernardes publica um balanço da investigação arqueológica no Algarve, destacando os autores aqui referidos e apresentando uma reflexão quanto ao desenvolvimento do conhecimento arqueológico na região e as suas lacunas, particularmente quanto à desigualdade entre sítios arqueológicos escavados e o conhecimento científico relativamente baixo desenvolvido nestes trabalhos. Apresenta como principais causas a desigualdade de espaços estudados entre o litoral e o interior justificada pela pressão imobiliária, forçando estudos de minimização de impacto, de arqueologia preventiva, de emergência ou de salvamento e a falta de um programa científico-cultural no âmbito da atividade arqueológica na região.³⁰ João Pedro Bernardes, arqueólogo e professor na Universidade do Algarve, desenvolveu também nas últimas décadas vários estudos sobre o território algarvio, investigando as vias romanas na região³¹, assim como a circulação marítima e os contactos culturais e económicos daí provenientes³². É também responsável por vários estudos relativos a *Ossonoba*, particularmente, e a sua adaptação ao período imperial³³. As escavações no sítio de Torre d'Aires, onde se encontra a cidade romana de

²⁴ Teichner, 1995, pág. 281-288; 1997, pág. 123-160

²⁵ Viegas, 2011

²⁶ Viegas, 2006

²⁷ Arruda et al., 2019, pág. 285-304

²⁸ Arruda, 1999, pág. 23-31; 2005, pág. 9-156

²⁹ Arruda, 2008

³⁰ Bernardes, 2019

³¹ Bernardes & Oliveira, 2002; Bernardes, 2006, pág. 14-19

³² Bernardes et al., 2008, pág. 115-124; Bernardes, 2011, pág. 11-16; Bernardes & Medeiros, 2016, pág. 265-286; Bernardes & Viegas, 2016, pág. 81-92; 2017, pág. 379-398; 2021, pág. 357-373

³³ Bernardes, 2005, pág. 26-34; 2010, pág. 357-368; 2017, pág. 399-415

Balsa, por si dirigidas, que nos últimos anos apresentaram novas conclusões, como a apresentação de um novo perímetro urbano e propondo que no século III d.C. esta cidade terá sofrido um desastre natural que resultou na reconstrução parcial da cidade, dificultando assim o estudo dos séculos anteriores³⁴.

2.2.O Algarve e o Estudo da Numismática

No que diz respeito às cunhagens em estudo neste trabalho, a sua primeira publicação bibliográfica de relevo é feita por Vives y Escudero³⁵, em quatro volumes, que cataloga alguns numismas cunhados no Algarve, com naturais imprecisões quanto à localização de alguns centros urbanos, uma vez que na época subsistiam muitas dúvidas, e apresentando apenas um número reduzido de numismas, dando maior interesse às cunhagens locais em território espanhol. Estas deixam de ser abordadas durante algumas décadas, até que Alvarez Burgos³⁶ publica um novo catálogo com as moedas da Península Ibérica desde as suas origens ao século V d.C., dando novamente maior relevância às produzidas em território espanhol, mas apresentando já a identificação de mais numismas. Outro trabalho de catalogação e de parcial investigação das cunhagens de *Balsa* e *Ossonoba* atribui-se a Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes³⁷, baseado na coleção de Frei Manuel do Cenáculo, depositada em grande maioria na coleção do museu nacional com o seu nome, atualmente localizado em Évora. Pode considerar-se este como o primeiro trabalho de investigação destas moedas uma vez que apresenta alguma contextualização histórica e geográfica, mas ainda expondo o seu estudo enquanto objetos parcialmente isolados de contexto etno-cultural e económico.

Deve-se a Alberto Gomes³⁸ o primeiro trabalho de catalogação dedicado inteiramente às cunhagens romanas e pré-romanas em território português, não apresentando, no entanto, qualquer enquadramento histórico e carece de atualização.

Apesar do estudo das moedas datar do início do século XX, apenas nas últimas décadas se passou a prestar mais interesse ao significado da sua introdução na economia das comunidades locais da Península Ibérica, refletindo-se que não se trataria apenas de um desenvolvimento da economia, mas também influência do mundo mediterrânico que se monetarizava lentamente.

³⁴ Bernardes & Candeias, 2021; Bernardes et al., 2022

³⁵ Vives y Escudero, 1926

³⁶ Alvarez Burgos, 1987

³⁷ Gomes & Gomes, 1981-1983, pág. 155-182

³⁸ Gomes, 1998

Quanto ao processo de introdução do uso generalizado de moeda na economia da Península Ibérica, Chávez Tristán desempenha um importante papel. Reflete inicialmente no processo de generalização do uso da moeda, focando-se não apenas neste assunto com um fenómeno económico, mas sim cultural devido à inserção do mundo ibérico num novo paradigma nos séculos anteriores à conquista romana do território³⁹. A autora afirma que este se trata na Hispânia de um processo demorado e com grande heterogeneidade territorial, afirmando que “*si los comienzos em la costa mediterránea son tempranos – mediados del s. V a.C. – tras la tardía incorporación de algunas escasas cecas, será solo a partir de los inicios del siglo II a.C. cuando tenga lugar una rápida e notabilísima expansión*”⁴⁰. Para este processo destacou sempre a importância de *Gadir/Gades* como epicentro de monetarização do território sudoeste da Península, em particular nas bacias hidrográficas dos rios Guadiana e Guadalquivir, frequentemente acompanhada nestas investigações por Garcia Vargas⁴¹ e Ferrer Abelda⁴², com este último a estudar o Círculo do Estreito.

Estes primeiros estudos que apresentavam a moeda como um objeto não isolado de contexto, são apenas uma base para as investigações que se seguiriam e que permitiram reconhecer a produção monetária e a sua identificação em contexto arqueológico como sinais representativos do contacto entre culturas e regiões, onde se destacou Arévalo González, que identificou padrões de expansão da produção monetária entre as regiões da Hispânia, confirmando este desenvolvimento como um claro sinal de um novo paradigma económico e social⁴³. No entanto, para este estudo destacam-se ainda mais as investigações conjuntas com Moreno Pulido⁴⁴. Os seus trabalhos permitem entender melhor o significado cultural das representações presentes nas moedas e a forma como a sua semelhança e identificação em diferentes contextos permite reconhecer os movimentos regulares de pessoas e mercadorias no período durante o qual foram produzidas, que se refletiram em influências culturais⁴⁵.

Este contacto com as identidades existentes no sudoeste peninsular sempre se apresentou como um tema sem resultados definitivos devido à diversidade e pluralidade identitária do território nos primeiros séculos de domínio romano.

³⁹ Chavez Tristán, 2007, pág. 213-222; 2009, pág. 47-97; 2014, pág. 343-368

⁴⁰ Chavez Tristán, 2007, pág. 213

⁴¹ Chavez Tristán & García Vargas, 1991; 1994

⁴² Chavez Tristán et al., 1998, pág. 1307-1320; 2002, pág. 643-652

⁴³ Arévalo González, 2008, pág. 43-58

⁴⁴ Moreno Pulido, 2014

⁴⁵ Arévalo González & Moreno Pulido, 2011, pág. 339-373; 2017, pág. 170-203; 2021, pág. 240-329

A abordagem às interações, e marcas etno-culturais presentes nas cunhagens através da iconografia, desta dissertação afasta-se do paradigma kantiano e identifica-se com questões e visões de multiculturalidade e interculturalidade que surgem após a Segunda Guerra Mundial em ambiente de descolonização, acreditando-se que a existência de uma cultura universal proíbe a interação cultural positiva, ou seja, considera que é a heterogeneidade identitária que permite que as sociedades sejam ricas e únicas⁴⁶. É, no entanto, importante ter em conta que no período em estudo os investigadores não podem aplicar o conceito de estado-nação que estas teorias de interação cultural propõem. Seguindo esta visão multicultural adaptada ao período em estudo, a investigação permite entender as sociedades do sudoeste da Ibéria como identidades dignas e multiculturais torna-se consensual no final dos anos 90.

A proposta de Chavez Tristán destacou-se ao apresentar a visão multicultural positiva neste período e nesta região, mostrando particular interesse nas interações culturais na Turdetânia no virar da Era⁴⁷, apresentando-se o estudo da moeda como um ponto de partida para melhor entender estas relações de interação, entre culturas e identidades⁴⁸.

Na última década estas abordagens foram reformuladas com a publicação em 2014 pela Cambridge University Press de um livro que apresenta novas visões quanto à identidade das sociedades num Mediterrâneo fortemente influenciado pela cultura púnica desde o século IV a.C. e que apenas pela cultura romana a partir do século II a.C. Este fenómeno é descrito por Jiménez como “*punic after punic times*”⁴⁹. Aqui destacam-se os trabalhos de Bondi⁵⁰ quanto ao significado de punicidade enquanto paradigma cultural paralelo à romanização, mas já adaptado às atuais noções de identidade.

Ferrer Abelda estuda a difusão do uso generalizado de moeda e expansão cultural a partir de *Gadir/Gades* e também o estudo das comunidades púnicas e locais onde exerceram uma forte influência cultural na Hispânia⁵¹.

Arruda e Sousa apresentaram o estudo da influência de *Gadir/Gades* no território algarvio, descrevendo esta esfera de influência como “*gaditanização*”⁵², conceito também trabalhado em território espanhol⁵³. Nos últimos anos destaca-se Machuca Prieto pelo seu

⁴⁶ Lucas, 2008; Baratto, 2009

⁴⁷ Chavez Tristán et al., 2004, pág. 813-827

⁴⁸ Mora Serrano & Cruz Andreotti, 2012; Pau Ripollés, 2005, pág. 80-93; García Vargas, 2018, pág. 164-185; Jiménez Díez, 2014, pág. 219-241

⁴⁹ Jiménez Díez, 2014, pág. 219-241

⁵⁰ Bondi, 2014, pág. 58-68

⁵¹ Abelda, 2018, pág. 70-88

⁵² Sousa & Arruda, 2010, pág. 951-974

⁵³ Fernández & Vargas, 2010, pág. 115-134

contributo para o estudo das interações culturais no panorama identitário do sudoeste peninsular, dando particular enfoque à transição cultural entre a cultura púnica que influenciava há séculos esta região e a cultura romana e finalmente se começava a sentir, que decorre nas últimas décadas antes da nossa Era⁵⁴.

⁵⁴ Prieto, 2018, pág. 130-147; 2019, pág. 15-27

Materiais e Métodos

3. Materiais e Métodos

Para escrever esta dissertação foi necessário recorrer a um extenso leque de bibliografia, particularmente baseado em estudos arqueológicos, mas incluindo também outros trabalhos em diversas áreas das ciências sociais. A abordagem, em História Cultural e História Económica, exigiu que a procura bibliográfica integrasse vários tópicos que não devem ser deixados de parte no estudo de uma região, da sua economia e identidade.

As principais dificuldades para a realização desta dissertação passaram pela escassez de bibliografia diretamente relacionada com a produção de cunhagens no Algarve, poucas referências à região nas fontes clássicas, falta de relatórios de escavações arqueológicas que refiram a unidade estratigráfica onde as mesmas foram encontradas e principalmente pelo facto destas moedas serem na verdade um objeto “fictício”, pois encontram-se maioritariamente presentes em coleções privadas e museus, muitas vezes sem estarem presentes nas exposições.

A tipologia utilizada para as moedas em estudo trata-se da romana (*quadrante, triente, semis*, etc.) e pode não se tratar da mais correta, já que as cunhagens em estudo não apresentam características metroológicas que estejam totalmente de acordo, sendo que seria mais correto aplicar meia unidade, unidade, duplo, etc. No entanto, esta investigação não passou pelo estudo de numismas em concreto onde fosse possível aplicar a tipologia de “unidade” de acordo com as características de peso e diâmetro de cada moeda. Desta forma, a tipologia utilizada, a romana, deveu-se ao facto de ser a mais frequente nas publicações e nos catálogos consultados.

Apesar de tudo, estes obstáculos puderam ser superados através de uma abordagem metodológica baseada nos paralelos entre as publicações sobre o tema em estudo e o leque mais abrangente de publicações relacionadas a outras áreas, mais concretamente o sul de Espanha, de forma a poder alcançar novas conclusões. Para a quantificação das cunhagens foram utilizados catálogos de colecionismo, que apesar de exaustivos, não têm qualquer informação sobre a proveniência ou paradeiro dos numismas e não são atualizados desde 2001. Esta barreira metodológica foi parcialmente superada pela consulta do espólio presente no Museu de Portimão, que permitiu o contacto direto com numismas reais em contexto museológico.

Resultados

4. Resultados

4.1. Caracterização do Território

Para melhor estudar um território é necessário compreendê-lo geograficamente, as suas dinâmicas e o seu potencial económico, no que toca à produção e à mobilidade de pessoas e mercadorias. Numa primeira instância, apresentou-se a visão tradicional, ainda imperialista e positivista, que procurava através do conhecimento científico entender melhor o território dentro de um estado-nação. Inserido nesta visão, Pequito Ribeiro define a posição geográfica de Portugal, e conseqüentemente do Algarve, “como “*mediterrâneo por natureza, atlântico por posição*”⁵⁵, refletindo a posição estratégica do território num local de transição entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Orlando Ribeiro, o grande investigador da geografia portuguesa ao longo de todo o século XX, criou as bases para o conhecimento geográfico do território português, continuando de acordo com esta afirmação em particular de Pequito Rebelo⁵⁶, mas apresentando uma caracterização geográfica e geológica mais intensiva e essencialmente objetiva de todo o território português.⁵⁷ Devemos a este autor, aquele que pode ser considerado o trabalho mais extenso no que diz respeito à descrição e caracterização geográfica do território português⁵⁸, complementado frequentemente por publicações de Suzanne Daveau, particularmente no final dos anos 90⁵⁹.

A designação de *Al Gahr* apenas começa a ser utilizada depois da conquista árabe da Península Ibérica no século VIII e significa “o ocidente”⁶⁰. Apesar de constituir uma só região, a sua heterogeneidade é notável não só no interior, mas também junto à costa, onde a zona Oriental (Sotavento) é caracterizada por um relevo menos acidentado e um decréscimo de altitude leve e gradual até ao mar, enquanto a zona Ocidental (Barlavento) apresenta uma costa mais acidentada caracterizada por arribas junto à costa que dificultariam a construção de portos marítimos, assim como uma maior exposição às correntes marítimas mais agrestes do Oceano Atlântico.

É no Algarve onde se encontram as cinco cidades em estudo, que foram as únicas identificadas que aqui emitiram moeda própria durante o período de domínio romano, *Cilpes*

⁵⁵ Pequito Rebelo, 1925, pág. 55

⁵⁶ Ribeiro, 1987, pág. 39

⁵⁷ Ribeiro, 2000

⁵⁸ Ribeiro, 2000

⁵⁹ Daveau, 1995

⁶⁰ Costa, 2007

(possivelmente o Cerro da Rocha Branca, perto de Silves)⁶¹, *Ipses* (Vila Velha, Alvor ?)⁶², *Ossonoba* (Faro)⁶³, *Balsa* (entre Torre d'Aires e Santa Luzia, Tavira)⁶⁴ e *Baesuris* (Castro Marim)⁶⁵.

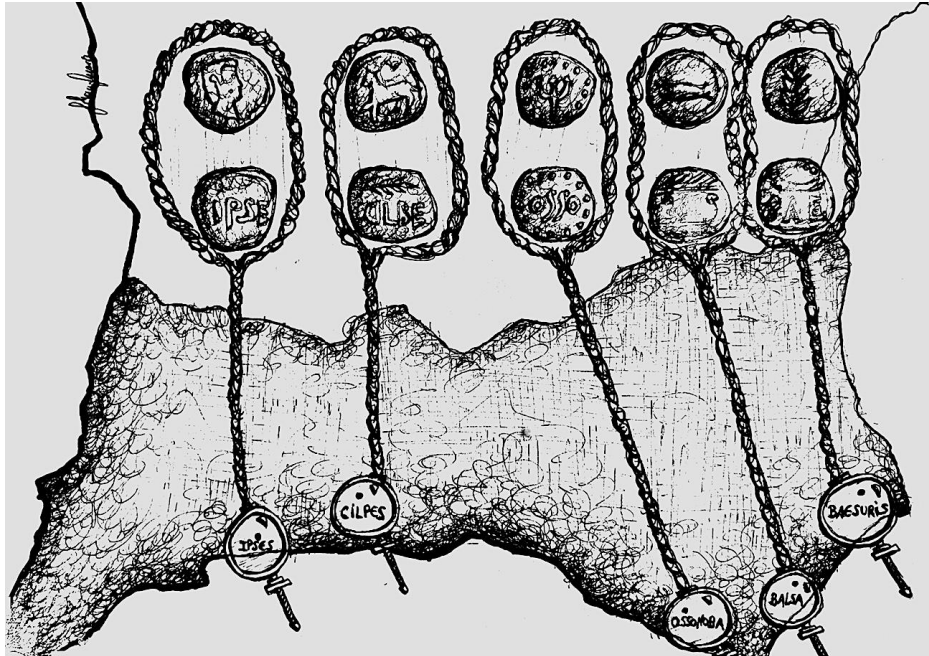


Figura 4.1 - Localização das cidades que produziram moeda em período romano no Algarve

Fonte: Desenho elaborado e cedido por Silvana Sousa

A atual região do Algarve mantém, em grande parte, fronteiras naturais, que são uma afirmação da sua relevância na definição da paisagem e na criação de limites onde a circulação por terra encontra obstáculos de difícil transposição. Delimitada a Sul e Oeste pelo Oceano Atlântico, a Noroeste pela Ribeira de Seixe, a Norte pela Serra do Caldeirão, a Nordeste pela Ribeira do Vascão e a Este pelo Rio Guadiana.

Apesar deste último se tratar de um rio com um grande caudal, tendo-se registado na década de 60 um valor de aproximadamente 14 000 milhões de metros cúbicos no Pulo do Lobo, a poucos quilómetros a montante de Mértola, o leito rochoso e irregular leva a que chegue a secar completamente durante a estiagem, no entanto, logo a jusante a bacia transforma-se num estuário estreito, mas profundo, onde a oscilação da maré se faz sentir nos 78 km a montante da foz, junto de Vila Real de Santo António. Toda esta extensão

⁶¹ Fabião, 1992, pág. 236

⁶² Chavez Tristán, 2009, pág. 74

⁶³ Bernardes, 2011, pág. 16

⁶⁴ García-Bellido & Blázquez, 2001, pág. 54

⁶⁵ Fabião, 1992, pág. 232

navegável até o mar permitiu que se tratasse de uma importante via de circulação para trocas comerciais pelo menos até 1960, quando assegurava a exportação de minério de cobre da Mina de São Domingos⁶⁶.

Relativamente ao clima, marcadamente mediterrânico, apresenta-se como o único em que o pico do calor e a maior secura coincidem no tempo, o que por si não é favorável à agricultura, excetuando a oliveira, o sobreiro, a vinha e os cerealíferos de sequeiro, que, mesmo assim, são tornam fortemente suscetíveis a oscilações climáticas⁶⁷. Entre os cereais é importante destacar o trigo e a cevada, produzidos principalmente nos solos argilosos, com boa capacidade de drenagem e férteis de *terra rossa*, frequentes no barrocal algarvio, sendo as culturas deste tipo as que melhor suportam a secura, contando-se entre as mais antigas da Península Ibérica⁶⁸. As técnicas de fabrico do vinho e do azeite eram já conhecidas em época clássica, mas terão sido introduzidas pela influência de culturas mediterrânicas⁶⁹. Somando a estas características secas dos verões, o Inverno é moderado, com um total de precipitação relativamente baixo.⁷⁰

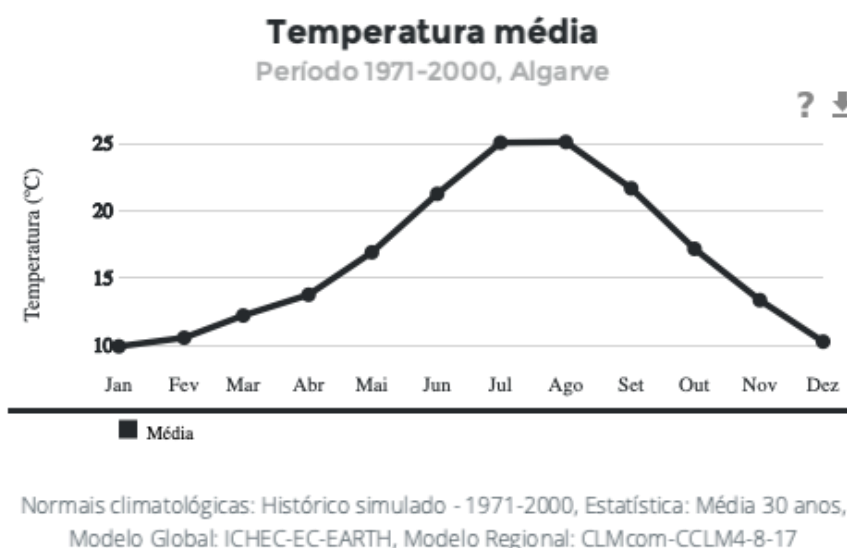


Gráfico 4.1 - Temperatura média no Algarve ao longo dos meses entre 1971 e 2000

Fonte: <http://portaldoclima.pt/pt/>

⁶⁶ Deveau, 1995, pág. 68-69

⁶⁷ Deveau, 1995, pág. 24-25

⁶⁸ Ribeiro, 2000, pág. 979

⁶⁹ Ribeiro, 1987, pág. 8

⁷⁰ Ribeiro, 1987, pág. 3

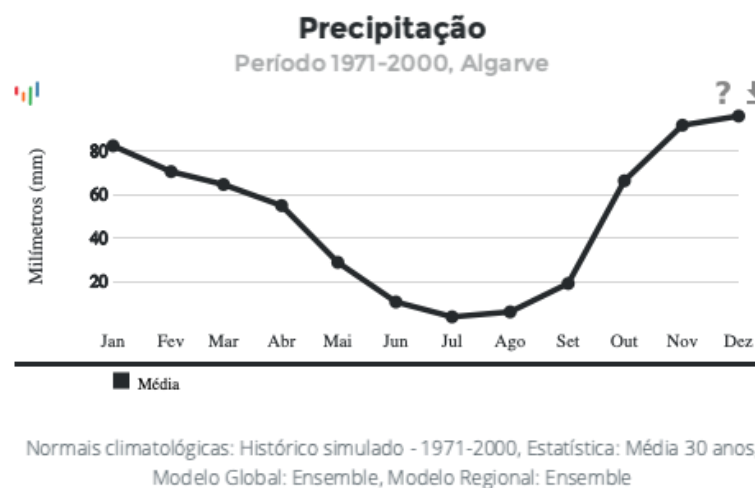


Gráfico 4.2 - Precipitação média no Algarve entre 1971 e 2000

Fonte: <http://portaldoclima.pt/pt/>

No Algarve é importante também destacar a capacidade de produção de madeira, fornecida pelas matas de pinheiro manso, que cresce em areia pleiocénica de pouca capacidade de produção agrícola⁷¹.

É então essencial entender que o clima no território português não é igual em toda a sua extensão, sendo que nas áreas mais ocidentais já se faz sentir a influência atlântica, com um clima mais moderado e húmido⁷².

Observamos também que a orientação Este-Oeste das cadeias montanhosas do sul do território português acentua a aproximação climática e cultural entre o Algarve e a Baixa Andaluzia.⁷³

Os ventos também influenciam o clima em todo o território, sendo que os de nordeste atenuam o efeito térmico da baixa altitude, por vezes contrariados na região do Algarve por ventos de leste, oriundos das regiões litorais da Andaluzia e do Mediterrâneo, apresentando temperaturas de verão mais elevadas e um clima mais húmido⁷⁴.

No que toca à produção e potencial do litoral do sul de Portugal, este apresenta condições geomorfológicas bastante favoráveis para a prática da atividade piscatória. No século XX apresentavam-se características que eram já observáveis durante o período de ocupação romana, como é o exemplo da pequena extensão da área natural de venda⁷⁵, onde os produtos frescos podiam ser comercializados sem a sua transformação ou recurso a

⁷¹ Ribeiro, 2000, pág. 979

⁷² Ribeiro, 1987, pág. 39

⁷³ Ribeiro et al., 2000, pág. 15

⁷⁴ Ribeiro et al., 2000, pág. 16-17

⁷⁵ Ribeiro, 2000, pág. 1122

métodos modernos de conservação, que incluía apenas a zona litoral da região e da área próxima à extensão navegável do Guadiana⁷⁶. Desta forma, no século passado a indústria conserveira viu nestas condicionantes uma oportunidade de desenvolvimento e obtenção de produtos capazes de exportação a maior escala e distancia⁷⁷, como pode ser observado no mundo clássico com a produção dos preparados de peixe.

Apesar de não existirem conclusões significativas quanto à produção de sal no Algarve em período romano, por se tratar de uma indústria com evidências arqueológicas reduzidas, tratando-se essencialmente apenas de barreiras de terra onde a água salgada é capturada e, aproveitando o excesso de evaporação nos meses de Verão, a água abandona as salinas e o sal permanece. Este tipo de obtenção de sal é apenas possível em sapais, destacando-se no território algarvio grande parte da ria formosa e da foz do Guadiana, existindo uma escassez quase total de jazigos de sal gema no território português. A produção de sal está frequentemente associada ao desenvolvimento local da atividade piscatória e das subsequentes atividades transformadoras, que consomem grandes quantidades de sal para garantir a conservação⁷⁸. Numa economia competitiva que procurava obter o máximo proveito dos recursos, a produção de sal em salinas no Mediterrâneo ganha vantagem relativamente à obtenção de sal em depósitos subterrâneos na Europa Central, que exigiam um investimento substancial⁷⁹.

No que diz respeito à biogeografia dos peixes na costa do Algarve, existe uma grande variedade de espécies piscícolas (cerca de 50)⁸⁰. Destaca-se o atum pela sua importância económica e pela representação nas cunhagens do Algarve, assim como na generalidade das cidades do Golfo de Cádiz. Na costa portuguesa aparecem duas espécies de atum, o *Thunnus Alalunga* e o *Thunnus Thynnus*. A primeira tem tendência a deslocar-se longe da costa algarvia por ter uma rota migratória desde a costa atlântica portuguesa até a Baía de Biscaia. Por sua vez, o *Thunnus Thynnus* descoca-se a partir de maio de estomago vazio e em período reprodutor desde o litoral do Languedoque até as costas das Sardenha para se alimentarem, em densos cardumes. Passa pela costa algarvia no início do período reprodutor e desova nas águas quentes e pouco profundas da região de Cádiz. No pico do Verão, regressa à costa francesa, voltando a passar pela costa algarvia, distinguindo-se entre os pescadores da região

⁷⁶ Ribeiro, 2000, pág. 1118

⁷⁷ Ribeiro, 2000, pág. 1122

⁷⁸ Ribeiro, 2000, pág. 1123

⁷⁹ Saile, 2015, pág. 201

⁸⁰ Ribeiro, 1987, pág. 126

estes dois períodos de intensa pesca desta espécie como “pesca de direto” e pesca de revês, dispondo as redes de acordo com a direção migratória do atum⁸¹.

A Ria Formosa, que se estende desde Faro até Cacela Velha, apresenta-se como uma área litoral com várias saídas para o mar, recortadas entre uma frágil e instável restinga, onde desaguam ribeiros de caudal praticamente insignificante.⁸² Este assentamento arenoso proporciona uma área navegável de abrigo, mas a sua instabilidade no que toca à abertura e encerramento de vias navegáveis para o mar, assim como o regime das marés que se faz notar mais em zonas onde a profundidade dos cursos de água é pouca, condiciona em grande medida o fluxo de embarcações, provocando por vezes um impacto negativo nos centros urbanos e portuários desta região.

No território algarvio observamos grandes contrastes no que toca à orografia do terreno, com a Serra do Caldeirão na zona Este, com orientação Noroeste-Sudeste, caracterizada por solos xistosos, atingindo 589 metros de altitude.⁸³ Nesta serra existem níveis de erosão escalonados e fortemente entalhados pelos Rios Guadiana, Odelouca e Mira.⁸⁴ A Oeste observamos a Serra de Monchique, com características bastante diferentes, estando mais exposta aos ventos oceânicos, com orientação semelhante, constituindo “*uma espécie de ilha de rocha dura situada a 600 m acima dos xistos*”⁸⁵, atingindo no seu pico máximo 902 metros de altitude. Estas duas grandes formações montanhosas contactam-se unicamente pela portela de São Bartolomeu de Messines. Na área de ligação entre a serra e o litoral encontra-se o “barrocal”, área formado por calcários e dolomitos, que alcança até 408 metros de altitude no Serro de São Miguel.⁸⁶

⁸¹ Ribeiro, 2000, pág. 66

⁸² Daveau, 1995, pág. 55

⁸³ Birot, 2004, pág. 119

⁸⁴ Ribeiro, 2000, pág. 159

⁸⁵ Birot, 2004, pág. 120

⁸⁶ Ribeiro, 2000, pág. 159

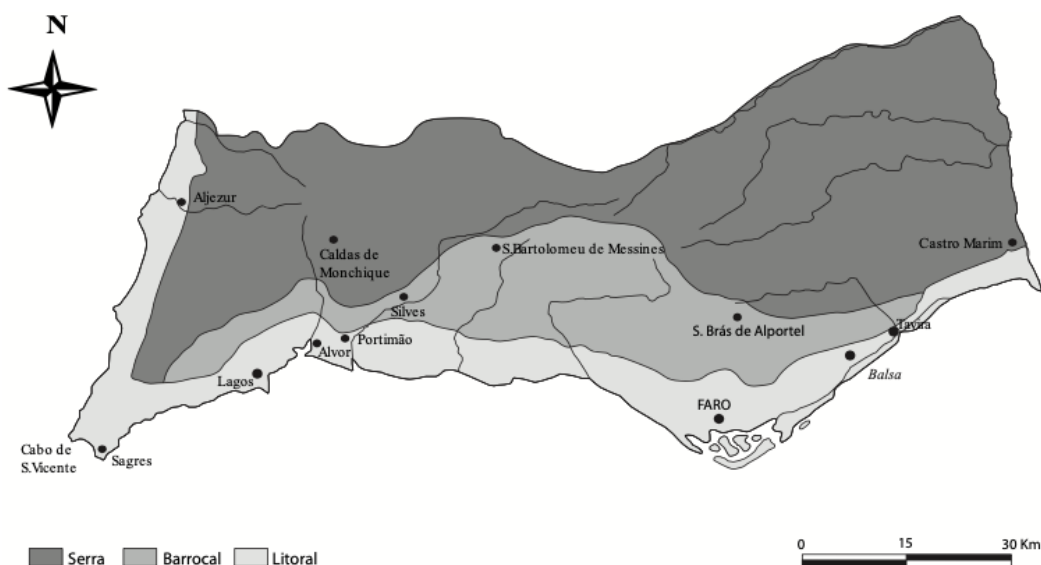


Figura 4.2 - Unidades geomorfológicas do Algarve

Fonte: Viegas, 2011, pág. 52

4.1.1. Características da circulação terrestre em período romano

Apesar destas circunstâncias que dificultavam a circulação por terra e favoreciam a utilização do mar e dos maiores rios como principais vias de transporte, a região estava dotada de uma rede viária romana relativamente extensa que procurava dar respostas às necessidades de transportes de pessoas e bens comerciais. Apesar do crescente desenvolvimento urbano, que se fez notar a partir da segunda metade do século XX, ter dificultado a investigação arqueológica na região e eliminado algumas estruturas⁸⁷, são as informações presentes no Itinerário de Antonino Pio, fonte histórica do século III d.C., que mais nos permite conhecer a rede viária romana, assim como os trabalhos de investigação desenvolvidos nas últimas décadas. Estas ferramentas possibilitam que tenhamos um mapa muito mais claro das ligações viárias que existiriam nesta região, sendo que é observável a heterogeneidade territorial em termos de ocupação humana e características topográficas.

No Itinerário de Antonino Pio são referidas duas vias principais que fariam a ligação entre a região do Algarve e a restante Lusitânia. A primeira teria origem em *Baesuris* e seguiria paralelamente ao Guadiana (*Flumen Anas*) até a cidade de *Myrtilis*, e depois até *Pax Iulia*. A segunda partiria também de *Baesuris* e atravessaria em linha paralela à costa juntos das cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, onde depois seguiria para Norte através da Serra do Caldeirão, junto de onde atualmente se situa a cidade de Loulé⁸⁸.

⁸⁷ Maia, 2006, pág.43

⁸⁸ Rodrigues, 2004, pág. 25

Este primeiro itinerário parece ser desnecessário devido à navegabilidade do Guadiana, sendo que a sua existência foi descartada pela falta de indícios, como aponta Alarcão⁸⁹ e suporta Viegas⁹⁰. A falta de evidências arqueológicas que os comprovem e as mais recentes correntes de investigação, que apesar de não excluírem a existência de uma via de menor importância que transpusesse ou alcançasse a Serra do Caldeirão nesta zona, apontam para que esta estrada, após passar por *Ossonoba*, continuaria em linha paralela à costa até *Lacobriga*, passando também perto de *Cilpes*, que tem uma via secundária identificada que ligaria esta cidade à costa até Portimão (*Portus Hanibalis* ?) e outra que seguiria para oriente até próximo de Salir, concelho de Loulé.⁹¹ A identificação de Portimão como *Portus Hanibalis* não é certa, muito particularmente devido ao pouco reconhecimento de sítios arqueológicos que representem um centro urbano, devido ao impacto do turístico e desenvolvimento urbano. É, no entanto, possível afirmar, através da identificação de cetárias na cidade e da sua posição privilegiada na foz do Rio Arade, que se trataria de um ponto de ancoragem importante em período romano⁹², ou anterior devido à toponímia.

O Itinerário Antonino permite entender melhor a rede viária na região, mas é importante ter em conta que data de um período três séculos posterior aquele que as moedas foram cunhadas, mas podendo refletir a dinâmica urbana já existente. É também importante ter em conta que se tratam de cópias da Idade Média, nas quais muita informação se alterou.

Ruivo defende, segundo a identificação de numismas do período da Guerra Sertoriana junto do itinerário que seria mais tarde a ligação *Olisipo-Bracara Augusta*, que seria provável a sobreposição das vias imperiais relativamente a caminhos do final da Idade do Ferro, que facilitariam a ligação entre os principais polos urbanos⁹³.

Na região do Algarve, até à data, apenas foi identificado um marco miliário, descoberto nos anos 20 do séc. XX com cerca de 1,40 m de altura e a largura de 45 cm na base e 40 cm no topo, encontrado na Canada das Bias⁹⁴, perto da vila de Fuzeta. Pertenceria então ao troço de itinerário que ligaria a *Balsa* a *Ossonoba*, assim como a sua produção em calcário margoso, rocha bastante comum na região, indica o fabrico local deste marco miliário⁹⁵. A sua legenda faz referência ao período de construção com a presença do nome AVG(USTUS), datando assim durante a dinastia júlio-claudiana e muito provavelmente

⁸⁹ Alarcão, 1988, pág. 101

⁹⁰ Viegas, 2011, pág. 105

⁹¹ Rodrigues, 2006, pág. 20

⁹² Teichner, 1995, pág. 281

⁹³ Ruivo, 1993-1997, pág. 90

⁹⁴ Bias do Sul: Sítio 2736

⁹⁵ Rodrigues, 2004, pág. 26

durante o principado de Augusto, sendo um indicador importante relativamente à importância que este itinerário já teria no início do período imperial, assim como refere que se encontra a 10 milhas (X) de *Ossonoba*. Esta hipótese é descartada por Jorge de Alarcão que defende que a distancia presente no marco miliário representa na realidade a distância a contar a partir de Balsa.⁹⁶

AVG.PON
TIFICI.M
AXIMO.
M P X⁹⁷



Figura 4.3– Marco miliário de Canada de Bias em exposição no Museu Paroquial de Moncarapacho

Fonte: <https://viasromanas.pt/blog/index.php/2021/09/09/um-post-sobre-as-vias-do-algarve/>
consultado a 17/07/2022⁹⁸

Uma forma de entender a pouca relevância que as vias teriam durante o período romano é observar a falta de pontes romanas identificadas na região, que, não negando a sua existência, é provável que existissem apenas algumas pontes de pedra entre *Ossonoba* e *Balsa* e que nos outros locais seriam preferenciais pontes temporárias em madeira ou travessia dos rios por barcas ou jangadas⁹⁹. A falta de investimento na rede viária de região

⁹⁶ Alarcão, 1973, pág. 80

⁹⁷ Bias do Sul: Sítio (2736); D'Encarnação, 1984, pág. 720

⁹⁸ Rodrigues, 2004, pág. 27; Foi feita visita ao Museu Municipal de Olhão para fotografar esta peça, no entanto a mesma foi enviada para o Museu de Moncarapacho, onde, após visita, afirmaram não ter conhecimento do paradeiro da mesma

⁹⁹ Bernardes, 2006, pág. 19

é um reflexo da pouca relevância que teria em relação à utilização de meios de circulação marítimos.

4.1.2. Características da Circulação Marítima

Apesar da rede viária que existia na região, pelo menos em período imperial, o mais provável é que a sua função fosse maioritariamente para deslocação local entre as cidades e *villae* junto à costa ou na zona do barrocal algarvio.

Neste sentido, a forma mais eficiente de transporte de pessoas e mercadorias seria através do mar, que até à atualidade se apresenta como um dos recursos mais fortes para a economia da região.

O conhecimento sobre o sistema portuário da região é bastante escasso, não só pela escassez de evidências arqueológicas, mas também porque a proximidade à costa é um fator que proporciona a deterioração destas estruturas, chegando poucas vezes aos nossos tempos, a não ser as estruturas de maior dimensão e, portanto, de maior importância e capacidade para receber um maior volume de embarcações e também de maior escala.

Para a escolha da localização para a construção destas estruturas portuárias seria preferencial um local onde as correntes e os ventos fossem calmos, mas onde as águas mantivessem alguma profundidade para evitar que os navios encalhassem e se danificassem, assim sendo, *plagia*, *positio*, *refugium* ou *statio*, eram os locais e estruturas mais indicados para os navios fundearem com segurança¹⁰⁰.

A *statio* corresponderia a um ancoradouro com uma estrutura reduzida, que permitisse a carga e descarga de mercadorias e pessoas com regularidade, já o *portus* tratase de uma estrutura mais parecida ao que atualmente consideramos de porto, com terraplanagem para facilitar a carga e descarga, boas capacidades para o abrigo das embarcações e possivelmente com instalações, como um cais ou, em algumas situações, estruturas militares¹⁰¹.

Apesar de serem poucas as descobertas destas estruturas na região do Algarve, a existência dos mesmos não deve ser excluída devido às mudanças da linha da costa, erosão e a ocorrência do terramoto de 1755 que afetou fortemente a costa algarvia. Um exemplo é a descoberta, noticiada em 2018, de um porto de médias dimensões em Budéns, concelho de Vila do Bispo. Esta estrutura, escavada a partir de 2016 por uma equipa de arqueólogos luso-

¹⁰⁰ Mantas, 2016, pág. 30

¹⁰¹ Mantas, 2016, pág. 30

alemã é formada por um cais em silharia de calcário com cerca de 40 metros onde encaixam pedras perfuradas que eram utilizadas para atar os barcos ao porto¹⁰².

Este complexo arqueológico foi referido pela primeira vez nas memórias paroquiais de 1755 da Freguesia de Budéns, afirmando que as mesmas foram expostas como consequência do terramoto¹⁰³. O arqueólogo Santos Rocha propões que a atividade arqueológica desenvolvida por Estácio da Veiga neste sítio terá promovido a exposição do mesmo à força destrutiva do mar, que terá durado até início do século XX, pois não existe diferença significativa entre a descrição de Formosinho em 1933 e o estado atual¹⁰⁴.

Esta descoberta, assim como todo o complexo arqueológico que conta também com uma *villa* e um conjunto termal com uma dimensão considerável, trata-se de uma estrutura para produção de preparados piscícolas, que mostra a riqueza e o alto potencial económico que o mar teria não só para a exportação, mas também para a produção de bens com valor comercial considerável e alta procura no mundo romano¹⁰⁵. Este achado é também importante para entender a mudança da linha da costa, sendo que a área onde esta descoberta foi feita se encontra atualmente a alguns metros da beira-mar, mas que, no entanto, se encontraria acessível por uma lagoa durante o período em que foi construído.

A utilização do mar como um meio de transporte foi também promovido por Augusto nas primeiras décadas do seu principado, através de um clima de pacificação do qual se proporcionou um notável dinamismo. Segundo Bernardes, apesar de este se tratar de um processo de integração que ocorria já há alguns séculos de forma lenta, o Imperador entendeu desde início que era tão difícil conquistar províncias como era fácil perdê-las, sendo que a integridade e a manutenção destes territórios dependeriam maioritariamente da garantia de um clima de paz e do progresso, promovendo assim de uma forma “atrativa” as características socioeconómicas que poderia trazer a inserção no mundo romano¹⁰⁶.

A consolidação administrativa deste território tem início a partir do final do século II a.C. e o início do séc. I a.C. e a construção de estruturas portuárias seria não só importante para o desenvolvimento económico das regiões e uma ligação mais rápida entre os pontos mais distantes do território romano, mas também uma forma de garantir a coesão territorial e uma maior de unidade entre o território, melhorando a comunicação e o controlo

¹⁰² <https://www.cm-viladobispo.pt/pt/13184/porto-romano-com-quase-dois-mil-anos-descoberto-na-praia-da-boca-do-rio-em-budens.aspx> consultado a 09/10/2021

¹⁰³ Memórias Paroquiais, Tomo VII, 25

¹⁰⁴ Bernardes et al., 2008, pág. 116

¹⁰⁵ Bernardes & Medeiros, 2016, pág. 266

¹⁰⁶ Bernardes, 2017, pág. 400

administrativo, assim como portos de abastecimento para possibilitar viagens de maior duração. Através destes portos, assim como do clima de *Pax Romana*, a navegação poderia seguir além das águas mais tranquilas do Mar Mediterrâneo e possibilitaria rotas comerciais para fora do território controlado, como é o exemplo dos vestígios arqueológicos romanos que foram identificados nas Ilhas Canárias, que possivelmente corresponderiam às *Ilhas Afortunadas* referidas nas fontes clássicas¹⁰⁷.

Observando os mais recentes dados relativamente à costa portuguesa, a arqueologia subaquática tem conseguido identificar vários vestígios espalhados ao longo do território, tendo sido identificados cepos de ancora e ânforas desde a ponta mais ocidental do Algarve até a foz do Rio Lima, com especial concentração na costa algarvia e nas áreas costeiras próximas da foz do Tejo e do Sado, áreas de forte ocupação romana comprovada¹⁰⁸.

A proximidade ao Estreito de Gibraltar e o facto desta região se tratar de uma fronteira antes da entrada em Oceano Atlântico aberto, confere-lhe um especial interesse estratégico e económico para os povos mediterrânicos. Assim sendo, a influencia oriental durante o período clássico é notável e estes portos são considerados herdeiros dos portos proto-históricos da Turdetânia, nome dado à região antes da ocupação romana consolidada, que se refere aos Turdetanos, um dos povos nativos desta região, que teria contactos comerciais frequentes com os povos do oriente mediterrânico séculos antes da chegada dos romanos¹⁰⁹.

Apesar da integração do Algarve na esfera de influência romana no final no século III a.C., logo após a Segunda Guerra Púnica, a influência oriental manteve-se durante o período de domínio romano, juntamente com as características culturais bastante próprias das áreas meridionais do território romano¹¹⁰.

Relativamente à navegação para o interior do território são dois os rios que apresentam condições para tal, o Rio Gilão perto de Tavira onde não foi identificado nenhum marco significativo de ocupação em período romano, e o Rio Arade que desagua perto de Portimão, então navegável até Silves. Apesar destes dois rios oferecem algumas condições de navegabilidade uns escassos quilómetros para interior, é o Rio Guadiana que se destaca e que oferece uma verdadeira alternativa à transposição da serra até *Myrtilis*.

¹⁰⁷ Mantas, 2013, pág. 335

¹⁰⁸ Bombico, 2015, pág. XIV

¹⁰⁹ Mantas, 2016, pág. 27

¹¹⁰ Mantas, 2004, pág. 79

Nas fontes clássicas, nomeadamente na *Geografia* de Estrabão, obra escrita no virar da Era, este rio é descrito como uma importante via para circulação e transporte de mercadorias, nomeadamente dos metais não preciosos que identifica como sendo extraídos entre o vale do Guadiana e do Tejo.

*“O Anas também é navegável, mas não para barcos tão grandes, nem por tamanha distância. Elevam-se igualmente sobre ele montanhas com minério, que se prolongam até ao Tejo”*¹¹¹

Assim a utilização do mar para transporte de mercadorias originárias da Turdetânia, onde estão incluídas pelo menos as cidades de *Baesuris*, *Balsa* e *Ossonoba* e de onde *Ipses* e *Cilpes* também não devem ser excluídas, é referida por Estrabão pela enorme afluência de navios originários desta zona que chegavam a *Ostia*, porto de Roma, e *Dicaerquia*.

*“Quanto à abundância das exportações da Turdetânia, evidencia-a o tamanho e a quantidade dos seus barcos: de facto, os seus enormes navios de comércio viajam por mar para Dicaerquia e para a Ostia (porto de Roma) e, pelo seu número, equivalem-se mais ou menos aos dos Líbios”*¹¹²

A utilização do Guadiana para transporte e a proximidade que conferia entre *Myrtilis* e o Oceano Atlântico permitem um desenvolvimento e entrada cultural latina e oriental para o interior do território, sendo que esta riqueza presente na região é comprovada pela emissão de moeda própria em *Myrtilis*, assim como em *Baesuris*¹¹³. Para o período em estudo, o Castelinho dos Mouros apresenta-se como um caso notável da presença romana junto ao *Anas*, sendo que esta estrutura foi identificada nos anos 70 do século XX por Manuel Maia e insere-se na tipologia de “*castella*”, edifícios fortificados, neste caso de pequena dimensão.¹¹⁴ O Castelinho dos Mouros seria dominante na paisagem, pois os derrubes identificados, assim como alguns muros preservados com 2,35 metros, apontam para a possibilidade de ter atingido aproximadamente 10 metros de altura¹¹⁵.

A ocupação deste espaço terá ocorrido entre final do século II a.C. e final do século I a.C. e a falta de identificação de materiais que afirme uma finalidade totalmente militar

¹¹¹ Estrabão, *Geo*, III, 2.3. – “ἔχει δὲ καὶ ὁ Ἄνας ἀνάπλων, οὔτε δὲ τηλικούτοις σκάφεσιν οὔτ’ ἐπὶ τοσοῦτον. ὑπέρεται δὲ καὶ αὐτοῦ μεταλλείας ἔχοντα ὄρη, καθήκει δὲ ταῦτα πρὸς τὸν Τάγον”; Deserto & Pereira, 2016, pág. 45

¹¹² Estrabão, *Geo*, III, 2.6. – “τὴν δὲ ἀφθονίαν τῶν ἐκκομιζομένων ἐκ τῆς Τουρδητανίας ἐμφανίζει τὸ μέγεθος καὶ τὸ πλῆθος τῶν ναυκληρίων· ὀλκάδες γὰρ μέγισται παρὰ τούτων πλέουσιν εἰς Δικαιάρχειαν καὶ τὰ Ὠστια τῆς Ῥώμης ἐπίνειον· τὸ δὲ πλῆθος μικροῦ δεῖν ἐνάμιλλον τοῖς Λιβυκοῖς.”; Deserto & Pereira, 2016, pág. 48

¹¹³ Rodrigues, 2004, pág. 35

¹¹⁴ Gradim et al., 2015, pág. 58

¹¹⁵ Gradim et al., 2015, pág. 58

para este edifício, aponta para que tivesse principalmente uma função de afirmação da presença romana no território, enquanto parte de um processo de reestruturação da paisagem e primazia da utilização do *Anas* enquanto via de circulação¹¹⁶. A identificação predominante de ânforas Mañá-Pascual e Carmona/Ramon Torres 8.2.1.1., permitem afirmar que o abastecimento deste *castellum* seria principalmente assegurado por importações proveniente da Baía de Cádiz¹¹⁷.

Conforme estes dados sugerem, foi a fácil circulação marítima, proporcionada pela ação conjunta dos ventos favoráveis e das marés, que fomentou a proximidade e interação entre as cidades próximas do Estreito de Gibraltar, definindo esta região como uma última fronteira mediterrânica, ou “pré Mediterrânico”, como Orlando Ribeiro afirmou¹¹⁸.

4.1.3. Capacidade Produtiva Agrícola

Observando o Algarve e a sua diversidade, é fácil entender que as capacidades de produção agrícola são diferentes nas várias zonas do território, dependendo não apenas da capacidade do solo, mas também do acesso e proximidade a recursos hídricos, tão importantes numa região onde a pluviosidade é rara. Registam-se valores anuais de precipitação inferiores a 500 mm nas zonas costeiras e em parte do barrocal, apresentando valores que quase duplicam nas zonas de serra, que propiciam o escoamento através de rios de pequena dimensão e ribeiras até as áreas costeiras onde há mais povoamento.

Assim sendo, recorrendo a Sistemas de Informação Geográfica, conseguimos entender melhor a capacidade regional para produção de bens agrícolas, que permite entender quais seriam as características da economia local.¹¹⁹

¹¹⁶ Gradim et al., 2012, pág. 63

¹¹⁷ Gradim et al. 2015, pág. 59

¹¹⁸ Fabião, 2021, pág. 26

¹¹⁹ Nicolau, 2002 - <https://snirh.apambiente.pt/snirh/atlasagua/galeria/mapasweb/pt/aa1008.pdf> consultado a 10/08/2021

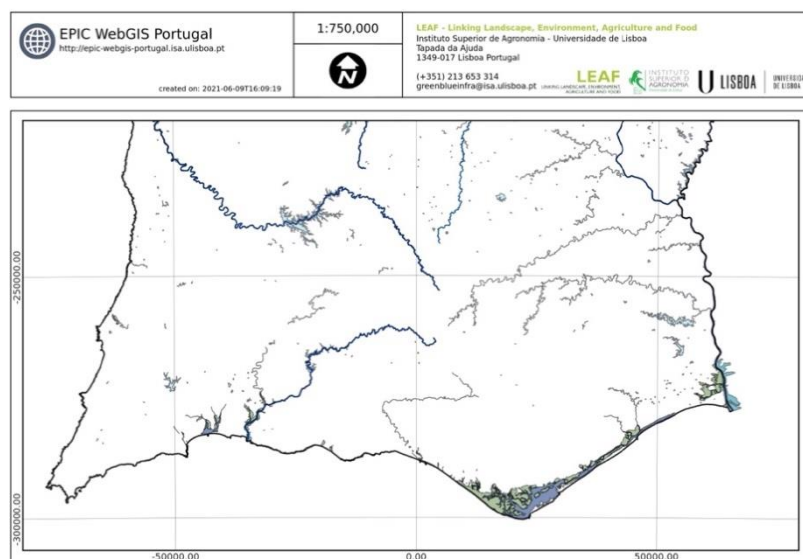


Figura 4.4 - Linhas de água e Massas de água e zona húmidas

Fonte: <http://epic-webgis-portugal.isa.ulisboa.pt> consultado a 10/09/2021

No sistema de SIG disponibilizado pelo Instituto Superior de Agronomia é possível observar a falta de cursos de água de grande dimensão na região, que conta, por outro lado, com um número considerável de pequenos ribeiros. Tal dá-se pela proximidade das serras à costa, não permitindo a formação de bacias e redes hidrográficas de maior dimensão.

Na zona mais oriental após a coordenada 50000.00, onde se localiza Castro Marim (*Baesuris*), é possível observar o Rio Guadiana, onde o fluxo de água é permanente ao longo do ano, mas onde, até perto de Castro Marim, o desnível entre o curso de água e as margens é considerável, não permitindo a existência de planícies aluviais propícias para agricultura nas suas margens. Junto a este rio, podemos observar três afluentes, a Ribeira do Vascão e a Ribeira de Odeleite que são de média dimensão e a Ribeira de Cadavais que é de menor dimensão.

Entre a coordenada 0.00 e 50000.00, precisamente onde se localizam as cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, apenas são identificados dois cursos hídricos com relevância, são eles o Rio Gilão e a Ribeira de Almargem junto à atual cidade de Tavira. Apesar do reduzido número de cursos de água de maior dimensão, esta zona é percorrida por vários cursos hídricos sazonais que têm origem no barrocal ou na Serra do Caldeirão e que desaguam na Reserva Natural da Ria Formosa, que apesar de se tratar de uma planície aluvial, a sua proximidade ao mar confere-lhe um grau de salinidade que não permite a ocupação dos terrenos com agricultura, no entanto esta reversa natural oferece grandes oportunidades para a exploração de recurso marinhos.

Entre a coordenada -50000.00 e 0.00 podemos observar um maior número de cursos de água de dimensão pequena e média, sendo a maioria permanentes ao longo do ano. No extremo Este deste quadrante encontramos a ribeira de Quarteira, que desagua junto a Vila Moura. Seguindo para Oeste encontra-se a Ribeira de Alcantarilha que desagua junto a Armação de Pêra, dando início a uma nova morfologia da costa que segue até ao Cabo de S. Vicente e que se caracteriza pela presença de arribas sedimentares na maioria da costa.

Mais a Oeste encontramos o Rio Arade, o único com um caudal suficientemente grande e estável para ser navegável até Silves, que se localiza a cerca de 15 Km da foz, sendo que este rio já apresenta algum nível de potencial agrícola pela sua dimensão que não permite a entrada de muita salinidade até ao interior. O seu curso é bastante regular, nascendo na Serra do Caldeirão e juntando-se a cerca de 10 Km da Foz com a Ribeira de Odelouca, que nasce na Serra do Caldeirão.

Mais a Oeste encontramos o Rio Alvor que, junto da vila com o mesmo nome, se junta com a Ribeira de Odiáxere, formando uma baía de águas calmas com demasiada salinidade para a agricultura, mas que oferece excelentes condições para os navios fundearem em segurança.

Finalmente no extremo ocidental deste quadrante encontramos a Ribeira de Bensafrim que desagua junto a Lagos, sendo que esta ribeira não tem grande potencial agrícola nem oferece boas condições de navegabilidade, permitindo apenas a navegação até junto da foz onde as embarcações poderiam ancorar.

No quadrante mais ocidental, que engloba toda a costa algarvia a Oeste da coordenada -50000.00, é notável a falta de cursos de água com volume assinalável, o que também justifica a falta de achados arqueológicos de período romano a Oeste de Lagos e da Ribeira de Bensafrim. O único curso de água relevante nesta zona trata-se da Ribeira de Aljezur, já localizada em plena costa atlântica, tratando-se de um pequeno curso de água com condições de navegabilidade extremamente reduzidas.

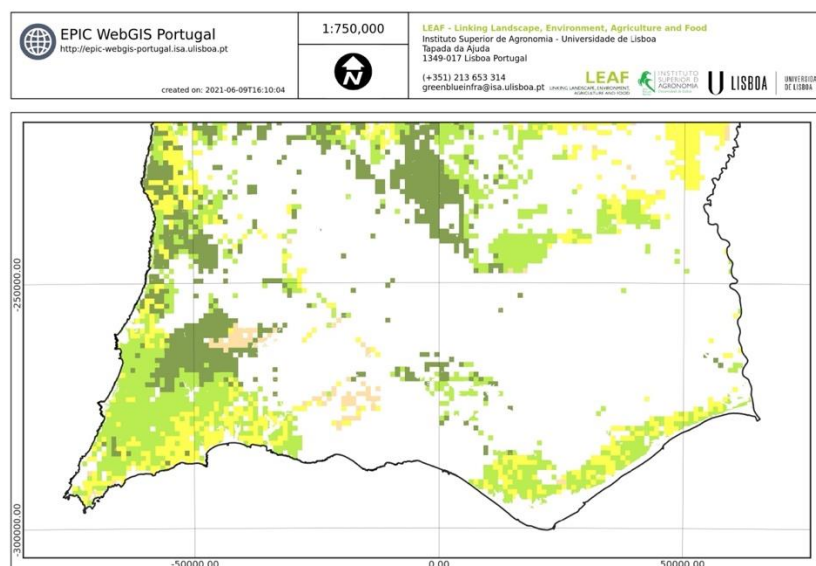


Figura 4.5 - Aptidão agroecológica ao cultivo de trigo mole em regime de sequeiro

Fonte: <http://epic-webgis-portugal.isa.ulisboa.pt> consultado a 10/09/2021

Após entender um pouco mais a disponibilidade hídrica na região, é importante compreender a capacidade que o terreno tem para a produção de culturas agrícolas, sendo é geralmente quantificada através da produção de trigo, elemento base para a cultura ocidental através da moagem e produção de farinha e consequentemente, de pão. Para que este estudo fosse mais fidedigno à época, o critério de utilização do mapa passou por escolher esta a cultura em regime de sequeiro, o que por outro lado leva a que existam algumas áreas em falta no mapa, por não se tratar do regime mais frequente na atualidade.

Este mapa assinala por cores a capacidade produtiva do trigo, dividindo em níveis com uma escala crescente entre 1 e 4 a capacidade produtiva do terreno.

No quadrante a Este da coordenada 50000.00, onde se localiza o vale do Guadiana e a costa mais oriental do Algarve, é possível observar uma faixa junto à costa com uma boa capacidade produtiva onde toda a área é classificada enquanto nível 2 e nível 3. Apesar da existência de poucos dados junto ao Guadiana é possível encontrar quadriculas de nível 3 junto à localização de *Baesuris* e algumas quadriculas com o nível 4 mais no interior, mas ainda próximo de onde estaria a cidade romana.

No quadrante que se localiza entre as coordenadas 0.00 e 50000.00 precisamente onde se encontram as cidades de *Balsa* e *Ossonoba*, assim como alguma grandes *villae* rurais, podemos observar um elevado nível de fertilidade, com uma faixa que segue pela costa com bastantes zonas avaliadas no nível 2 e com predominância de quadriculas com o

nível 3. No zona mais ocidental deste quadrante e mais para interior, contemplando a extensa área de barrocal que aqui existe, predomina as classificações entre o nível 3 e o nível 4, apresentando um grande potencial para a produção desta cultura.

Entra a coordenada -50000.00 e 0.00 podemos observar um baixo nível de potencial para a produção agrícola, classificado apenas como nível 1 na zona central e na zona Este deste quadrante. Já na zona mais ocidental, onde se encontrariam as cidades de *Cilpes* e *Ipses*, a categoria da aptidão agroecologia é bastante positiva, sendo a maioria da área qualificada com o nível 2 e 3 e tendo até uma grande “mancha” classificada com o nível 4 junto à Serra do Caldeirão, que, no entanto, pela sua orografia se trata de uma zona de fraco povoamento.

A Oeste da coordenada -50000.00 é possível observar uma excelente classificação da aptidão agroecológica de produção de trigo mole, com algumas áreas identificadas com o nível 2, com uma grande predominância de quadriculas avaliadas como pertencentes ao nível 3 e um número considerável de quadriculas assinaladas com o nível 4, principalmente no interior junto à verte Oeste da Serra do Caldeirão. Apesar desta classificação ser significativa para a avaliação do potencial agrícola desta região, não podemos ignorar que a grande quantidade de zonas avaliadas nesta zona se deve também à menor densidade populacional que as restantes áreas do Algarve na atualidade, levando menos à exaustão dos seus recursos hídricos e preservando o solo passível de produção agrícola.

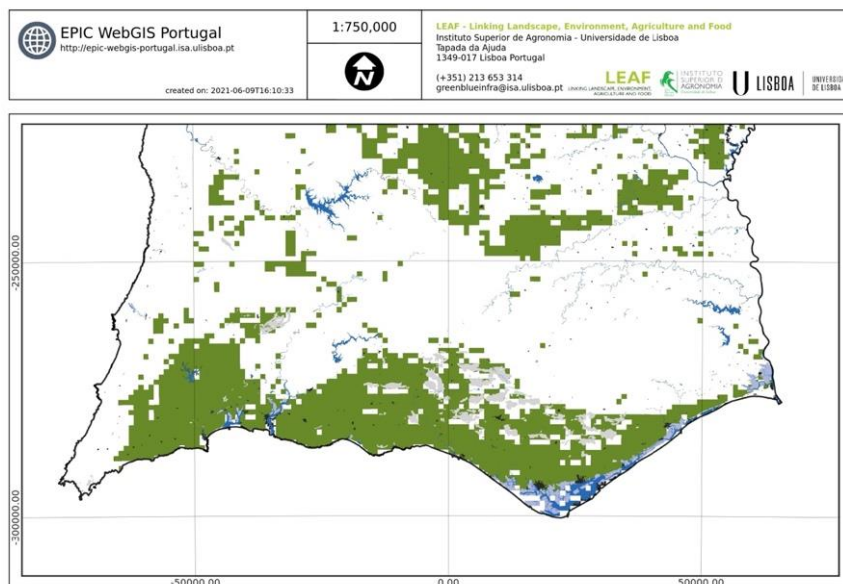


Figura 4.6 - Aptidão integrada ao Olival tradicional

Fonte: <http://epic-webgis-portugal.isa.ulisboa.pt> consultado a 10/09/2021

Observando uma vez mais o mapa da região em estudo, observamos uma distribuição da aptidão integrada ao olival tradicional bastante de acordo com o povoamento da região na antiguidade, refletindo a importância deste bem para a economia local.

Na zona mais a Este, após a coordenada 50000.00, são poucas as avaliações feitas, no entanto observamos algumas quadriculas junto à costa, assim como estão presentes quadriculas assinaladas junto à localização de Castro Marim.

Entre a coordenada 0.00 e 50000.00 observamos uma grande extensão ao longo do litoral e pela maioria da área do barrocal algarvia onde a aptidão para esta cultura é elevada, dando um grande potencial produtivo para esta área.

Sendo a aptidão desta cultura bastante homogênea a Oeste da coordenada 0.00, podemos observar que toda esta zona onde estão localizadas as cidades de *Ipse* e *Cilpes* apresenta uma grande área com boa aptidão integrada para a olivicultura, excetuando a costa Atlântica após o Cabo de São Vicente.

Entendendo assim as características do território para a produção agrícola, podemos observar como a transformação desses produtos desempenhava um papel numa região que, apesar de um maior potencial para recursos marítimos, tinha também na atividade agrícola um motor de desenvolvimento.

Sítio	Características	Cronol.	Referências Bibliográficas
1 – Fonte Velha (Bensafrim, Lagos)	Um lagar	--	Alarcão, 1988a, 7/90; Carvalho, 1999, nº 4, p. 370.
2 – Abicada	Contrapesos ou prensas	Baixo Império	Alarcão 1988a, 7/107 Brun, 1997, p. 65,
3 – Vidigal (Mexilhoeira Grande, Portimão)	Lagar escavado na rocha	Baixo Império	Santos, 1971, p. 315; Alarcão, 1988a, 7/98; Carvalho, 1999, nº 5, p. 370.
4 – Vale do Marinho (Mexilhoeira Grande, Portimão)	Lagar escavado na rocha de cronologia duvidosa	Baixo Império	Alarcão, 1988a, 7/102; Carvalho, 1999, nº 6, p. 370.
5 – Milreu	Instalação vitícola prensa e cubas de recolha /lagar de vinho	Baixo Império	Alarcão, 1988a, 8/304; Hauschild, 1984; Carvalho, 1999, p. 170; Teichner, 2008.
5 – Milreu	Azeite	--	Teichner, 2003, p. 103-114; Teichner, 2008.
6 – S. João da Venda (Loulé)	Lagar e <i>cella vinaria</i>	--	Rocha, 1894; Santos, 1972, p. 167; Alarcão, 1988, 8/35; Carvalho, 1999, nº12, p. 370.
7 – Loulé Velho (Quarteira, Loulé)	Um peso de lagar	--	Alarcão 1988a, 8/300; Carvalho, 1999, nº 32, p. 382.
8 – Quinta de Marim	Três dolia encastrados no pavimento	Baixo Império	Rocha, 1895; Santos 1972, p. 264-265.
9 – Dona Menga (Luz, Tavira)	Mó de lagar	--	Alarcão 1988, 8/314; Carvalho, 1999, nº 33, p. 382.

Tabela 4.1 - Tabela com a inventariação de sítios arqueológicos de produção de vinho ou azeite

Fonte: Viegas, 2011, pág. 594

Aqui observamos a distribuição destes pequenos centros ao longo do território do Algarve, desde a identificação de um lagar em Fonte Velha, próximo de onde seria a

localização da cidade de *Lacobriga*, até a localizada mais a ocidente de três *dolia* encontradas perto de *Baesuris*.

Podemos também observar evidências arqueológicas da produção de azeite e vinho nas *villae* mais distantes das cidades, mas podemos constatar que essa distância é sempre reduzida, para que exista proximidade aos portos para facilitar o escoamento dos produtos e maximizar o lucro obtido com a produção. A complementaridade entre o campo (*ager*) e a cidade (*urbs*) em período romano, que já se faz notar em alguns sítios arqueológicos de período republicano, apresenta estes dois espaços como indissociáveis, constituindo, enquanto *civitas*, uma entidade única e interdependente¹²⁰.

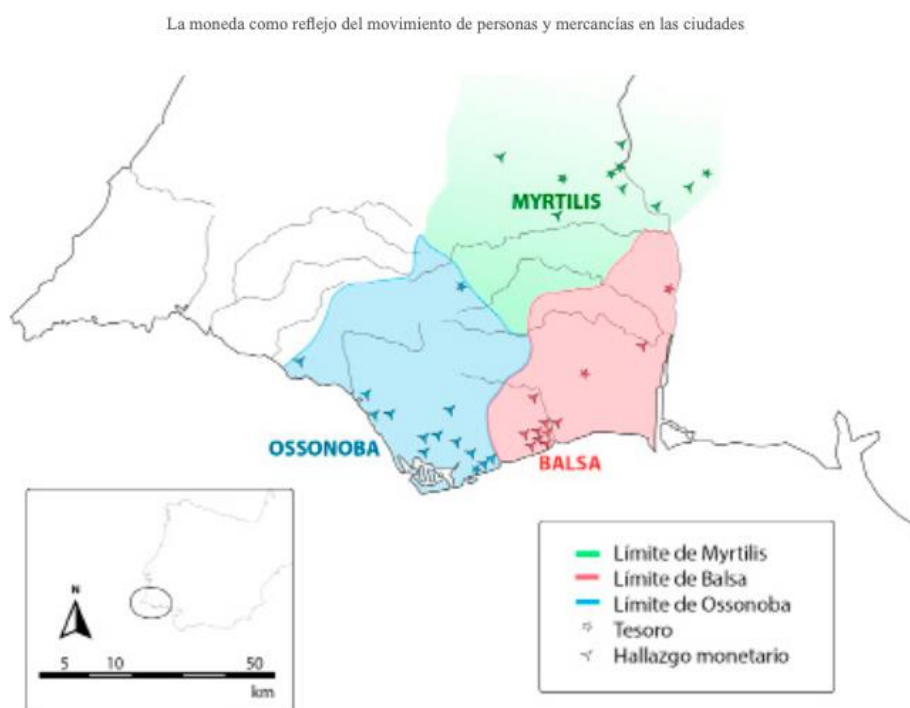


Figura 4.7 - "A moeda como reflexo do movimento de pessoas y mercadorias nas cidades" de acordo com a identificação de tesouros no território Balsa, Myrtilis e Ossonoba

Fonte: Arévalo González & Moreno Pulido, 2021, pág. 254

4.1.4. Recursos Marítimos no Algarve

Já observámos anteriormente a importância do mar para esta região, principalmente como principal via de circulação que permitiria uma ligação com o restante mundo clássico, seja ele mediterrâneo numa primeira instância ou atlântico que se começa a afirmar com a garantia do clima de segurança da *Pax Romana*. No entanto, o mar é também uma fonte de

¹²⁰ Bernardes, 2005, pág. 35

recursos com um enorme potencial para o desenvolvimento económico da região, podendo possivelmente até ser considerado como o meio de produção mais lucrativo.

Os textos clássicos de Estrabão, falam-nos da riqueza existente na costa da Turdetânia, onde identifica toda a costa algarvia pelo menos até *Ossonoba*¹²¹.

“Embora o interior seja tão rico na Turdetânia, também se encontrará na costa uma rival, graças aos bens do mar. Na verdade, todas as variedades de ostras e de outros animais revestidos de conchas se distinguem em geral, em quantidade e tamanho, em todo o Mar Exterior;”¹²²

Da costa algarvia seriam obtidos quatro produtos principais: os moluscos, o peixe para consumo, o sal e os preparados de peixe, este último fabricado com a utilização dos dois anteriores, sendo considerados como bem requintados para a culinária do mundo clássico.

Apesar da sua fama no mundo romano, este produto tem origem na Grécia clássica, sendo referido pela primeira vez no século V a.C. como *garos* ou *garon*, nome que seria utilizado não para o molho em si, mas para uma espécie de peixe em particular¹²³.

Os preparados de peixe, que tendem a ser erroneamente classificados como tratando-se apenas de *garum*, poderia dividir-se em várias variantes, sendo as mais consumidas precisamente esse e o *liquamen*.

Esta interpretação errada de que se trata do mesmo produto não é recente, sendo que no séc. I d.C. estes dois termos referem-se a tipos diferentes de preparados de peixe, enquanto no século V d.C. *garum* e *liquamen* parecem apresentar-se como sinónimos para referir-se ao mesmo produto¹²⁴.

O método de produção consiste na fermentação de peixe com uma grande quantidade de sal, em tanques que seriam deixados ao sol durante cerca de três meses, a diferença seria a utilização de todo o peixe para o fabrico de *liquamen* e a utilização de apenas algumas partes menos nobres do peixe para fabricar *garum*¹²⁵, tal como é descrito por Plínio, o Velho.

¹²¹ Castro-Paéz, 2018, pág. 41

¹²² Estrabão, Geo, III, cap. 2.7. – “Τοιαύτης δὲ τῆς μεσογαίας οὔσης τῆς ἐν τῇ Τουρδητανίαι, καὶ τὴν παράλιον ἐνάμιλλον εὖροι τις ἂν τοῖς ἐκ θαλάττης ἀγαθοῖς· τὰ τε γὰρ ὀστρεώδη πάντα καὶ κογχοειδῆ καὶ τοῖς πλήθεσιν ὑπερβάλλει καὶ τοῖς μεγέθεσι καθόλου κατὰ τὴν ἕξω θάλατταν πᾶσαν”; Deserto & Pereira, 2016, pág. 48

¹²³ Bacsa, 2015, pág. 12

¹²⁴ Bacsa, 2015, pág. 12

¹²⁵ Bacsa, 2015, pág. 12

“Outro líquido, também, de natureza muito requintada, é o conhecido por garum, preparado a partir dos intestinos e peixes e outras partes que seriam em casa contrário descartadas, macerado em sal, é em facto resultado da sua putrefação”¹²⁶

No mundo Clássico o sucesso regional da produção industrial dependia principalmente de duas condições que eram as garantias naturais necessária como a proximidade e facilidade de acesso às matérias-primas e às vias de escoamento para exportação dos produtos, e o reconhecimento deste próprio potencial pelas populações residentes e a sua capacidade para as utilizar. Estas condições foram precisamente as circunstâncias observadas no Sudeste da Hispânia, a *Baetica*, o sul da *Lusitania* e também junto à *Mauretania Tingitana*¹²⁷.

É importante referir que esta harmonia que se provou extremamente lucrativa para a região através do correto aproveitamento do seu potencial foi fortemente aproveitado a partir do século I a.C., alcançando o auge de popularidade no século I d.C., quando a presença romana na região se tornou mais consolidada¹²⁸.

A sua localização junto ao Estreito de Gibraltar confere a esta zona uma especial quantidade de espécies piscícolas que torna a pesca, e os produtos resultantes dessa atividade, num negócio extremamente lucrativo e estável, como é referido por Plínio, o Velho.

“Há indústria pesqueira, também de *scomber scombrus*¹²⁹ nas costas da *Mauretania* e em *Carteia* na *Bética*, perto do estreito que fica na entrada para o Oceano;”¹³⁰

O estudo das ânforas é relevante para calcular o volume total de exportações, e é importante referir que estas provas existem, como a descoberta recente de um navio a 90 metros de profundidade no Mar da Sicília com ânforas identificadas como Almagro 51C, de produção lusitana, possivelmente do vale do baixo Sado, e com presença comum na região

¹²⁶ Plínio, o Velho, XXXI, 31 “aliud etiamnum liquoris exquisiti genus, quod garum vocavere, intestinis piscium ceterisque, quae abicienda essent, sale maceratis, ut sit illa putrescentium sanies”; Tradução própria a partir da tradução em inglês <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D31%3Achapter%3D43#note2> consultado a 11/08/2022

¹²⁷ Borzić, 2011, pág. 65

¹²⁸ Borzić, 2011, pág. 66

¹²⁹ Termo genérico para linhaça, que inclui cavala e sardinha <https://www.fishbase.se/summary/Scomber-scombrus.html> consultado a 13/09/2022

¹³⁰ Plínio, o Velho, XXXI, 31 “scombrus et mauretania baeticaeque etiam carteia ex oceano intrantes capiunt, ad nihil aliud utiles”; Tradução própria a partir da tradução em inglês <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D31%3Achapter%3D43> consultado a 11/08/2021

do Algarve¹³¹. A vinculação de determinado tipo anfórico a certos produtos pode ser enganadora sem a realização de análises ao seu conteúdo. Desta forma, a associação a estruturas de produção pode ter levado a suposições erróneas relativamente ao produto que transportou, mesmo em casos que “*the archaeological context wasn’t entirely reliable*”¹³². Além disso, a identificação dos produtos e ânforas pela sua área de produção pode ser enganadora, como sugere Teichner e confirma Fabião, para Olissipo.

De acordo com esta hipótese, o Algarve importaria ânforas da Baía de Cádiz para transportar os seus produtos, e apesar de se tratar de uma prática que parece pouco provável, não deve ser descartada devido à falta de identificação de centros de produção oleira na região.¹³³ Em *Olisipo*, de acordo com os resultados das análises feitas à composição química de ânforas identificadas na Rua dos Correiros e na Casa do Governador da Torre de Belém, a origem é diversa, notando que seriam usadas para transportar preparados produzidos nestes locais¹³⁴. Fabião afirma ainda, apesar de admitir que a falta de dados arqueológicos não permite apresentar resultados definitivos, que a importação anfórica representa uma economia em rede entre as cidades do Estreito e que apenas no século III d.C., quando a produção de ânforas se torna significativa no Algarve, a cooperação com *Gadir/Gades* é substituída por um clima de competitividade¹³⁵.

¹³¹ <https://www.publico.pt/2021/08/10/ciencia/noticia/descoberto-mar-sicilia-embarcacao-romana-carregada-anforas-portuguesas-1973616> consultado a 11/08/2021

¹³² Bernal-Casasola, 2021, pág. 215

¹³³ Teichner & Pujol, 2008, pág. 303-314

¹³⁴ Fabião, 2021, pág. 34; Fabião não comenta a origem destes materiais, mas descarta a sua produção em *Olissipo*

¹³⁵ Fabião, 1998, pág. 718

POSSIBLE CONTENTS	7th-6th c. BC	5th c. BC	4th c. BC	3rd c. BC	2nd c. BC	1st c. BC

FIGURE 1. KEY AMPHORAE TYPES PRODUCED ALONG THE COASTS AND INLAND AREAS OF THE SOUTHWEST OF THE IBERIAN PENINSULA BETWEEN THE 7TH AND 1ST CENTURIES BC.: 1) T-10121; 2) 'IONIAN' AND OTHER GREEK IMITATIONS; 3) PELLICER B-C; 4) FLORIDO V-2; 5) PELLICER D; 6) IMITATIONS OF GRAECO-ITALIC VESSELS; 7) DRESSSEL 1A; 8) T-7433; 9) DRESSSEL 1C; 10) GADITAN OVOID; 11) TIÑOSA/T-8112; 12) EARLY T-11210; 13) LATE T-11213; 14) T-8211; 15) T-12111; 16) T-12111/2; 17) T-9111; 18) T-12112; 19) CLAY BARRELS. THE BLACK DOTS INDICATE THE VERIFICATION OF THE AMPHORA-CONTENT RELATIONSHIP THROUGH THE STUDY OF MACRO-RESTS OR CONTENT ANALYSIS; THE WHITE DOTS INDICATE A HYPOTHETICAL ATTRIBUTION (RELATED TO LITERARY SOURCES OR OTHER INDIRECT EVIDENCE).

Figura 4.8 - Identificação de tipos anfóricos produzidos na costa sudoeste da Península Ibérica e o possível conteúdo associado a cada um

Fonte: Bernal-Casasola, 2021, pág. 216

Ainda assim, nos últimos anos, os investigadores de várias áreas têm demonstrado um crescente interesse no estudo dos selos e grafittis (*tituli picti*) identificados nas ânforas e que estão muitas vezes relacionados com a indústria a que estão associados. Desta forma pode obter-se informação relativa à origem, conteúdo e distribuição dos recipientes anfóricos¹³⁶.

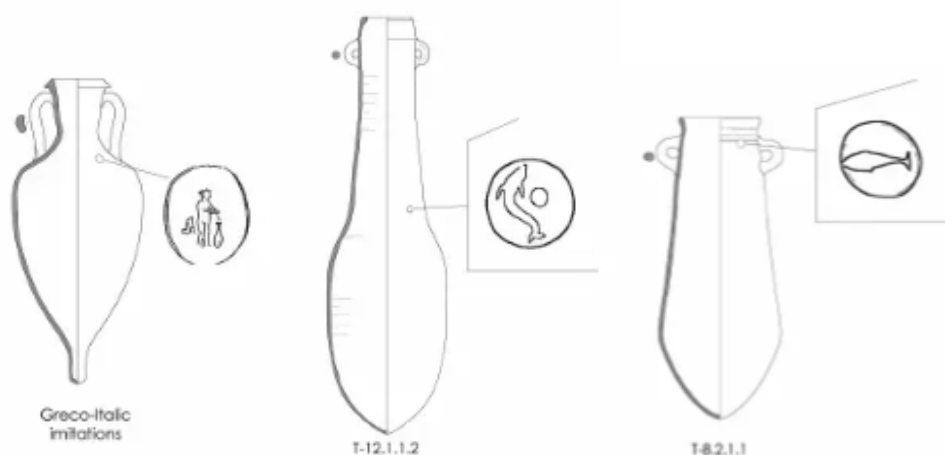


Figura 4.9 - Representações presentes em ânforas de influência púnica produzidas na Baía de Cádiz entre os séculos IV a.C. e II a.C.

Fonte: Bernal-Casasola, 2021, pág. 217

¹³⁶ Teichner & Pujols, 2008, pág. 304

Por outro lado, a investigação arqueológica aponta para um nível muito baixo de produção anfórica no Algarve até ao séc. I a.C., estando apenas identificados dois sítios onde a produção data do início do período imperial, São Bartolomeu de Castro Marim e Manta Rota.¹³⁷ Observamos que a identificação de materiais anfóricos no Algarve, apesar de frequente, será mais adequada para compreender o volume de importações, não o volume de exportações e de produção na região.

Apesar das ânforas identificadas que comprovam a existência de rotas comerciais nesta região, a distribuição de evidências arqueológicas da produção de preparados de peixe permite-nos ter uma visão mais concreta quanto à sua dimensão (e distribuição) em unidades industriais locais. Estes preparados poderiam ser produzidos em meios rudimentares para produção em pequena escala, mas a produção a um nível mais industrial seria obtida com a utilização de grandes tanques retangulares de tamanho variável por vezes escavados no solo e com as paredes cobertas por *opus signinum* que conferia impermeabilidade, o seu nome é cetárias.¹³⁸

¹³⁷ Bernardes & Viegas, 2016, pág. 81-83

¹³⁸ Barata & Ramos, 2021, pág. 70

Sítio	Características	Cronol.	Referências Bibliográficas
1-Beliche	Uma cetária	--	Veiga, 1910, p. 210; Santos, 1971, p. 69; Alarcão, 1988a, 7/159
2-Ihéu da Baleeira	Uma cetária	--	Santos, 1971, p. 69; Alarcão, 1988a, 7/161.
3-Salema	Cetárias	--	Veiga, 1910, p. 211; Santos, 1971, p. 77; Alarcão, 1988a, 7/131.
4-Boca do Rio	Várias cetárias de tamanho regular dispostas em duas fileiras	Séc. I – IV / V	Veiga, 1910, p. 212; Figueiredo, 1906, p. 113-114, Santos, 1971, p. 78-106; Alarcão, 1988a, 7/132.
5-Burgau	Cetárias	Séc. ? -IV	Veiga, 1910, p. 218; Santos, 1971, p. 107; Alarcão, 1988a, 7/143.
6-Senhora da Luz	Alinhamento de tanques	Séc. I-IV	Veiga, 1910, p. 220; Santos, 1971, p. 108; Alarcão, 1988a, 7/141.
7-Lagos – “Bon vivant”	Notícia de tanques	--	Ramos e Almeida, 2005; Ramos, 2008.
7-Lagos R. Silva Lopes	Unidade	Séc. I-VI	Ramos e Almeida, 2005; Ramos, Almeida e Laco, 2006, p. 83-100.
7-Lagos (Rua 25 Abril)		Séc. IV	Ramos, 2008, p. 87-98.
7-Monte Molião (Lagos)	Cetárias	Séc. I – II	Bargão, 2008, p. 169-189.
7-Meia praia (Lagos)	Cetárias	--	A confirmar
8-Vau / Alvor (Portimão)	Série de 15 tanques	--	Figueiredo, 1906, p. 112, Fig. 2, p. 115; Veiga, 1910, p. 226-227; Santos, 1971, p. 124-125, fig. 24; Alarcão, 1988a, 7/11.
9-Portimões (Portimão)	Série de tanques	Séc. I (?) – III-IV	Veiga, 1891, p. 569-570, Veiga, 1910, planta nº 2; Figueiredo, 1906, p. 116, Fig. 3; Santos, 1971, p. 133; Alarcão, 1988a, 7/117 e 7/146.
10-Baralha (Portimão)	Cetárias	--	Marques <i>et al.</i> , 1992, p. 47; Fabião 1994.
11-Ferragudo (Portimão)	“estabelecimento de salga de peixe”	Séc. I (?)	Santos, 1971, p. 135; Alarcão, 1988a, 7/147.
12-Armação de Pêra (Silves)	“tanques romanos de salga de peixe”	--	Santos, 1971, p. 141; Alarcão, 1988a, 7/152.
13-Cerro da Vila	Dois tanques	Séc. I ou II (?)	Santos, 1971, p. 142; Alarcão, 1988a, 8/298.
14-Quarteira	“estabelecimento de salga”	Séc. I aC ?	Veiga, 1910, p. 233; Santos, 1971, p. 149; Alarcão, 1988a, 8/299.
15-Loulé Velho (Loulé)	“estabelecimento de salga”	Séc. I a.C – IV	Paço e Farrajota, 1966, p. 75-76; Santos, 1971, p. 151-152, fig. 56-61; Alarcão, 1988a, 8/300.
16-Quinta do Lago (Loulé)	Fila com 5 tanques	Séc. m. I- V	Arruda e Fabião, 1990, p. 199-213, fig. 57.
17-Faro (Av. da República)	“Três tanques de salga”	--	Rosa, 1984, p. 153; Alarcão 1988a, 8/322.
18-Olhão	Série de tanques nas docas	--	Iria, 1950, p. 726-728; Santos, 1971, 215-216, fig. 78-79; Alarcão 1988a, 8/323.
19-Quinta de Marim (Olhão)	Cetárias	Séc. I-V	Alarcão 1988a, 8/311; Silva, Soares e Coelho-Soares, 1992, p. 335-374.
20-Balsa (Pedras d’el Rei)	Tanque		A confirmar
20-Balsa (Quinta das Antas)		Séc. I-V	Figueiredo, 1906, p. 118, fig. 5, Santos, 1971, p. 288-290, fig. 115-116.
20-Balsa (Quinta de Torre de Ares)	Unidade com planta em U com, pelo menos, 9 cetárias	Séc. ? – V-VI ?	Maia e Maia, 1978; Alarcão, 1988a, 8/319.
21-Quinta do Muro (Vila Real de Santo António).	4 tanques e outros na praia	Séc. I-II ?	Figueiredo, 1906, p. 119-120, fig. 6; Santos, 1971, p. 309; Alarcão 1988a, 8/281.
22-Cacela	--	--	Alarcão, 1988a, 8/382.

Tabela 4.2 - Inventário da identificação de cetárias e outras infraestruturas produtoras de preparados de peixe

Fonte: Viegas, 2011, pág. 593

Neste inventário de infraestruturas produtivas, podemos observar uma distribuição bastante abrangente ao longo do território algarvio, com a identificação nos extremos a ocidente de uma cetária em Beliche, a apenas alguns quilómetros do ponto mais ocidental deste território no Cabo de São Vicente, e com a identificação de uma estrutura produtiva não especificada a oriente do território, em Cacela Velha, a meio caminho entre *Balsa* e *Baesuris*.

Observamos também uma distribuição que coloca a maioria dos centros produtores em zonas fora dos centros urbanos, mas mantendo alguma proximidade aos mesmos, assim como às vias e à costa.

Observamos a identificação de “*várias cetárias de tamanho regular dispostas em duas fileiras*” em Boca do Rio, precisamente no complexo onde foi recentemente identificado uma estrutura portuária da mesma época, apresentando um bom exemplo de autossuficiência destes centros produtores¹³⁹.

Vemos também uma identificação de sete sítios (5-7) próximos da cidade romana de *Lacobriga*, que apesar de não ter produzido moeda própria, se apresenta como um centro produtor de preparados de peixe com bastantes estruturas identificadas, refletindo a sua relevância económica na região.

Identificam-se cinco sítios arqueológicos (8-12) na proximidade da foz do Rio Arade, com grande proximidade a *Cilpes* e *Ipses*.

São identificados dois tanques juntos ao Cerro da Vila. Este sítio arqueológico é particularmente interessante para entender uma primeira fase de estabelecimento de estruturas romanas na região do Algarve num período em que o seu domínio se começava a afirmar. A definição deste sítio como uma *villa* pode não ser o mais correto, considerando-se que se trata de uma aglomeração secundária, ou seja, uma aglomeração populacional que não é a principal por ser encontrar sob a jurisdição de outro centro urbano¹⁴⁰, com a presença de estruturas habitacionais e produtivas¹⁴¹. Segundo Teichner, este aglomerado pode ter origem no final do período republicano, devido à identificação da estrutura A59, um edifício simples e de paredes grossas, assim como uma estrutura portuária de madeira identificado nas proximidades, também atribuído a esse período, quando o estuário avançava mais para o interior¹⁴². Esta estrutura portuária seria de pequenas dimensões, já que o principal porto de escoamento dos produtos aqui produzidos se encontraria em *Ossonoba*¹⁴³. Foi identificada neste sítio uma cunhagem de chumbo desta cidade, um indicador que os seus primeiros habitantes poderiam estar já inseridos na estrutura económica de uso de moeda que se desenvolvia na região durante este período¹⁴⁴.

¹³⁹ Viegas, 2011, pág. 593

¹⁴⁰ Leveau, 1993, pág. 278

¹⁴¹ Conejo Delgado, 2021, pág. 293

¹⁴² Teichner, 2017, pág. 421

¹⁴³ Teichner, 2017, pág. 422

¹⁴⁴ Conejo Delgado, 2021, pág. 299



Figura 4.10 - Estação arqueológica do Cerro da Vila, em Vila Moura

Fonte: <https://www.vilamouraworld.com/wp-content/uploads/2020/01/Museum-New-Slider-Image-02-1024x587.jpg> consultado a 16/09/2022

De acordo com a tabela, apresentam-se também 6 sítios identificados (14-19) que se localizam com bastante proximidade a *Ossonoba* e que utilizariam provavelmente o porto desta cidade como forma de escoamento da produção local, alguns destes sítios junto à costa e outros localizados mesmo em zonas rurais do barrocal algarvio.

No sítio da Quinta do Lago, concelho de Loulé, foram identificadas cinco cetárias revestidas em *opus signinum* datáveis do terceiro quartel do séc. I d.C., no entanto, neste sítio foram identificados materiais arqueológicos que apontam para a ocupação desde o início da centúria.¹⁴⁵ A identificação de uma taça (forma *Conspectus 23*) que se pode datar do segundo ou terceiro quartel do século I d.C. aponta para uma “relativa capacidade aquisitiva”¹⁴⁶ dos primeiros habitantes deste sítio.

Em 1996 foram identificadas no sítio de Loulé-velho, perto de Quarteira, materiais cerâmicos e 18 cetárias que, de acordo com os restantes materiais identificados, apontavam para uma datação tardia, já no Baixo Império.¹⁴⁷ No entanto, a datação por radiocarbono, feita alguns anos depois à malacofauna identificada juntos dos restos cerâmicos, aponta para

¹⁴⁵ Arruda & Alarcão, 1990, pág. 200

¹⁴⁶ Arruda, 2017, pág. 293

¹⁴⁷ Gomes & Serra, 1996, pág. 34

uma cronologia bastante anterior, que apesar de não permitir que seja apontada uma datação precisa, indica para os finais do séc. I a.C. ou inícios dos séc. I d.C.¹⁴⁸

São identificados também três sítios arqueológicos no território correspondente à cidade da *Balsa*, um deles de dimensão considerável, com nove cetárias, assim como são referidos outros dois sítios junto à costa, entre *Balsa* e *Baesuris*, refletindo a existência de centros produtores nesta zona perto da via que ligaria estas cidades junto ao mar, a principal fonte de recursos.

4.2. Influências Culturais no Sudoeste da Hispânia

As características semelhantes entre as cunhagens produzidas em território algarvio e a cunhagens de *Gadir/Gades* são uma clara referência à forte influência cultural e económica desempenhada por esta cidade como grande epicentro urbano, económico e social do sudoeste peninsular. Neste sentido, é necessário entender, não a introdução no Império Romano desta região, mas também as influências desempenhadas pelo mundo púnico, que se fundiram e deixaram uma forte marca nas comunidades locais, permitindo o desenvolvimento de identidades próprias que mantiveram claros traços de influência púnica, pelo menos até o início do período imperial.

A linearidade habitualmente atribuída ao processo de romanização após a conquista romana trata-se de uma mera ilusão que não se verifica na administração provincial nem na cultura material, particularmente nas regiões mais periféricas do mundo romano, como é o caso do sudoeste da Península Ibérica.

O expansionismo militar romano aumentou gradualmente, principalmente após a Primeira Guerra Púnica, no entanto, esta expansão territorial apresentou em período republicano uma clara carência de criação de infraestruturas administrativas que consolidassem o poder na Hispânia. Esta falta de coordenação administrativa, reflete claramente um Estado aristocrata mais preocupado com conflitos sociais no seu núcleo, no que nas demais regiões do seu território¹⁴⁹.

Observando a dimensão das duas províncias administrativas na Hispânia até ao período imperial, vemos que a divisão em *Citerior* e *Ulterior* tornaria estes territórios demasiado amplos para serem totalmente controlados pelas estruturas administrativas romanas, mas não podemos descartar que a organização destas províncias estivessem

¹⁴⁸ Gomes & Serra, 2001/02, pág. 20-22

¹⁴⁹ Woolf, 1995, pág. 11

fortemente influenciadas pelo poder dos *praetors* que poderiam influenciar a sua formação e que podem mesmo vir a justificar a não cunhagem de moedas em prata na *Hispania Ulterior*¹⁵⁰.

É importante ter em conta que até o século I a.C., os soldados não são um corpo profissional e permanente e no final de cada campanha regressam a *Italia* com o *praetor* com quem foram não representando assim, neste período, postos permanentes de controlo. Por outro lado, a sua permanência num determinado local, torna-os num mercado consumidor e dependente de recursos que podem estimular as economias locais e criar determinados laços de “lealdade”¹⁵¹.

Esta falta de consolidação administrativa, permitiu que as identidades locais demorassem mais tempo a moldar-se ao conceito de “ser romano”. Apenas recentemente os investigadores discutem o tema das identidades numa visão “não étnica”, baseando-se principalmente numa construção social e ao mesmo tempo uma clara ligação entre as comunidades e a sua relação com o território, objetos e praticas sociais e religiosas¹⁵².

Observando o mundo cartaginês nos seus territórios de influência ao longo do mediterrâneo central, ocidental e na área do sudoeste da Península Ibérica, é notável a ocorrência de fenómenos de diversificação, que são resultado de um alto nível de articulação cultural nestas regiões que eram então povoadas e ocupadas por culturas locais consideravelmente bem definidas. Isto elimina o conceito de uma unidade cultural púnica, mas desperta a existência de várias versões e níveis de “punicidade”, cuja configuração foi inevitavelmente moldada por fatores económicos e geográficos, assim como a relação com outros grupos étnico-culturais¹⁵³. Segundo Chavez Tristán, apesar de através dos vestígios materiais ser possível entender um pouco mais sobre o processo de definição identitária, em pouco ou nada são representativos da dimensão conceitos imateriais¹⁵⁴, que mais dificilmente deixa evidencias arqueológicas.

Quanto à criação de culturas mistas e híbridas, baseadas nas comunidades locais e no mundo púnico e posteriormente romano, é essencial ter em conta quando observamos as representações presentes nas cunhagens do sudoeste peninsular que esta região, como outras, já se encontravam sob influência romana há várias gerações até ser notável alguma alteração

¹⁵⁰ Ripollés, 2005, pág. 82

¹⁵¹ Roldán Hervás & Woolf Alonso, 2001, pág. 428

¹⁵² Van Dommelen, 2014, pág. 44

¹⁵³ Bondi, 2014, pág. 62

¹⁵⁴ Chavez Tristán, 2017, pág. 285-286

cultural e quando este processo de mutação cultural teve início, o mesmo ocorreu de uma forma contínua, não abruptamente¹⁵⁵.

Apesar desta clara punicidade na cultura material, como veremos, a definição de um “mundo púnico” torna-se uma tarefa ainda mais complexa, tendo em conta o desconhecimento de como as questões relativas à identidade eram observadas e interpretadas na antiguidade. Neste sentido, as moedas apresentam um ponto de partida útil na identificação da forma como as legendas e as imagens representam formas de pensar e a identificação das comunidades com determinadas simbologias¹⁵⁶.

É neste contexto que observamos a influencia que *Gadir*¹⁵⁷ exerce num processo constante de semitização do mundo ibérico e sudoeste peninsular, que tem o primeiro contacto consolidado e permanente com o mundo mediterrânico.¹⁵⁸

As características socioeconómicas e o passado púnico de *Gadir/Gades*, apresentaram-se logo após a Segunda Guerra Púnica como um motor ainda mais propício para a presença da cultura púnica na Hispânia, sendo que se registam materialmente provas que contingentes de população, que escapava do ataque romano ao epicentro do mundo cartaginês, migraram para *Gadir/Gades*¹⁵⁹.

Observamos nos materiais arqueológicos de índole funerária identificados em *Baelo Claudia* uma clara semelhança com aqueles encontrados em Balsa, refletindo crenças *post mortem* singulares e de forte influência púnica.

¹⁵⁵ Woolf, Fev. 1997, pág. 346

¹⁵⁶ Frey-Kupper, 2014, pág. 76

¹⁵⁷ Toponímia da cidade em período púnico

¹⁵⁸ Alexandropoulos, 1987, pág. 15

¹⁵⁹ Araújo de Lima, 2018, pág.123



Figura 4.11 - Zona Sul de Baelo Claudia, onde são observáveis cetárias e a zona portuária

Fonte: Autoria própria

A identificação de depósitos funerários em urnas retangulares, onde eram depositadas as cinzas dos falecidos em *Baelo Claudia* (denominada de *Bailo* até ao período do Imperador Cláudio), apresenta uma prática que, apesar de ser conhecida em território itálico, era também o rito funerário mais comum em Cartago.¹⁶⁰ Em *Balsa* foi identificada (oferecida a Estácio da Veiga) uma urna retangular em chumbo contendo “uma pessoa de terra idade”, isto deve-se ao facto de uma criança que ao não ser regida pelo *ius pontificatum* não tinha direito a uma prática de incineração, refletindo uma cultura funerária com forte influencia do passado púnico¹⁶¹. Recentemente foi identificada numa necrópole a noroeste de *Silla del Papa*, perto de *Baelo Claudia*, uma pequena fossa oval com cinzas, uma oferenda funerária que entre os vários objetos identificados conta com uma cunhagem de *Bailo*, que de acordo com os materiais se pode datar de aproximadamente 100 a.C., propondo que a produção monetária nesta cidade já era uma realidade no final do século II a.C.¹⁶².

Esta não é a única prática funerária invulgar atestada materialmente em *Balsa*, sendo que foi também identificada uma urna em vidro, a presença de restos humanos incinerados, um prego de cobre e uma moeda, como descreve Estácio da Veiga. Esta prática poderá ser

¹⁶⁰ Jimenéz, 2008, pág. 28

¹⁶¹ Pereira, 2018, pág. 260-261

¹⁶² Arévalo González, 2021, pág. 195-196

de influência púnica, sendo que a interpretação aponta que a presença destes pregos representa a transição sem retorno da morte ou representando a finalidade de fixação simbólica do corpo à terra, uma vez mais como representação da perpetuação da morte¹⁶³.

Apesar de por vezes esta influência púnica não ser facilmente comprovada por epigrafia, não significa que esta influência cultural não tenha perdurado. Recentemente, sociólogos americanos têm afirmado a existência do conceito de “*symbolic ethnicity*”, este conceito afirma que as comunidades locais mantêm as suas características identitárias e culturais sem perturbar a cultura maioritária (ou a do “Estado”) e tendem a demonstrar a sua diferença através de meios de representação considerados “inofensivos”. Assim, a representação de imagens de culto eram uma forma comum de apresentar as identidades locais¹⁶⁴.

Neste sentido, mesmo após a conquista romana do território, algumas cidades continuaram a produzir moedas com representações que fazem referência ao seu passado nativo, ou frequentes ligações culturais anteriores com as quais a população local se pudesse identificar¹⁶⁵.

Refletindo perante esta clara influencia orientalizante representada nas cunhagens das cidades do Algarve, é importante ponderar perante a proposta¹⁶⁶ que este fenómeno se pode explicar por uma colonização “demográfica” por parte de povoações oriundas do mundo Tartesso-turdetano, explicando a estreita relação entre esta região e o Tartesso do Baixo Guadiana e de *Gadir/Gades*¹⁶⁷.

Este fenómeno de colonização urbana poderá refletir-se nos próprios topónimos de algumas cidades em estudo. Se observamos o caso de *Balsa*, vemos que este topónimo se trata de uma referência ao culto de *Baal* e, portanto, representa uma maior influência direta púnica, ou até mesmo fenícia devido ao culto identificado em contexto arqueológico sob o Palácio da Galeria onde se localiza atualmente a cidade de Tavira¹⁶⁸.

Assim, a identificação de restos arqueológicos que comprovam a ocupação da colina onde se localiza atualmente o centro histórico de Tavira, aponta para um povoamento humano a nível urbano até pelo menos o século IV a.C., não resultando impossível colocar

¹⁶³ Pereira, 2018, pág. 99

¹⁶⁴ Kadellis, 2019, pág. 109

¹⁶⁵ Ripollés, 2005, pág. 91

¹⁶⁶ Torres Ortiz, 2005, pág. 193

¹⁶⁷ Almagro-Gorbea & Torres Ortiz, 2009, pág. 123

¹⁶⁸ Fraga da Silva, 2007, pág. 21; Fraga da Silva & Pereira Maia, 2003, pág. 171-194

a hipótese que esta população se tenha transferido para o local de Torre d'Aires, onde se localiza a cidade de Balsa¹⁶⁹.



Figura 4.12 - Espaço arqueológico em Tavira onde debaixo de uma casa apalaçada (séc. XV-XVI) foi identificada parte da muralha fenícia (séc. VIII a.C.), assim como várias estruturas turdetanas, onde se inclui um altar em forma de pele de boi (séc. IV a.C.)

Fonte: Autoria própria

Observando o topónimo *Ossonoba* vemos a presença do sufixo alterado “-uba”, também presente em *Onuba*, esta última datável de uma fase anterior, de possível ocupação ou influencia tartéssia do século X a.C. Quanto ao aglomerado urbano do Algarve, trata-se de uma fase posterior, já que não foram encontrados materiais arqueológicos anteriores ao século IV a.C.¹⁷⁰

Tendo em conta a relação de cooperação entre *Gadir* e Cartago, que pode ser confirmada por exemplo pelo tratado assinado pelas duas partes que previa o apoio militar no caso de um ataque por parte das populações ibéricas, não é de descartar que *Gadir* pudesse estar recetiva ao estabelecimento de população norte africana nos seus territórios de exploração, desde que o objetivo do mesmo fosse a atividade agrícola e a obtenção de recursos marinhos e os benefícios revertissem a seu favor¹⁷¹.

É precisamente durante a segunda metade do século IV a.C. que o processo de expansão gaditano se intensifica, correspondendo também com a fundação de duas cidades

¹⁶⁹ Arruda, 1999, pág. 25-26

¹⁷⁰ Almagro-Gorbea & Torres Ortiz, 2009, pág. 129; Barros, 2005, pág. 931-945

¹⁷¹ Arruda, 2005, pág. 76-77

onde a cultura material confirma a forte influência cultural de púnica e, indissociavelmente, do mundo tartéssico, sendo elas *Ossonoba* e Monte Molião, presumível local original da cidade de *Lacobriga*¹⁷².

É também frequente no mundo tartéssico a utilização do sufixo “-ipo”, particularmente em povoações junto às costas que eram considerados como portos comerciais¹⁷³ ou feitorias. Este topónimo, apesar de parcialmente corrompido, está presente no topónimo de *Ipses*, desta vez presente como um prefixo que permite apresentar a possibilidade de se tratar contemporâneo da segunda fase de colonização interna na Andaluzia Ocidental e ao largo da Baía de Cádiz, o que propõem que as cidades que utilizam “-ipo” como sufixo seriam estabelecidas numa fase posterior de colonização da costa atlântica portuguesa¹⁷⁴.

A utilização deste sufixo pode também ser associado ao topónimo de *Cilpes*, que assim se trataria de uma feitoria de influência ou colonização direta do mundo tartéssico em período possivelmente anterior a *Ipses*, não descartável devido à sua proximidade geográfica e controlo estratégico do Rio Arade. Esta hipótese é no entanto remota por questões cronológicas, tendo em conta que as evidências arqueológicas identificadas no Cerro da Rocha Branca, local proposto para a localização concreta de *Cilpes* apontam para um nível de ocupação urbano inicial datável entre os séculos VII a VI a.C.¹⁷⁵ Recorrendo à hipótese já apresentada anteriormente, que liga a fundação de *Ossonoba* ao processo de expansão gaditana, os resultados arqueológicos das escavações no local de *Ipses* indicam que este povoado terá também origem num período um pouco posterior ao de *Cilpes*, apontando a sua fundação entre o século V e IV a.C., apresentando-se como um núcleo urbano amuralhado de importância significativa neste período da Idade do Ferro¹⁷⁶. É debatida qual seria a cidade com maior importância administrativa na parte ocidental do Algarve, sendo que a hipótese de ser *Cilpes* é cada vez mais contestada pela sua localização pouco estratégica, longe da costa e das principais rotas comerciais e com uma envolvente topográfico que não favorece o desenvolvimento urbano¹⁷⁷. As escavações arqueológicas dos anos 80 apontam que a atividade metalúrgica teria uma importância significativa para a economia local logo nos séculos após a sua fundação¹⁷⁸.

¹⁷² Martí-Aguilar, 2018, pág. 121

¹⁷³ Torres Ortiz, 2005, pág. 194

¹⁷⁴ Almagro-Gorbea & Torres Ortiz, 2009, pág. 129

¹⁷⁵ Arruda, 1999, pág. 26

¹⁷⁶ Pereira, 2018, pág. 92

¹⁷⁷ Bernardes et al. 2010, pág. 362

¹⁷⁸ Arruda, 1999, pág. 27

Por outro lado, Ruivo defende que a presença de -ipo nos topónimos poderá estar associada a uma fundação pré-romana de origem celta ou túrdula, como refletido em *Olisipo* ou *Collipo*. Seguindo esta linha de pensamento, as cidades do Barlavento algarvio poderão ter a sua fundação associada a uma cultura, ou ligação cultural, diferente das cidades do Sotavento¹⁷⁹.

Indo além do conceito de “gaditanização”, é importante ter em conta que os dados apontam para que estas cidades, apesar de terem uma relação económica e social evidente com *Gadir/Gades*, teriam um sistema político-administrativo razoavelmente autónomo, controlando as suas próprias atividades económicas e funcionando “em rede”. Segundo Arruda, estes povoados abastecer-se-iam de produtos exógenos (pelo menos numa primeira fase) e cada um teria a sua própria região de exploração territorial e comercial. Mesmo a sua posição ao longo da costa do Algarve parece apontar para autonomia entre elas, à exceção talvez de *Ipses* e *Lacobriga* que possivelmente, através do domínio visual que ambas as cidades tinham sobre a foz do Arade, pudessem garantir o controlo desta via de acesso ao interior¹⁸⁰.

É também importante ter em conta que este fenómeno significa que a cidade de *Gadir/Gades* influenciava a cultura das cidades suas parceiras comerciais no ocidente da Hispânia, no entanto temos também de ter em conta que se esta relação entre *Gadir/Gades* e os seus parceiros exportava a cultura púnica local, é importante referir que a influência desta cidade seria também um epicentro de romanização cultural. A partir do início do século III a.C. começam a observar-se algumas mudanças culturais em *Gadir/Gades*, com forte influência romana e do Mediterrâneo Central em geral. Estas mudanças são refletidas, por exemplo, com a introdução de novos utensílios culinários como a caçoila com tampa, o pilão/almofariz e grande pratos de tradição centro mediterrânea, relacionados com novas formas de preparar alimentos, como a fritura em azeite, introduzindo estas novidades na bacia do Guadalquivir e nas cidades do sul de Portugal a partir do século II a.C.¹⁸¹

A identificação de três almofarizes em Monte Molião, apesar de se tratar de um número reduzido e portanto escassamente documentado, representa como esta influência cultural se fez sentir na região, tratando-se de elementos de produção local influenciados por protótipos béticos que chegavam por via marítima, estando esta mesma forma documentada

¹⁷⁹ Ruivo, 1993-1997, pág. 16

¹⁸⁰ Arruda, 1999, pág. 27-29

¹⁸¹ Fernández & Vargas, 2010, pág. 131

em *Conimbriga*, *Balsa* e São Cucufate, sendo que tudo indica que a produção local de almofarizes em Monte Molião terá ocorrido entre finais do século I e inícios do II d.C.¹⁸².

Pode afirmar-se que esta vontade de manter, ou preservar as tradições púnicas e realçar o seu carácter local, devido à receção que esta ascendência cultural, teria para as classes oligárquicas do mundo romano e helénico um simbolismo, observando uma imagem étnica positiva dos *phoinikés* que é refletida em obras de autores clássicos, como Diodoro ou Estrabão.¹⁸³

*“De seguida colocou o Pelida os prémios da rapidez dos pés: // uma bacia de prata, bem trabalhada, que levava seis medidas; // pela beleza vencia de longe qualquer outra terra, // visto que a tinham forjado os Sidónios, excelentes artífices, // e homens Fenícios a tinham trazido sobre o mar nebuloso”*¹⁸⁴¹⁸⁵

Este orgulho na ascendência cultural púnica será refletido nas moedas de *Gadir/Gades* pelo menos até o início do período imperial. Como já foi referido sobre as cunhagens desta cidade, é frequente a representação de *Herakles-Melqart*, deus tutelar da cidade de *Tyros*, no entanto esta figura manteve-se em utilização até ao início do período imperial romano, presente nas cunhagens de sestércios e dupôndios produzidos em 19 a.C. por *Balbo*, o jovem, para comemorar o seu pontificado. Esta representação estaria presente não só como uma referência étnica e um símbolo da cidade, mas também para comemorar a sua antiguidade, estando também esta representação presente nas cunhagens de *Sexi* e *Abdera* no território da Bética.¹⁸⁶

¹⁸² Arruda et al., 2019, 295

¹⁸³ Prieto, 2019, pág. 24

¹⁸⁴ Πίδα, XXIII, 740-744 “Πηλεΐδης δ’ αἴψ’ ἄλλα τίθει ταχυτήτος ἄεθλα ἀργύρεον κρητῆρα τετυγμένον: ἔξ δ’ ἄρα μέτρα χάνδανεν, αὐτὰρ κάλλει ἐνίκα πᾶσαν ἐπ’ αἶαν πολλόν, ἐπεὶ Σιδόνες πολυδαίδαλοι εὖ ἤσκησαν, Φοίνικες δ’ ἄγον ἄνδρες ἐπ’ ἡερωειδέα πόντον,”

¹⁸⁵ Homero, 2014, pág. 469

¹⁸⁶ Prieto, 2019, pág. 141



Figura 4.13 - Sestércio de Gades com a representação de Herakles/Melqart no anverso e a uma faca, estrela, simpulum e machado no reverso com a legenda PONT BALBUS

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=3349779> consultado a 06/07/2022

Este busto é também observado em *Ipses*, a única cidade do território algarvio onde está presente o busto de *Herakles/Melqart* no anverso das moedas, mas apresentando também a legenda *MARIVS*, em letras latinas, refletindo já uma forte interação cultural e económica entre o passado púnico e o mundo romano¹⁸⁷.



Figura 4.14 - Semis de Ipses com Herakles/Melqart no anverso e um golfinho e a legenda IPSES no reverso

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=6456638> consultado a 06/07/2022

A representação de *Herkles-Melqart* nas cunhagens de *Ipses*, que copiam as cunhagens da série IV de *Gadir/Gades*¹⁸⁸, são uma afirmação simbólica da identidade púnica destas cidades e da sua inserção económica e social no eixo do *Fretum Gaditanum*¹⁸⁹.

É também possível que a utilização desta representação por parte desta cidade seja também uma tentativa de reconhecimento do seu valor económico através da inclusão de

¹⁸⁷ Marques de Faria, 1987-1988, pág. 102-103

¹⁸⁸ Alfaro, 1988

¹⁸⁹ Moreno Pulido, 2017, pág. 187

uma figura que seria facilmente reconhecida no mundo púnico ibérico, assim como acontece com as cunhagens de *Salacia*¹⁹⁰.

É também importante ter em conta a relação da elite romana com o culto a *Melqart*, tendo Sila como devoto, o que estimulou a ligação com *Gadir/Gades*, que na Guerra Sertoriana se manteve do seu lado, onde se destacou também o gaditano L. Cornelio Balbo. A lealdade da cidade não foi esquecida e em 78 a.C. teve início a revisão do *foedus* de *Gadir/Gades*, processo que terminou cerca de 30 anos depois com a elevação a estatuto municipal. Assim, esta representação supera o significado religioso, detendo também uma conotação política e de afirmação perante Roma¹⁹¹.

4.2.1. Círculo do Estreito

Estas produções monetárias características do Sul peninsular, e mais concretamente do território que após as reformas de Augusto será designado de Província da Bética, são fortemente influenciadas pela cultura púnica e pela economia envolvente à cidade de *Gadir/Gades*.

A fundação de *Gadir* não se trata apenas da constituição de uma “simples” colónia fenícia, mas também de uma afirmação do poder de *Tyros* ao fundar uma nova cidade perto do Estreito de Gibraltar, ou seja, trata-se da conquista simbólica dos limites do mundo¹⁹².

O conceito deste círculo económico para o estudo historiográfico é da autoria de M. Tarradell, que apresenta com esta noção um elo económico no Sul da Península Ibérica após a queda de *Tyros* em 573 a.C.¹⁹³, que exige uma nova organização económica com a perda de território fenício no médio oriente e a elevação de Cartago a nova cidade principal da cultura púnica.

¹⁹⁰ Moreno Pulido, 2017, pág. 187-188

¹⁹¹ López Castro, 1998, pág. 99

¹⁹² Wagner, 2005, pág. 152

¹⁹³ Sáez Romero et al., 2004, pág. 33



Figura 4.15 - Forno e recipiente fenícios em cerâmica datáveis do séc. VI a.C. no "Yacimineto Arqueológico Gadir" (Cádiz)

Fonte: Autoria própria

Apesar desta inserção mais concreta num período histórico, evidências arqueológicas apontam para a importância do Estreito de Gibraltar, para trocas comerciais e para contacto culturais entre a Península Ibérica e o Norte de África, deste a pré-história¹⁹⁴, neste sentido, a formação deste círculo económico não se trata de uma criação, mas sim de uma reinterpretção e reestruturação de uma área que seria já de forte intercâmbio e circulação.

Apesar da forte influência púnica nesta região, a presença de povos indígenas e a sua interação com as culturas mediterrânicas para trocas comerciais é clara. A identificação de cerâmicas e outros materiais, como fivelas, de produção principalmente turdetana, identificadas em *Gadir/Gades*, e em outras cidades da costa junto ao estreito, representam uma forte componente de interação entre as zonas colonizadas e as zonas do interior, mais marcadas pela persistência das culturas locais¹⁹⁵.

Apesar de devermos a Chíc-Garcia as primeiras formulações teóricas para o estudo do Círculo do Estreito, a perceção atual deste conceito afirma a sua sobrevivência pelo menos até a época imperial de Augusto¹⁹⁶, tratando-se de um processo de dissolução demorado e gradual.

¹⁹⁴ Chavez Tristán et al., 1998, pág. 1307

¹⁹⁵ Gracia Carretero & Martín Ruíz, 2010, pág. 266

¹⁹⁶ Cravioto, 2008, pág. 597

Apesar de uma crise económica atestada materialmente que afetou fortemente *Gadir* no século IV a.C., a I Guerra Púnica mostrou-se como uma oportunidade para a economia da região que exportava os seus bens para Cartago como um “esforço de guerra”, foi, no entanto, a II Guerra Púnica que se mostrou como o grande motor de alavancagem e sustentação para o desenvolvimento económico nesta cidade e na sua área de influência¹⁹⁷.

O final da II Guerra Púnica e a vitória romana que vem tornar este círculo numa zona económica de influência e de domínio parcial romano, apesar da manutenção de alguma autonomia, influencia esta área, não nas estruturas de produção, mas sim alterando as linhas de distribuição e os comerciantes implicados na compra e venda de produtos, procurando agora abastecer a parte mais ocidental do domínio romano no Mediterrâneo¹⁹⁸. Mesmo assim, a troca comercial era uma realidade com as partes mais orientais do mundo romano, com a identificação de pelo menos um exemplar de ânfora tipo Agora M-54 na cidade de *Balsa*¹⁹⁹.

A importância da navegação neste círculo não derivava apenas da obtenção de recursos, mas estaria relacionada com a utilização do meio marítimo para deslocação entre as principais cidades e principais áreas portuária. Tal deve-se numa primeira instância (século II a.C.) não só à orografia acidentada do território, mas também devido à instabilidade que se fazia sentir nas largas áreas que separavam as regiões mais pacificadas, que se mostraram extremamente hostis nos relatos apresentados por Catão quando chegou à Península em 195 a.C.²⁰⁰.

É a partir do último terço do século II a.C. que se começam a notar os primeiros sinais de romanização cultural e económica em *Gadir/Gades*. Neste período são observáveis indicadores materiais como uma produção massiva e sem precedentes de novos tipos de *amphorae* de inspiração no Mediterrâneo central como o tipo Mañá C2b²⁰¹.

A perda do domínio económico de *Gadir/Gades* pode ter começado quando a cidade de *Carteia* em 171 a.C. se torna na primeira colónia fora da Península Itálica a ter concedido o direito latino, indicando a importância económica que esta cidade teria. Localizada na zona de influência púnica, cunha moedas com uma iconologia única de um pescador com uma cana de pesca, representando a importância que a exploração dos recursos marítimos teria

¹⁹⁷ Bernal Casasola & Sáez Romero, 2008, pág. 58

¹⁹⁸ Chavez Tristán et al., 2002, pág. 650-651

¹⁹⁹ Chic-Garcia, 1995, pág. 87

²⁰⁰ Moret, 2018, pág. 15

²⁰¹ Bernal Casasola & Sáez Romero, 2008, pág. 59

para a economia local²⁰²²⁰³. Mais do que isto, esta cidade era essencial para o domínio romano do comércio do Estreito, tratando-se de uma cidade púnica refundada, para garantir o controlo do estreito de Gibraltar e, conseqüentemente, garantir o controlo marítimo da entrada e saída de navios no Mediterrâneo²⁰⁴.

A produção monetária associada a este círculo económico estende-se ao longo das bacias hidrográficas do Guadiana e do Guadalquivir, abrangendo também as cidades localizadas na Serra Morena e alcançando até o norte de África. Esta distribuição geográfica remete para uma economia baseada nos recursos marítimos e agrícolas, mas apresentando um forte aproveitamento das redes de circulação marítima para transporte de pessoas e mercadorias.

A cidade de *Lixus*, situada no norte de África, onde será mais tarde a província romana da *Mauretania Tingitana*, apresenta-se como um exemplo da extensão desta rede económica ao longo de toda a área em proximidade do Estreito de Gibraltar.

Nesta cidade observamos, principalmente na série I que se enquadra cronologicamente com o século II a.C., uma semelhança metalógica entre as cunhagens gaditanas e as de *Lixus*, mas esta vai-se perdendo nas emissões seguintes, não invalidando que relação de mantivesse, podendo representar apenas uma maior noção de identidade própria na iconografia, pois as cunhagens de metais não nobres tendem a oscilar mais²⁰⁵.

Apesar deste afastamento metalógico, a presença de legendas neopúnicas nas cunhagens de *Lixus*, assim como a presença de legendas púnicas nas cunhagens de *Gadir/Gades*, são uma clara demonstração da estreita relação económica entre estas duas cidades²⁰⁶. Mesmo assim, outros estudos apontam para a proximidade metalógica e de outras características produtivas entre as cunhagens de *Gadir/Gades* e as de *Lixus*, defendendo que “*A l’instar de ce que nous observons à Gadir, la frappe des diviseurs a pu précéder de peu celle des unités de bronze*”²⁰⁷. Os dados arqueológicos parecem indicar para uma acentuada importância desta cidade, desde a colonização fenícia até o início do período imperial romano, para o comércio entre os principais portos comerciais do mediterrâneo e do Oceano Atlântico, apontando para um fluxo comercial que se estenderia desde o médio oriente até a costa da Britânia²⁰⁸. Os estudos arqueológicos realizados nesta cidade do norte

²⁰² Vargas Girón, 2011, pág. 208

²⁰³ Chavez Tristán, 1979

²⁰⁴ Ferrer Abelda, 2018, pág.80

²⁰⁵ Callegarin & Ripollès, 2010, pág. 153

²⁰⁶ Callegarin & Ripollès, 2010, pág. 154

²⁰⁷ Callegarin & Ripollès, 2012, pág. 178

²⁰⁸ Ginés Ordoñez, 2018, pág. 23

de África apresentam resultados significativos quanto à identificação de estruturas industriais para produção de preparados de peixe, com a identificação de “12 *factorías ceñidas al acantilado de la vertiente meridional de la colina donde está el yacimiento, con un total de 147 piletas con capacidad para más de 1000 m3*”²⁰⁹.

A informação disponível sugere pouca capacidade produtiva e de aproveitamento do território circundante de *Gadir/Gades* devido às características do solo, dificultando o estabelecimento de polos urbanos na sua proximidade, no entanto o território continental desta cidade parece ser utilizado desde o século VI a.C. para o estabelecimento de infraestruturas de produção de preparados de peixe e centros oleiros, produtores de ânforas²¹⁰.

É difícil determinar quando pode ser declarado o fim deste círculo económico, mas o seu final terá certamente sido um processo gradual, tal com a sua criação. Pode apontar-se como sinal da sua decadência o surgimento e massificação das *villae*, o que representa o início de um processo de transformação das estruturas tradicionais²¹¹ e de uma maior proximidade desta região periférica a Roma, possibilitada pela *Pax Romana*²¹² e pelas reformas administrativas implementadas no início do período imperial.

A transformação administrativa de *Gadir* em *Gades*, de cidade federada para *municipium civium romanorum*, começa em 49 a.C. devido a interesses militares de César, mas principalmente económicos. Os interesses de César por *Africa* davam-lhe a necessidade de contar com um forte aliado para controlar o mar junto ao Estreito de Gibraltar, tornando-se mais proveitosa a integração da cidade nas estruturas jurídicas e administrativas romanas²¹³.

²⁰⁹ Aranegui et al., 2005, pág. 2005

²¹⁰ Castro, 2008, pág. 66

²¹¹ Chavez Tristán et al., 1998, pág. 1319

²¹² Mantas, 2004, pág. 67

²¹³ Chíc-Garcia, 2006, pág. 344

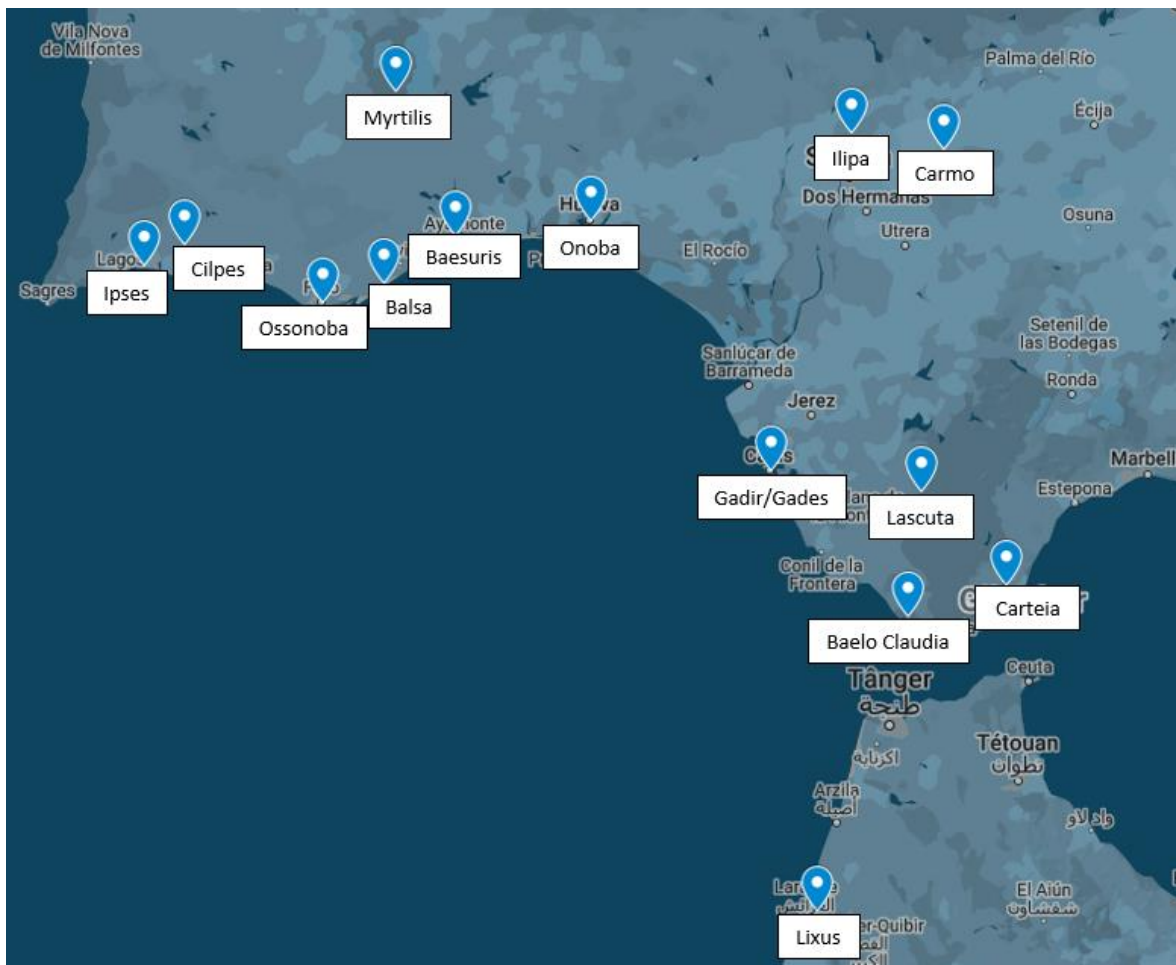


Figura 4.16 - Localização das cidades do Algarve em relação ao Golfo de Cádiz

Fonte: Elaboração própria, com base em Google, 2022. <https://www.google.pt/maps>

Os estudos de materiais apontam que a instância final de conversão estrutural e administrativa de *Gadir* em *Gades* terá ocorrido no início do século I d.C., quase três séculos após a conquista romana do território, tendo como grande impulso uma série de reformas urbanas patrocinada pela família *Balbo*, permitindo uma maior consolidação administrativa e infraestrutural que intensificou o processo de inserção cultural no mundo romano²¹⁴.

Algumas décadas antes, é contruído em Gadir/Gades o primeiro *theatrum* da *Hispania*, financiado pela família *Balbo*. É proposta a data de 49 a.C. como o momento inicial da construção do *Theatrum Balbi*, ou melhor, da substituição do *theatrum* em madeira por um em cantaria, na ocasião da elevação da cidade a *municipium civium romanorum*²¹⁵.

Apesar da escassez de evidências arqueológicas que permitam atribuir uma cronologia mais específica, condicionada em parte pelo desmantelamento de parte deste

²¹⁴ Bernal Casasola & Sáez Romero, 2008, pág. 60

²¹⁵ Borrego de la Paz, 2009, pág. 171-173

edifício para a construção do alcácer medieval construído neste previsto sítio, o momento da sua construção pode ser apontado como uma das ocasiões mais importantes para a transformação cultural da cidade²¹⁶.



Figura 4.17 - Fotografia do Theatrum Balbi onde é visível a orchestra e a ima cavea até o limite superior de junção com a media cavea

Fonte: Autoria própria



Figura 4.18 - Túneis/galerias do Theatrum Balbi de acesso à ima cavea

Fonte: Autoria própria

²¹⁶ Arévalo González, 2011, pág. 105-116

No entanto, mesmo esta reformulação urbana não representa necessariamente uma mudança drástica nas práticas comuns, sendo que os costumes funerários ainda se agarravam fortemente ao passado púnico, sugerindo que certos marcadores culturais e étnicos ainda se encontravam ativos, como forma viva de um mundo culturalmente complexo e heterogéneo²¹⁷.

No que diz respeito à interação comercial direta entre o Algarve e o sul da Península Ibérica, da cerâmica comum identificada na *Balsa*, observamos que cerca de 27% tem origem na Bética, assim como observamos que cerca de 80% das lucernas também parecem ter origem na mesma província.²¹⁸

O conjunto de ânforas recolhidos em escavação e depositadas no MNAE até a publicação dos resultados por Nolen em 1994, são as importações da Bética as mais numerosas no quadro total de identificadas no sítio arqueológico de Torre d'Aires. Neste conjunto foram identificados recipientes anfóricos utilizadas para o transporte de vários produtos que seriam trocas comuns na região. Observa-se a identificação de ânforas Classe 10 e 15, utilizadas para o transporte de vinho, ânforas Classe 25 e 26, utilizadas para o transporte de azeite e por fim ânforas Classe 16,19 e 23, utilizadas para o transporte de preparados de peixe²¹⁹. Perante esta informação, é importante ter em atenção que estas amostras de cerâmica foram recolhidas de forma aleatória e, apesar de significativos, pode não refletir o universo total de importações anfóricas²²⁰

Representando um período posterior em que o processo de aculturação romana seria mais forte na região, no levantamento de peças de *sigillata* encontradas em *Balsa*, publicado por Catarina Viegas, observamos no início do período imperial ainda uma forte relação com a Bética, sendo que a *sigillata* hispânica precoce (Peñaflor) representa 5,2 % do total da distribuição de materiais identificados e a *sigillata* hispânica representa 8,2%. Esta forte ligação económica poderá ter perdido importância a longo prazo, sendo que observamos que a *sigillata* mais frequente se trata da sudgálica, que representa 41,6%.²²¹

Apesar da identificação destes materiais nas zonas costeiras, onde se localizava o principal centro urbano, nas zonas de serra, particularmente no lugar de Estevais, também

²¹⁷ Prieto, 2018, pág. 142

²¹⁸ Nolen, 1994, pág. 8-9

²¹⁹ Fabião, 1994, pág. 17

²²⁰ Fabião, 1994, pág. 17

²²¹ Viegas, 2006, pág. 19

foi identificado um número significativo de ânforas púnicas ou de forte influência púnica, assim como outras cerâmicas comuns²²².

Durante os trabalhos de campo realizados em 1987 no castelo de Castro Marim, foi revelado um nível de ocupação muito significativo em período republicano tardio, podendo datar-se o auge entre os anos 60 e 30 a.C. Neste contexto foram identificadas várias centenas de ânforas, onde se destaca (cerca de 70%) o tipo de ânfora Classe 67, um tipo quase desconhecido em Portugal na altura das escavações e atualmente identificado em vários locais, mas com uma quantidade pouco significativa.²²³

Este tipo anfórico é de produção ocidental com forte influência romana, estando o seu período de produção proposto entre o início do século I a.C. e o início do principado de Augusto. Existem evidência de produção deste tipo anfórico tanto no norte de África como na Baía de Cádiz e ao longo do Rio Guadalquivir.²²⁴

No que diz respeito à identificação de numismas em Ossonoba, é notável a descoberta de cerca de 600 numismas na Horta de Misericórdia, em Faro, identificados por Teresa Júdice Gamito entre 1983 e 2000²²⁵, datáveis deste o séc. I a.C. até o século XX. Neste espólio foram identificadas oito cunhagens de *Balsa e Ossonoba*, 23 de período imperial indeterminado, uma alto-imperial e 15 baixo-imperiais.²²⁶

²²² Pereira Maia, 2000, pág. 43

²²³ Arruda, 2008, pág. 115

²²⁴ Arruda et al., 2005, pág. 285

²²⁵ Valente, 2019, pág. 7

²²⁶ Valente, 2016, pág. 43

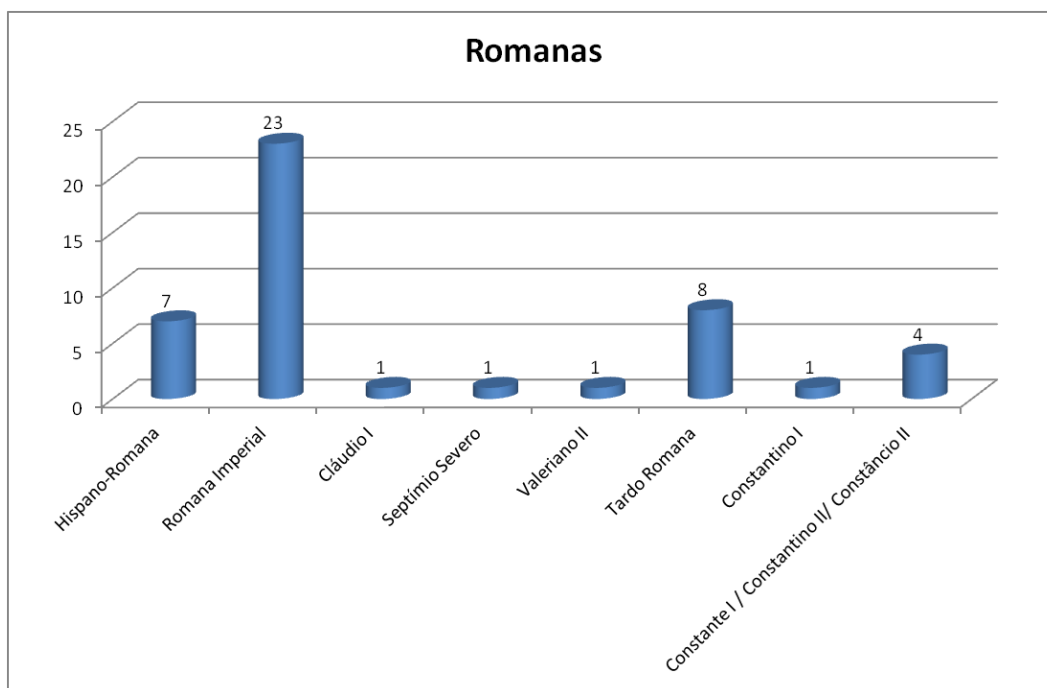


Gráfico 4.3 - Cunhagens romanas identificadas na Horta da Misericórdia, Faro

Fonte: Valente, 2016, pág. 43

O reduzido número de numismas do alto-império identificados neste sítio, apresentam-se como um fator particularmente interessante para entender a circulação de moeda durante a primeira centúria da nossa Era no Algarve, sendo que as cunhagens ditas “Hispano-romanas” representam a maioria de numismas identificados até o final do século II d.C., com as produções do principado de Septimo Severo (193 d.C. – 211 d.C.).

Apesar da localização do porto em período romano desta cidade não ser conhecido, principalmente devido à forte dinâmica de alteração da linha da costa, muito característica de zonas lagunares, a zona ribeirinha do centro histórico, até a estação de caminho de ferro, apresenta-se como a localização de um complexo industrial fortemente associado à preparação de preparados de peixe, pelo que não é de descartar que o embarque das ânforas se fizesse nesta localização, facto também reforçado pela quantidade significativa de restos anfóricos identificados no lodo desta área²²⁷.

Esta inclusão dentro do círculo destas cidades mais periféricas, pode tratar-se de um significativo avanço da formação de uma maior área influenciada, que será até provavelmente anterior às políticas pré-imperiais que levaram à consolidação da presença e influencia

²²⁷ Bernardes, 2017, pág. 283

romana nestes territórios, tal como a fundação de Iulia Traducta na segunda metade do século I a.C. em proximidade da já colónia de *Carteia*, mas desta vez em *ex novo*²²⁸.

Em período de Augusto é notável que a economia em torno da cidade de *Gades* parece continuar a florescer devido ao aparecimento de novas formas anfóricas e um grande aumento do número de fornos e de infraestruturas industriais ao largo da baía, refletindo a solidificação administrativa em período inicial do Império e que o clima de *pax* proporcionado foi aproveitado como uma mais-valia para o desenvolvimento económico de toda a zona influenciada por *Gades*²²⁹.

As condições que levaram à inclusão das cidades do Algarve no círculo económico são algo imprecisas, tendo em conta que se trata de uma área até periférica para o Círculo do Estreito, localizando-se já em transição do Mediterrâneo para o Atlântico, o que tornaria a cidade de *Ipses* a cidade mais ocidental do Algarve ainda pertencente a este círculo. Esta inclusão terá ocorrido possivelmente pela natureza dos produtos económicos aqui explorados, claramente evidenciados pela frequente representação de atuns nos numismas, apresentando uma conformidade com a especialização de pescadores para a captura destes peixes com alto valor económico²³⁰.

4.3.Moedas

4.3.1. O Processo de Monetização na Península Ibérica

O primeiro contacto dos habitantes da região do Algarve e na Península com a moeda é uma incógnita. Apesar de alguns achados arqueológicos esporádicos, é de consenso da arqueologia e da historiografia que as primeiras produções monetárias se dão no século V a.C. nas colónias gregas da costa nordeste da Península Ibérica, mas a verdadeira introdução da produção e uso generalizado da moeda só tem início no século III a.C., de forma lenta e progressiva²³¹ -

Assim o desenvolvimento da monetização nas cidades ocorre no sentido Este-Oeste, ou seja, trata-se de um novo paradigma económico que entra pelo mediterrâneo no século V a.C., mas que apenas chega à parte mais ocidental da Península entre finais do

²²⁸ Ferrer Abelda, 2018, pág. 80

²²⁹ Loew, 2014, pág. 157

²³⁰ Chavez Tristán & García Vargas, 1991, pág. 160

²³¹ Chaves Tristán, 2009, pág. 55

século II a.C. e os meados do século I a.C.²³², sendo que este processo lento é justificado parcialmente pela necessidade destas cunhagens locais de acordo com as necessidades fiscais, comerciais ou administrativas²³³.

No tesouro de Penedès, na Catalunha, foram identificadas 14 moedas de *Massalia* datáveis entre 450 e 400 a.C., assim como outras 26 também desta cidade datáveis do século IV a.C., contendo também algumas moedas do Mediterrâneo central, de *Croton*, *Neapolis* e *Populonia*²³⁴.

O tesouro de Arahall ou Utrera apresenta um testemunho arqueológico único da presença de moedas gregas do século V a.C. na Península, justamente na bacia hidrológica do Rio Guadalquivir. Aqui foram identificadas seis moedas produzidas no Mediterrâneo central, sendo duas *estateras* de *Metaponto*, um *tetradracma* de *Acragas* e outro de *Leotino*, um *diadracma* de *Segesta* e outro de *Gela*²³⁵.

As fontes clássicas citam 5 colónias gregas na Península, que são *Rhode*, *Emporion*, *Hemeroskopeion*, *Alonis* e *Mainake*, no entanto apenas são conhecidas cunhagens das duas primeiras. Neste sentido, a falta de cunhagens, assim como a falta de evidências arqueológicas que comprovem a grandeza das outras entidades produtoras de moeda, é provável que não se tratasse de mais que pequenos assentamentos ou até bairros juntos a cidades indígenas²³⁶.

Em *Emporion*, atual *San Martín de Ampurias*, observamos uma grande diversidade de cunhagens datáveis entre 450 a.C. e 400 a.C., todas elas em prata e de difícil identificação quanto à unidade monetária. É proposta a identificação destas moedas como sendo um *hemióbolo* e 26 *trihemióbolos* com representações variadas, podendo ser observados bustos, touros, golfinhos, javalis, entre outros. Nestas primeiras cunhagens não está ainda presente a legenda com o nome da cidade, que apenas surgirá, em letra grega, nas emissões que têm início a partir de 220 a.C., nas cunhagens de dracmas com claras influências das cunhagens púnicas de *Carthago Nova*²³⁷. As cunhagens de *Rhode* apresentam desde início figuras extremamente uniformes, com a identificação de cinco *dracmas*, um *hemióbolo* e um *calco*, todas estas moedas com a representação de um busto feminino para a esquerda no anverso, de uma rosa no reverso e a presença do nome da cidade em letras gregas junto ao busto,

²³² Chaves Tristán, 2007, pág. 213

²³³ Chaves Tristán, 2009, pág. 50

²³⁴ Peris, 2011, pág. 520

²³⁵ Peris, 2011, pág. 521

²³⁶ García-Bellido, 2013, pág. 112

²³⁷ Burgos, 1987, pág. 131-133

excetuando duas cunhagens que não apresentam legenda. Contrariamente às cunhagens de *Emporion*, a cronologia proposta para estas é entre 210 a.C. e 197 a.C., portanto bastante mais tardia, sendo contemporânea de algumas cunhagens púnicas²³⁸.

A falta de moedas encontradas deste período na Península é tradicionalmente explicada pelo não reconhecimento do valor económico das cunhagens pelos indígenas, derretendo-as após o regresso às suas regiões de origem. No entanto surgem novas visões que apontam a morte dos mercenários em serviço e o seu estabelecimento nos locais onde serviram como principais justificações para a falta de numismas²³⁹. Após estas produções monetárias esporádicas nas cidades gregas, as primeiras produções monetárias de larga escala ocorreram em colónias púnico-fenícias e nas suas principais áreas de influência.

Com início no ano 218 a.C., a II Guerra Púnica, travada entre Roma e Cartago, é o primeiro grande passo para a utilização generalizada de moeda na Península Ibérica. O facto de se tratar de uma guerra ao longo de toda a fachada mediterrânica e por ter sido impulsionada por duas potências estrangeiras já habituadas ao uso da moeda para o intercâmbio comercial e para pagar despesas militares, tornou este conflito extremamente importante para a sensibilização dos povos pré-romanos para a sua utilização²⁴⁰.

As produções monetárias de *Gadir* são consideradas as primeiras emissões cartaginesas na Hispânia, com uma cronologia proposta que abrange todo o século III a.C. É provável que estas cunhagens sejam anteriores ao final na I Guerra Púnica em 241 a.C.²⁴¹ quando foi assinado o tratado de *Lutacio*, que colocou a cidade de *Gadir* em profunda crise, por se terem assim fechado os portos mediterrâneos²⁴². Esta primeira produção trata-se de uma série anepígrafa composta por dois *hemitartermerions* em prata e dois 1/8 de *calco* em cobre²⁴³, sendo que é também sugerida a incorporação nesta cronologia de todas as cunhagens anepígrafas desta cidade. Acrescentam-se assim a esta série um *hemióbolo*, um *tartemorion* em prata e dois *calcos*, dois *hemicalcos* e dois 1/4 de *calco* em cobre, todas elas com a representação de um ou dois atuns no reverso e o busto de *Herakles-Melqart* no anverso²⁴⁴. Esta figura, que aparece logo nas primeiras cunhagens de *Gadir*, é inspirada em

²³⁸ Burgos, 1987, pág. 228-229

²³⁹ Chaves Tristán, 2014, pág. 344

²⁴⁰ Chaves Tristán, 2014, pág. 348

²⁴¹ Campo, 2013, pág. 11

²⁴² Mederos Martín, 2007, pág. 174

²⁴³ Burgos, 1987, pág. 148

²⁴⁴ Vives y Escuredo, 1926, pág. 55

Herakles, presente nos *tetradracmas* de Alexandre o Grande, aproveitando assim o reconhecimento que existia no mundo antigo a esta imagem já familiar.²⁴⁵



Figura 4.19 - Tetradracma de Alexandre III, o Grande, com a representação de Heracles com pele de leão na cabeça no anverso – 325 a.C. – 320 a.C.

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=2980268> consultado a 13/09/2022



Figura 4.20 - Hemiobolo de Gadir com a representação de Heracles-Melqart com pele de leão na cabeça no anverso – 325 a.C. – 320 a.C.

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=2716311> consultado a 13/09/2022

Através de análise metalográfica realizada a várias séries destas moedas, foi possível determinar um alto nível de pureza nas cunhagens de prata, que apenas se deteriora nas emissões mais próximas da data da derrota cartaginesa em 206 a.C.²⁴⁶. Para os Bárdicas era de extrema importância para o sucesso militar na II Guerra Púnica o aproveitamento dos recursos mineiros do Sul da Península, principalmente para a manutenção dos numerosos mercenários provenientes da *Numidia*, da *Galia* ou de outras zonas da *Hispania*.²⁴⁷ Assim sendo, estas primeiras cunhagens gaditanas, seriam um dos instrumentos mais importantes para o lado cartaginês, sendo produzidas em *Gadir* ou em oficinas itinerantes, que terminaram remodeladas e fixaram-se definitivamente em *Carthago Nova*, onde fabricam cunhagens de inspiração estilísticas nas moedas gregas, circulando também com as antigas cunhagens gregas da Península²⁴⁸. O resultado da II Guerra Púnica veio favorecer os

²⁴⁵ Moreno Pulido, 2017, pág. 187

²⁴⁶ Campo, 2013, pág. 17

²⁴⁷ Chavez Tristán, 2014, pág. 349

²⁴⁸ Chavez Tristán, 2009, pág. 55

interesses de *Gadir*, já que a cidade assina com Roma um acordo, no qual foi assente a manutenção de um governo próprio e de um estado de autonomia parcial²⁴⁹. No entanto, a estilística presente nas cunhagens altera-se de forma a enquadrar mais no “modulo romano”, abandonando o estilo helenístico e projetando a imagem de uma cidade aliada à nova ordem hegemónica que Roma começava a representar no mundo mediterrânico²⁵⁰. A seguinte série de cunhagens de *Gadir/Gades*, que têm início após a II Guerra Púnica, não tem nenhuma unidade monetária cunhada em prata. O fim da utilização deste material para a produção monetária é reflexo do valor militar que a produção de numismas em prata teria, assim sendo, a produção de moedas apenas em cobre ou bronze a partir deste momento reflete uma clara alteração do objetivo da produção monetária, deixando de ser para dar respostas a necessidades militares e passando a ser produzidas apenas para fins comerciais e para pagamento de atividades económicas associadas ao comércio²⁵¹.

Se por um lado podemos afirmar que a produção e utilização de moeda em prata é essencial para o pagamento de despesas militares e de despesas comerciais de maior valor, era também necessária a produção de moeda em bronze e em chumbo para pagar aos pescadores e ou trabalhadores encarregues dos fornos e da manutenção das indústrias de transformação de peixe em preparados. Desta forma, a produção de moeda em frações com menos valor é refletida em cidades onde existisse um núcleo de cidadãos dedicados a estas atividades que seriam necessariamente remuneradas²⁵². É também observável a divergência do mundo cartaginês nas moedas de *Gadir/Gades* através da inclusão de uma legenda em caracteres púnicos, já que até então todas as moedas eram anepígrafas, como as cunhagens de Cartago. Esta mudança, representa uma clara tentativa de afirmação da identidade gaditana e da sua posição no novo paradigma hegemónico do Mediterrâneo.²⁵³ Esta legenda trata-se da inserção dos caracteres púnicos equivalentes a *'gdr*, referente ao nome da cidade, e *mp'l* ou *p'lt*, traduzido como “obra de” ou “cunhagem de”.²⁵⁴²⁵⁵

²⁴⁹ Marín Martínez, 2011, pág. 576

²⁵⁰ Moreno Pulido, 2008, pág. 194

²⁵¹ Chavez Tristán, 2009, pág. 54

²⁵² Chavez Tristán et al, 1998, pág. 1313

²⁵³ Chavez Tristán, 2009, pág. 322

²⁵⁴ Chavez Tristán, 2009, pág. 322

²⁵⁵ Alfaro, 1991, pág. 118



Figura 4.21 - Moeda de Gadir/Gades com Herakles-Melqart no anverso e dois atuns no reverso com a legenda *mp'l* em cima e *gdr* em baixo.

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=2716314> consultado a 29/08/2022

Apesar de neste período a cunhagem de moedas ser principalmente localizada nestas duas cidades, a circulação monetária tornava-se cada vez mais numa realidade até no interior do território, sendo que trabalhos arqueológicos encontraram estas cunhagens em Cáparra, junto à Serra de Gredos²⁵⁶. Exemplo disso é a cidade de *Obulco*, de fundação indígena e identificada com Porcuna, na Província de Jaén, que pela sua localização privilegiada, na transição entre a Alta e a Baixa Andaluzia, se tornou na cidade que mais numismas produziu no período que se seguiu à Guerra, possivelmente ainda em finais do século III a.C. Esta produção parece ser justificada pela manutenção de infraestruturas ligadas à produção agrícola, que é claramente retratada nas representações de espigas de trigo, assim como a representação de uma divindade local e a utilização de legenda em letra latina, demonstrando que a principal esfera de influência económica tinha passado a ser Roma²⁵⁷.

²⁵⁶González Bornay, 2020, pág. 1695

²⁵⁷ Arévalo González, 2008, pág. 49



Figura 4.22 - As de Obulco com a representação de figura feminina e a legenda OBULCO no anverso e uma espiga de trigo e LAIMIL / M.IUNI no reverso

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=1473871> consultado a 03/09/2022

A representação de uma espiga de trigo torna-se frequente nas cunhagens ibéricas ao longo de toda a antiguidades clássica, simbolizando o cultivo primordial da humanidade, frequentemente ligada a divindades com atributos agrícolas²⁵⁸, a fertilidade e a representação de uma atividade económica. Outra hipótese apresentada quanto à primeira cunhagem com legenda latina na Península trata-se de uma cunhagem em bronze de *Lascuta*, para a qual é apontada a data de 189 a.C. para a sua cunhagem.

*“Encara que no és unànime, la versió llatina del topònim fenici –lšk`t– lascvt es relaciona amb el famós edicte de Paulo Emilio de 189 aC, conegut com «Bronze de Lascuta» i testimoni de la primerenca actuació política de Roma en aquests territoris”*²⁵⁹

A produção de cunhagens nesta cidade aumentou exponencialmente no século seguinte e são várias as descobertas arqueológicas que comprovam o volume desta produção, como é o caso de um depósito monetário em *Arjonilla*, onde foram identificadas cunhagens de *Obulco* datáveis até 165 a.C.²⁶⁰. Juntamente a estas produções, que datam das décadas posteriores à II Guerra Púnica, além das cunhagens de *Obulco* também se destacam as de *Urso*, *Carmo* e *Ilipa*, identificadas em menor quantidade²⁶¹. Neste período, entre a II Guerra Púnica e a Guerra Sertoriana, são identificados pelo menos 200 centros produtores de moedas ao longo de toda a Península Ibérica²⁶² e, assim, as cunhagens expandiram-se para novas cidades, que nos séculos seguintes e de forma gradual, adotaram a produção de moeda própria para dar resposta às suas necessidades económicas. Neste momento a produção

²⁵⁸ Lopéz Pérez, 2013, pág. 129-130

²⁵⁹ Mora Serrano, 2013, pág. 30

²⁶⁰ Fornell Muñoz & Ruis López, 2013, pág. 52

²⁶¹ Arévalo González, 2008, pág. 45

²⁶² Fornell Muñoz & Ruis López, 2013, pág. 56

monetária pelas populações indígenas separou-se em dois grandes polos, um deles localizado no nordeste da Península junto à bacia hidrográfica do Rio Ebro, com grande influência romana e indígena nas representações, e outro grande polo, aquele que é mais relevante para entender as cunhagens do Algarve, localizado na bacia hidrográfica do Guadalquivir e do Baixo Guadiana com influência indígena, mas que mantém uma grande influência púnica como anteriormente vimos²⁶³.

Nesta região Sul são identificados vários povos indígenas como os *Bastetanos*, *Oretanos*, *Túrdulos*, *Celtas*, *Turdetanos* e *Cónios*²⁶⁴, e é no território destes três últimos que as cunhagens em território português são produzidas.

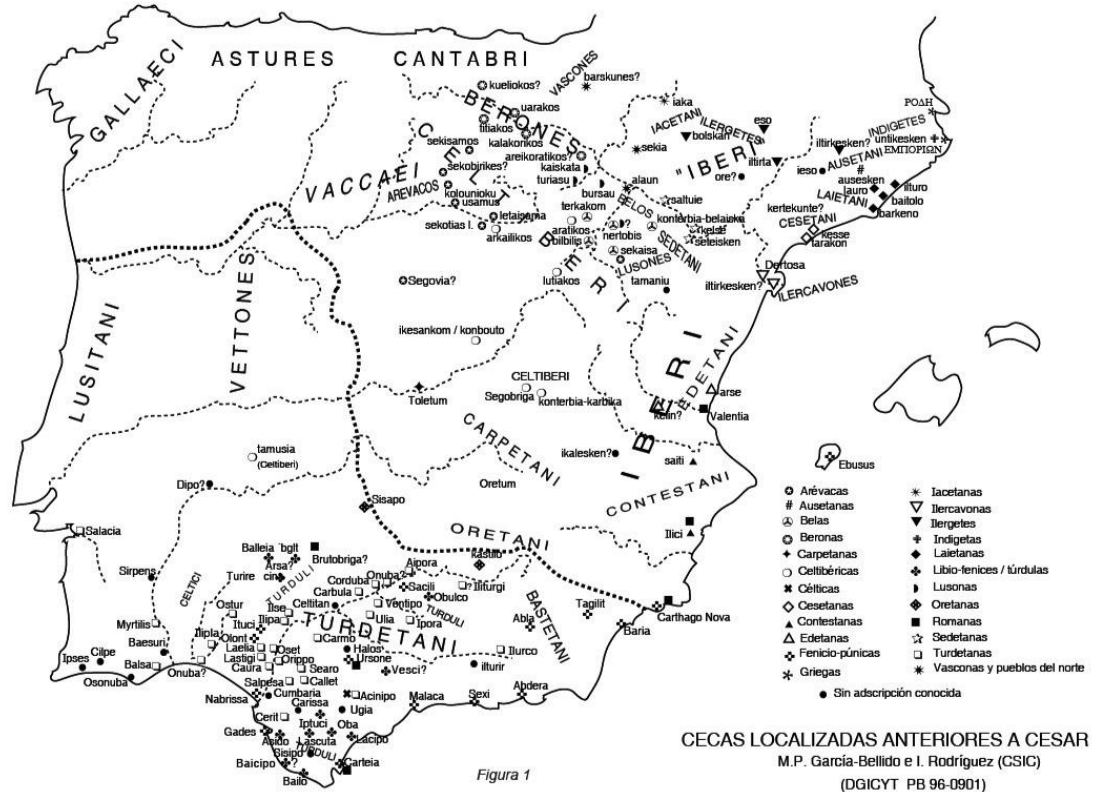


Figura 4.23 - Mapa dos centros produtores de moeda identificados na Hispânia anteriores a César (?)

Fonte: García-Bellido & de Diego, 2020, pág. 191

Antes de enumerar as cunhagens, reflete-se então quanto à identidade cultural que parece não estar ainda respondida. Seria o Algarve no século I a.C. indígena, púnico ou

²⁶³ García-Bellido & Blázquez, 2001, vol. I, pág. 18-19

²⁶⁴ Fornell Muñoz & Ruis López, 2013, pág. 53

romano? O que estas informações nos transmitem é a dificuldade, ou até mesmo a impossibilidade, de estabelecer um rótulo relativo à identidade cultural dos centros urbanos no Algarve no virar da Era. O termo mais correto seria mesmo “pluralidade”, que se aplicaria de formas diferentes a zonas distintas. Pode ser explicado pelas diferentes ligações e contactos culturais das populações, não podendo esquecer que se tratam de pessoas que se moldam através dos contactos presentes e passados, sendo impossível delimitar o que é verdadeiramente púnico e o que são indígenas que adotaram objetos e tradições púnicas²⁶⁵. No que toca à endogénese cultural, há que entender o conceito de identidade enquanto um processo constante de mudança ou construção²⁶⁶. Desta forma, o dinamismo étnico-cultural do povoamento do sudoeste da *Hispania*, que se faz sentir em período pré-romano e romano (principalmente nos primeiros séculos de ocupação) e a possibilidade, que não deve ser descartada, da convivência de distintos grupos étnicos na mesma região ou até mesmo na mesma cidade, apresenta este mundo com uma enorme complexidade cultural para onde não devem ser estabelecidos rótulos fixos²⁶⁷.

4.3.2. As Cunhagens do Algarve

A proposta de uma cronologia para o início da utilização e produção de moeda no território do Algarve apresenta-se como um desafio onde as linhas de investigação são discordantes. Vasco Mantas aponta para a produção de cunhagens entre 47 a.C. e 44 a.C., ou seja, no contexto da Segunda Guerra Civil da República Romana, apontando como responsáveis pela sua produção o lado pompeiano²⁶⁸. Justifica o seu fabrico como um dos resultados da cisão na Hispânia Ulterior promovida pelo apoio diferente, a César ou Pompeu, entre zonas da região. Refere como indício a alusão que César faz à presença de dispositivos militares pompeianos na Península, com duas legiões comandadas por Petreio, a Norte do Guadiana, e outras duas, comandadas por Varrão, a assegurar o controlo entre o Guadiana e a bacia hidrográfica do Guadalquivir²⁶⁹. Defende também que a ausência do *cognomen Iulia* nas cidades do Algarve poderá refletir a sua lealdade a Pompeu²⁷⁰, que este topónimo é mais

²⁶⁵ Gascó & Sánchez, 2005, pág. 246

²⁶⁶ Chavez Tristán, 2017, pág. 286

²⁶⁷ Chavez Tristán et al., 2004, pág. 824

²⁶⁸ Mantas, 1990, pág. 161, 190

²⁶⁹ Mantas, 2004, pág. 73

²⁷⁰ Mantas, 1996, pág. 351

frequente nas cidades mais a norte, como *Pax Iulia*, onde a emissão com características comemorativas mais antiga conhecida data de 38 a.C.²⁷¹

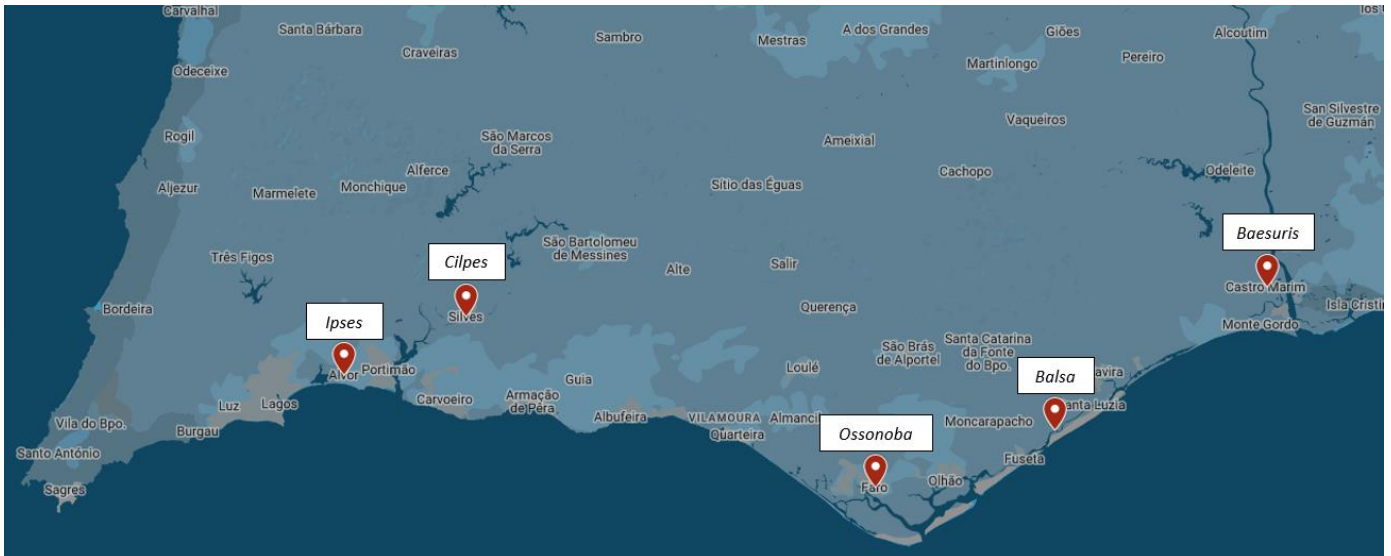


Figura 4.24 - Localização das cidades que cunharam moeda no Algarve em época romana

Fonte: Elaboração própria, com base em Google, 2022. <https://www.google.pt/maps>

Outros investigadores como Arévalo González²⁷² e Almela Valverde²⁷³ não consideram esta guerra a causa para a produção de moeda própria, atribuindo as cunhagens generalizadamente ao século I a.C., mas considerando que a produção destes numismas, alguns com um número mínimo de exemplares, ocorreu para dar resposta à falta de divisores para as moedas de prata (denários) e eram destinadas a um mercado estritamente local. A atribuição de uma data específica parece também não ser a abordagem mais correta, já que em *Ipses* as divergências estilísticas e tipológicas parecem apontar para fases diferentes de produção monetária, apesar de ser sempre apontada por Marques de Faria²⁷⁴ como correspondente ao século I a.C.²⁷⁵. Esta falta de consenso entre os investigadores quanto à data de início de produção não permite que seja alcançada uma conclusão definitiva, nem para o início da produção nem da utilização generalizada de moeda para a economia local.

²⁷¹ Marques de Faria, 1995, pág. 90

²⁷² Arévalo González & Pulido, 2021, pág. 310

²⁷³ Almela Valverde, 2004, pág. 245

²⁷⁴ Marques de Faria, 1994, pág. 147

²⁷⁵ A hipótese de uma datação anterior pode ser proposta pela identificação destas cunhagens em unidades estratigráficas anteriores feitas por Gamito - página 41-42

É observável que as cunhagens forâneas mais frequentes identificadas em *Balsa*, além de *Ossonoba* e *Baesuris*, são gaditanas²⁷⁶, que por serem em número reduzido também não apresentam nenhum dado definitivo quanto ao uso frequente de moeda nas transações e pagamentos locais.

Na catalogação mais completa das cunhagens das cidades em estudo, elaborada por Alberto Gomes²⁷⁷, são identificadas 119 variantes de moedas cunhadas, ou seja, produções que variam apenas quanto à unidade monetária e quanto à combinação de oito representações diferentes, presentes no anverso e no reverso. De acordo com este critério metodológico, cada variante corresponde a uma combinação, no anverso e no reverso, entre as distintas representações identificadas, juntamente com a separação por unidades monetárias.

Para melhor entender o que se pretende com “variante”, Fraga da Silva apresentou uma compilação das representações de barcos e peixes presentes nas moedas de *Balsa* e *Ossonoba*, que apesar de não ser suficiente para retratar todas, ilustra de forma a permitir ao leitor melhor compreender este conceito.

FISH AND SHIPS IN THE LOCAL COINAGE OF ROMAN ALGARVE

ASSORTED SILHOUETTE TYPES FROM THE MINTS OF OSSONOBA AND BALSA. TWO ROMAN TOWNS IN SOUTHERN LUSITANIA

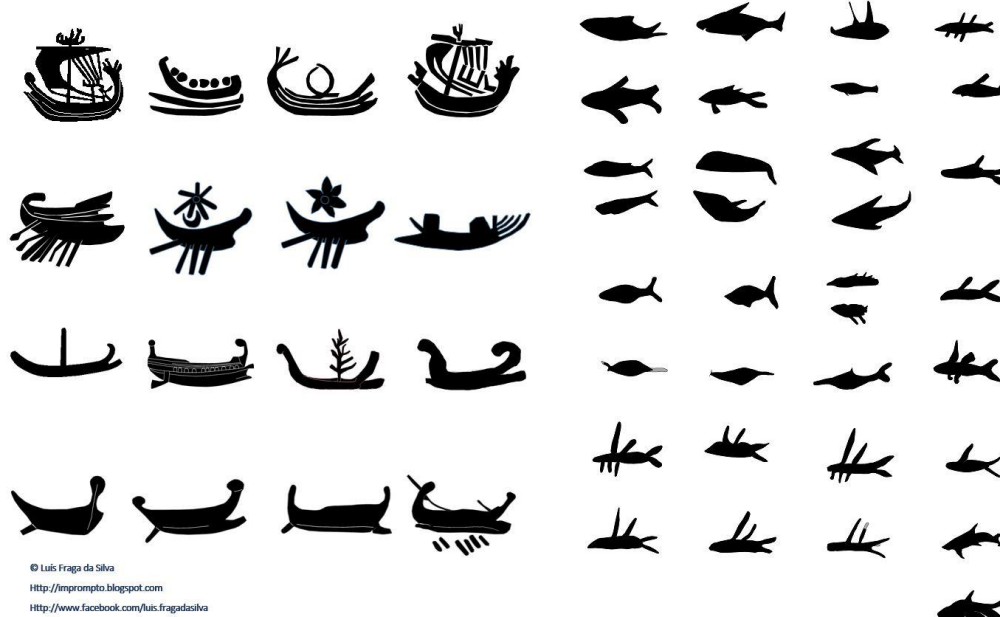


Figura 4.25 - Barcos e peixes nas cunhagens locais do Algarve Romano (*Ossonoba* e *Balsa*)

Fonte: [http://ml.ci.uc.pt/arquivos_antigos/archport/archport_01_01_2015_a_31_12_2015/msg20264.](http://ml.ci.uc.pt/arquivos_antigos/archport/archport_01_01_2015_a_31_12_2015/msg20264.html)

[html](#) consultado a 16/07/2022

²⁷⁶ Bernardes, 2021, pág. 363

²⁷⁷ Gomes, 2006

Apesar deste conceito de “variante” não permitir a quantificação de numismas produzidos, não deixa de ser um bom indicador. Apesar de não existir documentação relativa ao número de numismas produzidos em cada cidade, é importante ter em conta que cada cunho produziria em média 30000 moedas²⁷⁸. O processo de produção de cunhos não é rápido nem fácil e é expectável que alguns se tenham partido antes de alcançar o seu limite e outros terão sido utilizados até a exaustão, da mesma forma que alguns cunhos poderão ser duplicados. Apesar destas incógnitas, é com a identificação de variantes que é possível encontrar a “documentação” que permite ter uma ideia de quantos numismas poderão ter sido produzidos por cada cidade.

Estas 8 representações identificadas são o atum, o barco, a espiga de trigo, o busto, o golfinho, o cavalo, o tridente e a vaca. Todas estas representações remetem para a economia, apesar de Fraga da Silva defender que o barco representado se trata de um barco de guerra²⁷⁹. A legenda, por vezes completa e outra vezes apenas com a presença de algumas letras como OSO(*NOBA*) ou BALS(*A*), é a característica mais comum entre estas cunhagens, existindo apenas 8 variantes anepígrafas das 119 identificadas, todas elas escritas com caracteres latinos (apêndice 7.1).

Podendo observar que estas oito representações são referentes a símbolos indissociáveis do mundo rural e marítimo, estas devem ser interpretadas à luz do contexto em que são produzidas, devendo estes símbolos ser indissociáveis de significado simbólico²⁸⁰.

²⁷⁸ García-Bellido & de Diego, 2020, pág. 189

²⁷⁹ Fraga da Silva, 2007, pág. 52

²⁸⁰ Wallace-Hadrill, 1986, pág. 84

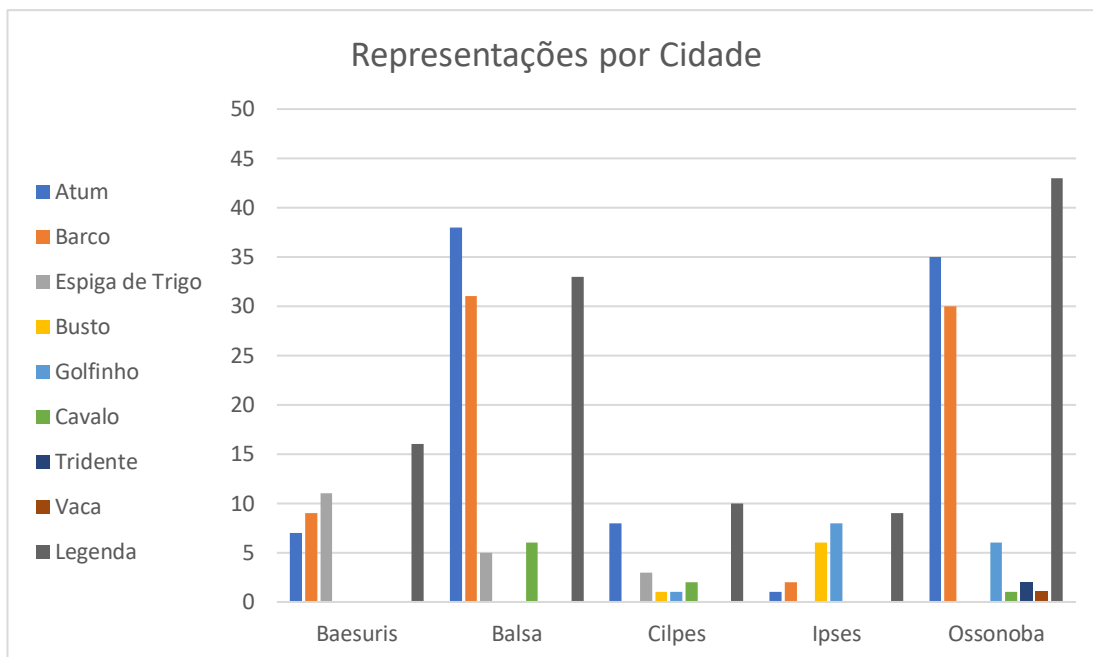


Gráfico 4.4 - Distribuição das representações por cada cidade

Fonte: Autoria própria com base em Gomes, 2006, pág. 23-40

As representações mais frequentes são o barco e o atum, com 72 e 89 representações nas emissões respetivamente, refletindo as características da economia na região, que teria nos produtos marítimos uma das suas principais fontes de sustento e rendimento²⁸¹.

A segunda é a figura mais característica ao longo de todas as cidades do Estreito, com particulares incidências nas áreas litorais, mas também presente no interior do território do sul da *Hispania*. (apêndices 7.7, 7.8, 7.9, 7.10). A repetição iconográfica do atum reflete a importância que teria para a economia local, mas também para a autoidentificação por parte dos utilizadores, como reflexo da profissão dos mesmos²⁸².

O golfinho está representado em 15 variantes, no entanto o seu significado pode ter diversas interpretações. Por um lado, pode ser religiosa, associada a *Neptuno/Poseidon* assim como a representação do tridente presente em duas variantes de *Ossonoba*²⁸³, no entanto o mais provável é que esteja associada à prosperidade, à paz e à sorte, como guias que ajudariam os marinheiros quando estavam no mar e atraíam os peixes para as redes de pesca²⁸⁴, como referido por Ponsich:

²⁸¹ Moreno Pulido, 2011, pág. 77

²⁸² Chic-García, 2006, pág. 334; Moreno Pulido, 2009, pág. 148

²⁸³ Roman & Roman, 2010, pág. 418

²⁸⁴ Moreno Pulido, 2011, pág. 74

*“Los pescadores eran muy supersticiosos en cuanto a la captura de los delfines, a los que consideraban, no sólo protegidos de los dioses, sino como amigos de la raza humana y auxiliares incondicionales ya que atraían a los peces hacia las redes, lo mismo que hacen los perros con la caza.”*²⁸⁵

Quanto às representações associadas à agricultura e a agropastorícia, podemos, entre estas variantes, observar três: o cavalo, a vaca/boi e a espiga de trigo.

A vaca ou o boi é o elemento mais raro e perante o qual não existe qualquer sugestão quando ao seu significado além da produção animal e da fertilidade da terra, já que não se apresenta ligado a uma lavra, muitas vezes representativa da fundação de uma cidade romana. Apesar desta representação ser identificada, a sua análise não é relevante já que apenas está identificada em uma variante, sem dados arqueológicos associados, questionando assim a sua existência²⁸⁶.

O cavalo é uma figura pouco comum nas moedas inventariadas, mas presente nas cunhagens de *Balsa*, *Cilpes* e *Ossonoba*. Esta representação é já frequente nas cunhagens púnicas do século III a.C. de *Carthago Nova*²⁸⁷ e mantém-se presente nas produções locais da Península Ibérica até ao século I d.C., principalmente na zona nordeste, mas nesse caso o cavalo era frequentemente representado com um lanceiro. Tendo em conta estas condicionantes e não podendo descartar um significado religioso, o mais provável é que seja uma alusão à fertilidade e aos recursos pecuários²⁸⁸.



Figura 4.26 - Triente de Balsa com representação de cavalo no anverso e atum no reverso

²⁸⁵ Ponsich, 1988, pág. 38

²⁸⁶ Gomes, 2006, pág. 37

²⁸⁷ Alvarez Burgo, 1987, pág. 77

²⁸⁸ Moreno Pulido, 2011, pág. 76

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=1512338> consultado a 11/05/2022

A representação que é indissociável da produção agrícola é a espiga de trigo, ou conjunto de espigas, presente 19 vezes, a maioria das quais nas cunhagens de *Baesuris*. Neste sentido, o facto desta representação da espiga ser a mais frequente nesta cidade, pode representar uma maior importância da produção agrícola relativamente às outras cidades que produziram moeda própria. Esta representação acompanhada pelo topónimo da cidade produtora é uma das representações mais frequentes da área do Estreito e surge pela primeira vez nas cunhagens de *Carmo*, sendo possivelmente o equivalente à representação do atum de *Gadir*, para cidades onde a agricultura teria um maior impacto na economia local²⁸⁹.



Figura 4.27 - Triente de Baesuris com espiga de trigo

Fonte: <https://www.acsearch.info/search.html?id=1276000> consultado a 11/05/2022

Por fim, o busto é pouco frequente, mas talvez a figura mais enigmática por não existir qualquer sugestão sobre quem será a figura. Apenas em *Cilpes* e em *Ipses* encontramos esta representação e apesar dos bustos das cunhagens da primeira cidade não terem qualquer sugestão de interpretação, é seguro que a figura presente num *semis* de cobre de *Ipses* retrata *Merqart-Heracles* com uma clava²⁹⁰, como é frequente nas cunhagens de *Gadir/Gades*²⁹¹. Ainda outra cunhagem desta mesma cidade, um sextante em chumbo, pode representar um jovem Otaviano, em estilo de imitação pouco trabalhada das cunhagens do período da Guerra Civil²⁹².

²⁸⁹ Moreno Pulido, 2017, pág. 181-183

²⁹⁰ Gomes, 2006, pág. 31

²⁹¹ Alvarez Burgos, 1987, pág. 151

²⁹² Sear, 1988, pág. 92



Figura 4.28 - Quadrante (4,78 gr e 16 mm) de Ipses, proveniente das dragagens da foz do Rio Arade (Praia de Alvor), com a representação de busto com legenda ilegível no anverso e a representação de um golfinho no reverso, com a legenda IPSIIS/C.ATIS em cima

Fonte: Autoria própria – Cunhagem presente do Museu das Pescas de Portimão²⁹³

Observamos que as cidades que mais se destacam quanto ao número de variantes produzidas são *Balsa*²⁹⁴ e *Ossonoba*²⁹⁵, com 40 e 44 emissões respetivamente, a seguir encontramos a cidade de *Baesuris* com 16 emissões, 10 de *Cilpes* e 9 de *Ipses*. É importante neste sentido entender a distribuição das cunhagens pelas cidades, pois assim conseguimos entender a necessidade de produção monetária de cada uma. A cidade com maior diversidade de representações é *Ossonoba*, excetuando apenas a espiga de trigo, nunca apresentada nas cunhagens.

²⁹³ N° Inventário do Museu das Pescas de Portimão: 2000-01/01

²⁹⁴ Gomes, 2006, pág. 26-28

²⁹⁵ Gomes, 2006, pág. 36-38



Figura 4.29 - Sémis (6,27 gr e 15 mm) de Ossonoba, proveniente das dragagens da foz do Rio Arade (Praia da Torralta), com a representação de trirreme no anverso e a representação de um atum no reverso, com a legenda OSSO em cima (?) e em baixo

Fonte: Autoria própria – Numisma presente do Museu das Pescas de Portimão²⁹⁶

Vemos também que a representação do golfinho apenas está presente em *Ossonoba* e nas cidades a seu ocidente, sendo esta a mais frequente em *Ipses*.

Apesar destes dados não poderem dar certezas quanto ao significado concreto destas representações em cada cidade, permitem-nos entender melhor a distribuição e as combinações entre estas 8 variantes, apresentando também de forma gráfica a grande diferença quanto à quantidade de variantes monetárias cunhadas entre *Ossonoba* e *Balsa* e as restantes cidades, dado significativo para poder avaliar o seu processo de monetarização.

Apesar de serem identificadas 28 variantes monetárias cunhadas em cobre, o metal mais utilizado para a produção de numismas no Círculo do Estreito, é o chumbo que apresenta maior frequência relativa para a produção de moedas no Algarve, retratando aproximadamente 76,5 %, ou seja, 91 variantes.

²⁹⁶ Nº Inventário do Museu das Pescas de Portimão: 2014/17

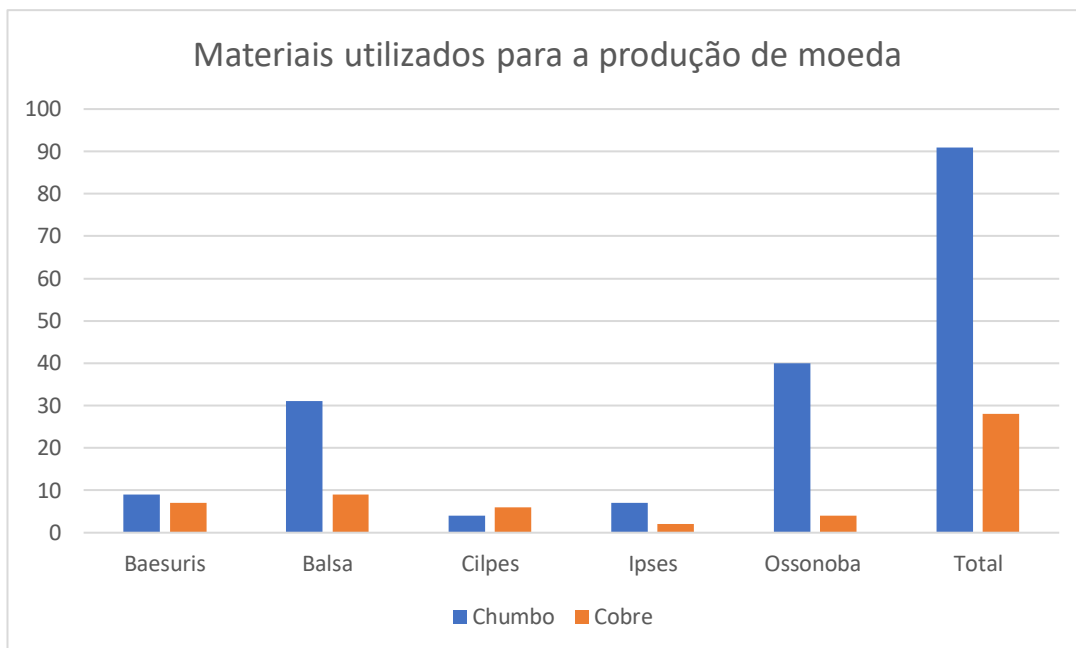


Gráfico 4.5 - Distribuição dos materiais utilizados para a produção de moeda por cada cidade com base em Alberto Gomes

Fonte: Autoria própria com base em Gomes, 2006, pág. 23-40

A produção de cunhagens em cumbo é tão frequente na região que tudo aponta para que a utilização deste material seja sinónimo de um período em que a necessidade de moeda para dar resposta aos pequenos pagamentos do quotidiano era tão significativa que superava a oferta existente de bronze já cunhado ou destinado para a produção de moeda²⁹⁷.

Quanto à sua utilização, não eram só os pescadores que necessitavam de moeda para serem pagos, mas todo o sistema económico de sector primário e secundário que garantia a operabilidade destas atividades vitais para uma sociedade que começava a transcender o alcance apenas doméstico, como carpinteiros, pedreiros, trabalhadores das salinas, de infraestruturas de preparados de peixe, etc²⁹⁸.

No que toca à sua circulação, é necessário recordar que uma moeda é apenas um objeto de metal e apenas tem valor se for reconhecida num determinado território pela sua população. Em contexto arqueológico não foram identificadas cunhagens de *Balsa* em *Myrtilis*, mas o contrário é constatado, com a presença de cunhagens de *Myrtilis* em *Balsa*. Isto pode dever-se ao não reconhecimento das cunhagens de cumbo produzidas na cidade algarvia, já que *Myrtilis* apenas produziu cunhagens em bronze, não aceitando moedas cunhadas em possíveis materiais “provisórios”. O reconhecimento do material utilizado para

²⁹⁷ Arévalo González & Moreno Pulido, 2021, pág. 310

²⁹⁸ Chic-García, 2006, pág. 334

as cunhagens desempenha também um papel significativo quando à circulação e à área em que eram aceites, já que o bronze/cobre, tal como a prata, se trata de um metal com valor intrínseco²⁹⁹. Apesar deste ser o motivo mais provável, outra explicação é que os fluxos comerciais entre estas cidades se fizessem entre *Myrtilis* e *Balsa* e não ao contrário, por possivelmente não se observarem vantagens económicas em tal deslocação de mercadorias³⁰⁰. A identificação de numismas do Algarve no Povoado das Mesas do Castelinho e em zonas próximas da foz do Tejo parecem sugerir um perímetro mais alargado de circulação onde o valor monetário era reconhecido, mas os resultados são ainda esporádicos para o poder afirmar³⁰¹.

Não se encontram identificadas cunhagens de *Balsa* no *fretum gaditanum*, no entanto encontra-se sim presentes nas escavações arqueológicas na área de *Ipsos* e de Monte Molião, assim como os numismas de *Ossonoba*. Estes dados parecem afirmar que a área de reconhecimento do valor destes numismas era extremamente reduzida e específica desta região, onde os numismas em chumbo eram reconhecidos com o mesmo valor que os de bronze no restante território peninsular³⁰².

Agora que é possível entender melhor a finalidade da produção e circulação destes numismas, é ainda difícil apresentar um período concreto para o início e fim do fabrico e utilização. Quanto ao início de produção, é possível indicar a década de 80 do século I a.C. como o momento no qual a produção monetária na Península Ibérica passa a incluir quase totalmente produções com legenda latina³⁰³.

O período apontado para o final de produção destas moedas é o início da época imperial, ou seja, logo após 27 a.C., no entanto o relatório arqueológico das escavações no Monte Molião parecem mostrar que a utilização destas moedas parece manter-se até um período bastante mais tardio, até ao momento em que deixa de existir necessidade, por parte da comunidade local, de utilização de divisores de produção não central.

Nesta escavação foram identificadas cunhagens de todas as cinco cidades produtoras de moeda em território algarvio, no entanto, vamos apenas analisar um numisma de cada cidade, dado que as características da unidade estratigráfica são semelhantes entre elas. É importante ter em conta que Muccioli não apontou datações precisas para as unidades

²⁹⁹ Chavez Tristán, 2006, pág. 159

³⁰⁰ Arévalo González & Moreno Pulido, 2021, pág. 309-310

³⁰¹ Conejo Delgado, em imprensa

³⁰² Arévalo González & Moreno Pulido, 2021, pág. 310

³⁰³ Arévalo González, 2008, pág. 53

estratigráficas, considerando-se “segunda fase de ocupação imperial” como segunda metade do século I a.C.

Das cunhagens de *Ossonoba* identificadas na escavação, é de destacar um *Quadrante* com o número de registo S.N.02 em chumbo, com 6,07 gramas e 18mm de diâmetros, a representação de um atum virado para a esquerda e com a presença da legenda OSO (com a letra “S” invertida). Devido à abundância de outros materiais nesta unidade estratigráfica (85), foi possível identificar que a mesma corresponde à segunda fase de ocupação imperial.³⁰⁴

Também se destaca um *Quadrante* de chumbo com 3,09 gramas e 15mm de diâmetro, encontrado na unidade estratigráfica 70, também correspondente ao segundo período de ocupação imperial, onde a legenda OSSO se sobrepõe à legenda BALSÁ, indicando que se poderá tratar de uma recunhagem de um numisma ossonobense no que seria um numisma balsense.³⁰⁵ Esta prática era frequente entre cidades com estreitas relações económicas, espelhando não só trocas comerciais frequentes, mas também a necessidade que Osso noba teria em obter matéria prima para produzir numismas, já que se trata da cidade que mais variantes produziu³⁰⁶.

De *Ipses* foi identificado um *As* com o número de registo S.N. 11, em bronze, com um peso de 8,51 gramas e um diâmetro de 25 milímetros. Neste numisma é visível a representação de um golfinho para a direita no anverso e o busto de *Herakles-Melqart* e é visível a presença da legenda IP(S)ES no reverso. Este numisma, à semelhança dos anteriores, é identificado como pertencente a uma unidade estratigráfica (85) e, portanto, também pertencente à segunda fase de ocupação imperial³⁰⁷. É importante ter em conta que a apresentação de uma nova cronologia pode também anteceder o período proposto para o início das cunhagens desta cidade, já que no caso de *Ipses* os dados arqueológicos, que apesar de não o poderem confirmar, apontam que o início de produção de moedas por parte desta cidade seja possivelmente no séc. III a.C. ou início do séc. II a.C., devido à descoberta de uma moeda de *Ipses* na escavação da “Vila Velha” de Alvor em 1986, numa unidade estratigráfica dos séculos III/II a.C. junto a vários fragmentos de cerâmica ibérica, principalmente ânforas, datáveis dos séculos IV/III a.C.³⁰⁸

³⁰⁴ Muccioli, 2015, pág. 33

³⁰⁵ Muccioli, 2015, pág. 34

³⁰⁶ Chavez Tristán, 2006

³⁰⁷ Muccioli, 2015, pág. 36

³⁰⁸ Gamito, 1997, pág. 260

De *Cilpes* é identificado um *As*, com o número de registo S.N. 09, com aproximadamente 8 gramas e o diâmetro de 20mm. Neste numisma, o mau estado de conservação não permite determinar as representações presentes na moeda à exceção da legenda C(IL)PES. Tal como os numismas anteriores, foi identificado como correspondente à unidade estratigráfica 85 e, portanto, também datável como pertencente à segunda fase de ocupação imperial³⁰⁹.

Apesar de nesta análise do reportório numismático do Monte Molião serem identificados pelo menos 3 numismas de *Cilpes*, a peça que merece maior destaque é uma moeda encontrada nas escavações de 2006 e primeiramente identificada de modo errado como se tratando de um denário³¹⁰. Este numisma de bronze apresenta excelentes condições de conservação e é facilmente visível a representação de um busto virado para a direita no anverso e a representação de um golfinho com a legenda CILPES no reverso. Infelizmente, neste caso não existe qualquer identificação da unidade estratigráfica que permita apresentar uma possível datação para a produção/utilização da moeda.



Figura 4.30 - Numisma de CILPES descoberta na campanha de escavações de 2006

Fonte: Fotografia de Victor S. Gonçalves presente em Arruda,2007, pág. 30³¹¹

Neste estudo de Monte Molião são identificadas cunhagens locais provenientes de outras cidades, mas que retratam a mobilidade que estes numismas poderiam ter em época de escassez de divisores. São identificados numismas de *Myrtilis*, *Carmo* e *Gadir/Gades*. Desta última cidade, foram identificados dois numismas. Um quadrante com o número de registo S.N.24, com 2,10 gramas e 16 mm de diâmetros, com a representação de *Herakles-Melqart* no anverso e um golfinho no reverso, proveniente da unidade estratigráfica 1438, sector C, datada de período imperial não definido.

³⁰⁹ Muccioli, 2015, pág. 39

³¹⁰ Arruda, 2007, pág. 30

³¹¹ Muccioli, 2015, pág. 40

Foi também identificado um As de bronze, com o número de registo 4998, com 9,14 gramas e um diâmetro de 25 mm. No anverso é visível a representação do busto de *Herakles-Melqart* e no reverso é identificável um atum virado para a direita. Este exemplar foi encontrado na unidade estratigráfica 1151 do sector C, também de cronologia imperial não definida³¹².

Para entender o significado destes dados, é também necessário ter em conta o contexto de povoamento deste sítio arqueológico, que apesar de não ter produzido moeda própria, se apresenta como um centro urbano com importância significativa para a região e que parece ter-se desenvolvido no mesmo período, apresentando paralelismos relativos ao seu local de implantação com os outros núcleos urbanos costeiros como *Ipses* e *Ossonoba*, encontrando-se numa colina com visibilidade destacada na paisagem, junto à costa e na margem de um curso fluvial, a Ribeira de Bensafrim³¹³. Em termos de materiais de cerâmica recolhidos, é possível observar a forte ligação comercial a toda a área do Golfo de Cádiz, em consonância com as restantes cidades do Algarve. No que toca à cerâmica comum identificada neste sítio arqueológico e datável de período romano-republicano, cerca de 78% tem origem na área da Baía de Cádiz³¹⁴.

Desta forma, apesar de serem insuficientes os dados para poder afirmar com certeza o período de utilização destes numismas, é possível afirmar que, neste contexto, é visível que se terá mantido até período imperial, ou seja, poderá ter sido regular até deixar de existir necessidade, independentemente da legislação vigente. Esta proposta de cronologia não procura assim apontar um momento definitivo para o início e fim da utilização destes numismas, afirma então que estes processos terão sido graduais, apenas dependentes das necessidades locais e do reconhecimento do seu valor monetário.

Uma justificação proposta para a cronologia da produção destas moedas, que poderá estar de acordo com Vasco Mantas (página 67) quanto à sugestão de um breve período, é justificado pela utilização de chumbo para a maioria das cunhagens. A utilização mais frequente deste metal pode indicar que as mesmas foram cunhadas num período muito breve e que, por esse motivo, a escassez de cobre/bronze levou à preferência da utilização do chumbo, mais comum e menos valioso, para a produção monetária.

Afirmamos então, através da cronologia e iconografia, que a produção e utilização das cunhagens locais no Algarve supera o fator económico e prende-se à afirmação

³¹² Muccioli, 2015, pág. 49

³¹³ Arruda et al., 2011, pág. 17

³¹⁴ Arruda et al., 2011, pág. 12-14

identitária, ou seja, a construção subjetiva de autorreconhecimento e sentido de pertença (ou oposição) a um determinado grupo etno-cultural.

Conclusão

5. Conclusão

Este trabalho de investigação apresentou-se como um desafio no que diz respeito ao tema escolhido, tratando-se de uma área relativamente pouco investigada e que, para poder obter conclusões substanciais, foi necessário recorrer a diferentes áreas das ciências sociais além da História, como a Arqueologia, a Sociologia, a Geografia e até certo ponto a Economia.

É possível concluir que a produção de moeda própria no Algarve é um reflexo do seu desenvolvimento económico e inserção num novo paradigma, justificado pela introdução na esfera de influência do mundo romano. As cidades desta região, favorecidas pela posição estratégica, litoral e na transição entre o Atlântico e o Mediterrâneo, souberam aproveitar as vantagens da sua geografia e viveram no virar da Era um período de prosperidade, possível através da exploração dos recursos rurais e marítimos.

A iconografia das cunhagens transcende o significado das representações e torna-se numa forma de afirmação identitária, refletindo as características culturais das sociedades nativas. Podemos até afirmar que as cunhagens do Algarve são a fonte histórica que mais permite entender as identidades locais, através dos elementos iconográficos, com os quais as populações que as utilizavam se identificavam. Os contactos do Algarve com o mundo mediterrânico, particularmente por motivos comerciais, tiveram um papel importante na definição de identidade nesta região, em particular com a cultura púnica, que deixou a sua marca pelo menos até a era imperial romana.

Desta forma, a produção monetária não é apresentada como o ponto de partida desta investigação, tratando-se então do resultado das condicionantes económicas e sociais do Algarve na transição da Era, assim como a sua inserção no mundo mediterrâneo, fruto das influências identitárias com os fenícios deste o século VIII a.C., com *Gadir* púnica e culminando finalmente com a transformação cultural e económica impulsionada pela consolidação da administração e economia romana nas regiões mais periféricas.

É necessário, uma vez mais, afirmar que as moedas estudadas nesta dissertação não se tratam de artefactos específicos identificados em contexto arqueológicos, na sua maioria. Com esta questão apresenta-se a maior dificuldade para esta investigação, pois a escassez de numismas identificados em unidades estratigráficas e em sítios arqueológicos impossibilita a apresentação de uma cronologia concreta para o início e final da sua circulação. Através da informação consultada é possível fazer paralelismos com o território espanhol, onde a

investigação já apresentou mais resposta quando às cunhagens de igual período, no entanto cada região e cidade é uma entidade individual e, como tal, com características singulares, mesmo dentro do contexto económico e social em que se insere.

Esta investigação deixa portas abertas ao desenvolvimento de outros tópicos em torno desta temática, como qual seria a área em que o valor pecuniário destes numismas era reconhecido e aceite para trocas comerciais, que, como vimos, as evidências sugerem que não eram reconhecidas em Myrtilis, mas foram identificadas em contextos mais distantes, como no Povoado das Mesas dos Castelinhos ou em áreas próximas da foz do Tejo. Também a investigação da alteração da linha de costa, das ilhas barreira, através das correntes e deposição das areias deve ser abordada para o período em estudo, em que apesar de existirem trabalhos sobre a navegação no Algarve em época romana, seria necessária a cooperação multidisciplinar com organismos das ciências do ambiente, como o ICNF, para entender melhor as dinâmicas costeiras e como podem ter influenciado a economia da região.

Bibliografia

6. Bibliografia

6.1. Referências bibliográficas

- Alarcão, J. de. (1973). *Portugal romano*. Verbo.
- Alarcão, J. de. (1988). *Roman Portugal: Vol. Vol. 2º*. Aris & Phillips.
- Alexandropoulos, M. J. (1987). L'influence de Carthage sur les monnayages phénico- puniques d'Espagne. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 23, pág. 5-29.
- Alfaro Asíns, C. (1988). *Las monedas de Gadir/Gades*. Fundacion para el fomento de los estudios numismaticos.
- Alfaro Asíns, C. (1991). Epigrafía monetar púnica y neopúnica en Hispania. *Ermanno A. Aíslan Studia Dicata*, pág.109-156.
- Almagro-Gorbea, M., & Torres Ortiz, M. (2009). La colonización de la Costa Atlántica de Portugal: ¿Fenicios o Tartesios? *Palaeohispanica*, 9, pág. 113-142.
- Almela Valverde, L. (2004). Sobre Salacia y otras apreciaciones acerca de algunas cecas de la Hispania occidental. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 7(Número 2), pág. 243-284.
- Alvarez Burgos, F. (1987). *La moneda hispanida desde sus origenes hasta el siglo V: Vol. volume I*. Vico y Sagarra.
- Aranegui, C., Rodríguez, C. G., & Rodrigo, M. J. (2005, novembro). Datos para la gestión pesquera de Lixus. *Actas del Congreso Internacional CETARIAE*. salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad, Oxford.
- Araújo, A. C., Marques Faria, A., Nuno, C. S., Pinheiro, D. P., Lourenço, F. S., & Marques, T. (1995). *Carta Arqueológica de Portugal: Concelhos de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim, Alcoutim: Vol. Volume 2*.
- Araújo de Lima, R. (2018). As cetariae na Província da Hispânia Bética: O garum enquanto continuação de uma prática econômica e cultural finício-púnico em Gades e sua resignificação em contexto romano. *Mare Nostrum*, 9(1), pág. 115-134.
- Arévalo González, A. (2008). La organización y producción de moneda en la Hispania Ulterior. Em *Els tallers monetaris: Organització i producció* (p. pág. 43-58). Universidad de Cádiz.
- Arévalo González, A. (2011). Proyecto Theatrum Balbi. Nuevas aportaciones al Cádiz Medieval. *Debates de Arqueología Medieval*, 1, pág. 105-116.

- Arévalo González, A. (2021). De Bailo a Baelo Claudia. Moneda propia y numerario circulante. Em *Arqueología y Numismática Estudios en homenaje a la profesora Francisca Chaves Tristán* (p. pág. 191-206). Editorial Universidad de Sevilla.
- Arévalo González, A., & Moreno Pulido, E. (2011). La imagen proyectada de Gadir a través de sus monedas. Em *Gadir y el Círculo del Estrecho revisados: Propuestas de la arqueología desde un enfoque social* (1ª edición, p. pág. 339-373). Universidad de Cádiz.
- Arruda, A. M. (1999). O Algarve nos séculos V e IV a.C. Em *O Algarve—Da antiguidade aos nossos dias* (p. pág. 23-31). Edições Colibri.
- Arruda, A. M. (2005). O 1.º milénio a.n.e. No Centro e no Sul de Portugal: Leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*, 23, Pág. 9-156.
- Arruda, A. M. (2007). *Laccobriga: A ocupação romana na Baía de Lagos*. Câmara Municipal de Lagos.
- Arruda, A. M. (2008). *As cerâmicas Áticas do castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*. Edições Colibri.
- Arruda, A. M. (2017). As Ocupações Antigas da Quinta do Lago (Almansil, Loulé). Em *Loulé: Territórios, Memórias, Identidades* (p. pág. 292-300). Museu Nacional de Arqueologia.
- Arruda, A. M., & Fabião, C. (1990). Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). *Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga*, pág. 199-223.
- Arruda, A. M., & Sousa, E. de. (2013). Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*, 22, 101–141.
- Arruda, A. M., Sousa, E., Pereira, C., & Lourenço, P. (2011). Monte Molião: Um sitio Punico-Gaditano no Algarve. *Conimbriga*, 50, pág. 5-32.
- Arruda, A. M., Viegas, C., & Bargão, P. (2005). As ânforas da Bética costeira na Alcáçoca de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8(1), pág. 279-297.
- Arruda, A. M., Viegas, C., & Bargão, P. (2019). A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, 10, pág. 285-304.
- Bacsa, B. A. (2015). Fifth Taste—The Civilizational Effects of Garum. Em *Hallgatói Muhelytanulmányok 3*. University of Debrecen.
- Barata, F., & Ramos, L. R. (2021). *Glossário de termos Latinos para a Arqueologia: Vol. Vol. A-L*. Lema d'Origem - Editora.
- Baratto, M. (2009). *DIREITOS HUMANOS E DIÁLOGO INTERCULTURAL: Possibilidades e Limites*. Universidade Estadual de Campinas.

- Barros, P. (2005). Cerâmicas áticas no circuito do Estreito do Extremo-Occidente peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosario, Faro e Tavira. *El Periodo Orientalizante, II*, pág. 931-945.
- Beard, M. (2016). *S.P.Q.R.* Bertrand.
- Bernal Casasola, D., Arévalo González, A., Roselló, E., & Morales, A. (2004). Garum y salsas mixtas: Análisis arqueozoológico de los paleocontenidos de ánforas procedentes de Baelo Claudia. *Avances en Arqueometría*, pág. 85-90.
- Bernal Casasola, D., & Sáez Romero, A. M. (2008). Fish-salting plants and amphora production in the Bay of Cadiz (Baetica, Hispania). Patterns of settlement from the Punic era to Late Antiquity. Em *Thinking about Space: The potential of surface survey and contextual archaeology in the definition of space in Roman times*. Brepols.
- Bernal-Casasola, D., García Vargas, E., Sáez Romero, A. M., & González Cesteros, H. (2021). Amphora contents in Baetica: From the Punic tradition to Late Roman times. *Reflecting on the Maritime Trade of Foodstuffs in Antiquity. In honour of Miguel Beltrán Lloris.*, pág. 215-240.
- Bernardes, J. P. (2005a). A Relação Campo/Cidade – os Casos de Milreu e Ossonoba. Em *Caminhos do Algarve Romano / Paths of the Roman Algarve (Catálogo da Sala Lapidar do Museu Municipal de Faro)* (p. pág. 35-42). Museu Municipal de Faro.
- Bernardes, J. P. (2005b). Morrer em Faro há 2000 anos—As Necrópoles de Ossonoba. Em *Caminhos do Algarve Romano / Paths of the Roman Algarve (Catálogo da Sala Lapidar do Museu Municipal de Faro)* (p. pág. 26-34). Museu Municipal de Faro.
- Bernardes, J. P. (2006). Existem Ponte Romanas no Algarve? *Actas das I Jornadas As Vias do Algarve*, pág. 14-19.
- Bernardes, J. P. (2008). Intervenção Arqueológica de Emergência no Sítio Romano de Loulé-Velho (Quarteira). *al-úlyá, nº 12*, pág. 9-22.
- Bernardes, J. P. (2010). Ab Oppido ad Urbem: Algarve's urban landscape variations throughout the Roman Age. Em *Changing Landscapes The impact of Roman towns in the Western Mediterranean* (p. pág. 357-368). Ante Quem.
- Bernardes, J. P. (2011). A cidade de Ossonoba e o seu território. *Anais do Município de Faro*, pág. 11-16.
- Bernardes, J. P. (2017a). Augusto e a (re)organização administrativa do Sul da Lusitânia. *Gerión, Vol. 35(Nº Esp.)*, pág. 399-415.

- Bernardes, J. P. (2017b). O sistema portuário de Ossonoba. Em *Los Puertos Atlánticos Béticos y Lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo* (p. pág. 379-398). «L'Erma» di Bretschneider.
- Bernardes, J. P. (2019). A Investigação Arqueológica do Período Romano no Algarve: Balanço e perspectivas de investigação. *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, 10.
- Bernardes, J. P. (2021). As conexões marítimas da cidade romana de Balsa. Em *Del Atlántico al Tirreno. Puertos hispanos e itálicos* (p. pág. 357-373). Universidad de Huelva.
- Bernardes, J. P., & Candeias, C. (2021, setembro 8). *Apresentação dos resultados das escavações: Balsa*.
- Bernardes, J. P., Candeias, C., & Mantas, V. G. (2022, junho 30). *Tertúlia sobre Balsa*.
- Bernardes, J. P., Martins, A. S., & Ferreira, M. R. (2008). Boca do Rio (Budens, Lagos). História e perspectivas de investigação de uma das mais emblemáticas estações arqueológicas romanas do Algarve. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, pág. 115-124.
- Bernardes, J. P., & Medeiros, I. E. (2016). Boca do Rio (Budens, Vila do Bispo): Novos dados de uma villa piscícola romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, pág. 265-286.
- Bernardes, J. P., & Oliveira, L. F. (2002). A «calçadinha» de S. Brás de Alportel e a Antiga Rede Viária do Algarve Central. Câmara Municipal de São Brás de Alportel.
- Bernardes, J. P., & Viegas, C. (2016). Roman Amphora Production in the Algarve (Southern Portugal). Em *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (p. pág. 81-92). Archaeopress Publishing Ltd.
- Berresford Ellis, P. (2007). *O Império Celta* (1ª edição). Zéfiro.
- Birot, P. (2004). *Portugal. Estudo de geografia regional* (2ª edição). Livros Horizonte.
- Bombico, S. (2015). *Pr'Além do Mare Nostrum—Um Guia para a Navegação Romana no Atlântico* (1ª edição). CIDEHUS - Universidade de Évora.
- Bondì, S. F. (2014). Phoenicity, punicitities. Em *The Punic Mediterranean: Identities and identification from phoenitian settlement to roman rule* (p. pág. 58-68). Cambridge University Press.
- Borrego de la Paz, J. de D. (2009). La configuración arquitectónica del Teatro Romano de Cádiz. Nuevas Perspectivas. *El Theatrum Balbi de Gades*, pág. 171-226.
- Borzić, I. (2011). Hispanic Garum at a Burnum Table. *Original Scientific Paper*, Vol. 5(Num. 1).
- Brito, R. S. de. (1994). *Portugal: Perfil Geográfico*. Editorial Estampa.
- Callegarin, L., & Pau Ripollés, P. (2010). Las moendas de Lixus. *SAUNTUM EXTRA*, 8, pág. 151-186.

- Callegarin, L., & Pau Ripollés, P. (2012). Une émission monétaire inédite de l'atelier de Lixus. *Bulletin d'archeologie marocaine*, XXII, pág. 176-186.
- Campo, M. (2013). De donde venían y a donde iban las monedas fenicio-púnicas. Producción, función y difusión de las emisiones. *XXVII Jornadas de Arqueologia Fenicio-Punica*, pág. 9-33.
- Canas, R. (2014). *Flora y Vegetación de la Serra do Caldeirão*. Universidad de Jaén.
- Cardoso, J. L. (2000). Como nasceu a arqueologia em Portugal. *O Estudo da História*, nº 4, pág.9-30.
- Cardoso, J. L., & Gradim, A. (2004). Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: O concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*, 22, pág. 67-112.
- Carneiro, A. (2008). *Itinerários Romanos do Alentejo*. CCDRA.
- Castán, C., & Miró, J. C. (2009). *Las monedas de la República Romana y del Imperio*. Filabo.
- Castro-Páez, E. (2018). The City as a Structural Element in Turdetanian Identity in the Work of Strabo. Em *Roman Turdetania Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce: Vol. Vol. 3*. Brill.
- Chaves Tristán, F. (1979). *Las monedas hispano-romana de Carteia*. Cymys.
- Chaves Tristán, F. (2006). Las Monedas Viajeras. Em *Mar Greco-Latino*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Chaves Tristán, F. (2007). Origen, uso y función de la moneda en la sociedad hispanica: Siglos IV-I a.C. *Numismatica Lovaniensia*, num. 20, pág. 213-222.
- Chaves Tristán, F. (2009a). Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la Numismática: El caso de Gadir-Gades. Em *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Universidad de Malaga.
- Chaves Tristán, F. (2009b). Las amonetaciones hispanas en la antigüedad. Em *Hispaniae: Las provincias hispanas en el mundo romano* (p. pág. 47-97). Documenta 11.
- Chaves Tristán, F. (2014). Monedas: Entre la guerra y la paz. Em *La guerre et ses traces: Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe-Ier s. A.C.)* (p. pág. 343-368). Ausonius Éditions.
- Chaves Tristán, F. (2017). La evolución de la "identidad cívica" a través de los documentos monetales: el sur de Hispania siglos III a.C.-I d.C. Em *Entre los mundos: Homenaje a Pedro Barceló* (p. pág. 285-305). Presses universitaires de Franche-Comté.
- Chaves Tristán, F., Fernández, F. J. G., & Ferrer Abelda, E. (2004). Relaciones interétnicas e identidades culturales en Turdetania (siglos II a.C.-I d.C.). *Atti del XIV convegno di studio*, pág. 813-827.

- Chaves Tristán, F., & García Vargas, E. (1991). Reflexiones en torno al área comercial de Gades: Estudio numismático y económico. *Gérion, Homenaje al Dr. Michel Ponsich*.
- Chaves Tristán, F., & García Vargas, E. (1994). Gadir y el comercio atlántico a través de las cecas occidentales de la Ulterior. Em *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*.
- Chaves Tristán, F., García Vargas, E., & Ferrer Abelda, E. (1998). Datos relativos a la pervivencia del denominado Círculo del Estrecho en época republicana. *Atti del XII Convegno di Studio*, pág. 1307-1320.
- Chaves Tristán, F., García Vargas, E., & Ferrer Abelda, E. (2002). La economía del mar en el Sur de la Península Ibérica: Épocas fenicio-púnica y romano-republicana. *Atti del XIV convegno di studio Sassari*, pág. 643-652.
- Chic-García, G. (1995). Roma y el mar: Del Mediterráneo al Atlántico. Em *Guerra, exploraciones y navegación: Del Mundo Antiguo a la Edad Moderna* (p. pág. 55-89). Ferrol.
- Chic-García, G. (2006). Una perspectiva de la economía en el sur de Hispania durante la República Romana. *Actas del IV Congreso Hispano-Italiano Histórico-Arqueológico. Iberia e Italia: Modelos Romanos de Integración Territorial*, Murcia.
- Chic-García, G. (2021). El carácter mítico de la navegabilidad natural del Guadalquivir. Em *Arqueología y Numismática Estudios en homenaje a la profesora Francisca Chaves Tristán* (p. pág. 633-660). Editorial Universidad de Sevilla.
- Conejo Delgado, N. (2021). Cerro da Vila: La moneda romana en una aglomeración secundaria de Lusitania. Em *Arqueología y Numismática Estudios en homenaje a la profesora Francisca Chaves Tristán* (p. pág. 293-305). Editorial Universidad de Sevilla.
- Costa, J. M. (Diretor). (2007). Algarve que vem do árabe (Série III). Em *Cuidado com a Língua!* RTP.
- Cravioto, E. G. (2008). La economía exótica en el África occidental en época romana. *Atti del XVII convegno di studio Sevilla, Volume Primo*.
- Daveau, S. (1995). *Portugal Geográfico* (1ª edição). Edições João Sá da Costa, LDA.
- D'Encarnação, J. (1984). *Inscrições romanas do Convento Pacensis: Subsídios para o estudo da romanização*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- Deserto, J., & Pereira, S. da H. M. (2016). *Estrabão, Geografia Livro III: Introdução, Tradução do Grego e Notas*. Coimbra University Press.
- Diogo, A. M. D., Cardoso, J. P., & Reiner, F. (2000). Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3(2), pág. 81-118.

- Estácio da Veiga, S. P. M. (1866). *Povos Balsenses: Sua situação geographico-physica, indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d'Ares distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Livraria Catholica.
- Estácio da Veiga, S. P. M., Soares, M. I. F. da S., Raposo, L., Cardoso, J. L., & Gradim, A. (2006). *Antiguidades Monumentais do Algarve: Tempos Históricos: Vol. Vol. V*. Câmara Municipal de Silves/Museu Nacional de Arqueologia.
- Fabião, C. (1992). Garum na Lusitania rural? *Studia historica*, 10–11, 227–252.
- Fabião, C. (1994). As ânforas. Em *A cerâmica e vidros de Torre de Ares*. Balsa (p. pág. 17-36). Instituto Português de Museus.
- Fabião, C. (1998). O Sul da Lusitânia (Algarve Português) e a Baetica: Concorrência ou Complementariedade? *Congresso Internacional Ex Baetica Amphorae, Vol. II*, pág. 717-730.
- Fabião, C. (2008). José Leite de Vasconcellos (1858 – 1941): Um archeólogo português. *O Archeólogo Português, Numero 26*, pág. 97-126.
- Fabião, C. (2015). José Leite de Vasconcelos archeólogo. Em *José Leite de Vasconcelos (1858-1941)—Peregrino do Saber* (p. pág. 61-89). Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Fabião, C. (2021). A produção de preparados piscícolas. Em *Lisboa romana, Felicitas Iulia Olisipo: A cidade produtora (e consumidora): Vol. IV Volume* (p. pág. 25-35). Caleidoscópico / Câmara Municipal de Lisboa.
- Faria, A. M. (1987). Ipses, uma ceca hispano-romana do Sudoeste. *Acta Numismática*, 17–18, pág. 101-104.
- Faria, A. M. de. (1994). Moedas da Época Romana cunhadas em território actualmente português. *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua*, pág.
- Faria, A. M. de. (1995). Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca, nº 4*, pág. 89-99.
- Faria, A. M. de. (1999). Colonização e municipalização nas provincias hispano-romanas: Reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(2), pág. 29-50.
- Fernandes, A. de A. (1997). *Paroquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Brochado.
- Fernández, F. J. G., & García Vargas, E. (2010). Entre gaditanización y romanización: Repertorios cerámicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos III-I a.C). *IV reunió d'economia en el primer millenni AC*, pág. 115-134.
- Ferrer Abelda, E. (2006). La Bahía de Cádiz en el contexto del mundo púnico: Aspectos énicos e políticos. *SPAL*, 15, pág. 267-280.

- Ferrer Abelda, E. (2018). Ethnic and Cultural Identity among Punic Communities in Iberia. Em *Roman Turdetania: Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce* (Vol. 3, p. pág. 70-88). Brill.
- Fornell Muñoz, A., & Ruiz López, I. D. (2013). Un conjunto de monedas de Obulco en Arjonilla (Jaén). *Numisma*, 257, pág. 47-67.
- Fraga da Silva, L. (2010). *Séries temporais da cidade romana da Balsa*. Conteudos do Futuro Centro Interpretativo de Balsa.
- Frey-Kupper, S. (2014). Phoenicity, punicities. Em *Coins and their use in the Punic Mediterranean: Case studies from Carthage to Italy from the fourth to the first century bce* (p. pág. 76-110). Cambridge University Press.
- Gamito, T. J. (1997). Ipses (Vila Velha, Alvor). Em *Noventa séculos entre a serra e o mar* (p. pág. 257-264). IPPAR.
- García Fernández, F. J. (2007). Etnología y etnias de la Turdetania en época prerromana. *CuPAUAM*, 33, pág. 117-143.
- García Vargas, E. (2018). The Economy and Romanization of Hispania Ulterior (125-25 a.C.): The Role of the Italians. Em *Roman Turdetania: Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce* (Vol. 3, p. pág. 164-185). Brill.
- García-Bellido, M. P. (2013). Los griegos de Iberia en Época Arcaica y Clásica según datos metrológicos y numismáticos. Em *El Oriente griego en la Península Ibérica Epigrafía e Historia* (p. pág. 111-136). Real Acedemia de la Historia.
- García-Bellido, M. P., & Blázquez, C. (2001). *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos: Vol. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos*. Instituto de Historia.
- García-Bellido, M. P., & de Diego, G. (2020). Moneda y geografía étnica de Iberia. Em *Non sufficit orbis: Geografía histórica y mítica en la antigüedad* (p. pág. 189-204). Dykinson.
- Gascó, C. A. (2007). Lixus y la conquista del océano. *Actas V Jornadas Internacionales de Arqueología Subacuática*, pág. 303-310.
- Gascó, C. A., & Sánchez, J. V.-F. (2014). More than neighbours: Punic–Iberian connections in southeast Iberia. Em *The Punic Mediterranean: Identities and identification from phoenitian settlement to roman rule* (p. pág. 243-256). Cambridge University Press.
- Gaspar, C., & Pascual, H. (2020). *Ambientes epigráficos y territorio: El Guadiana entre Bética e Lusitania*. Centro de Estudios Clásicos - Fundación Genral Universidad de Alcalá.
- Gibbon, E. (2020). *História do Declínio e Queda do Império Romano: Vol. Volume I*. BookBuilders.

- Gil, J. M. (2020). Carteia, la vigía del Estrecho de Gibraltar [Blog cultural]. *La Bruma del Olimpo*.
- Ginés Ordoñez, I. G. (2018). Lixus: Los fenicios en el Atlántico. *ArtyHum Revista de Artes y Humanidades*, 52, pág. 1-28.
- Gomes, A. (1998). *Moedas do território português: Antes da fundação da nacionalidade*. Associação Numismática de Portugal.
- Gomes, A. (2006). *Moedas portuguesas e do território que hoje é Portugal* (5ª edição). Associação Numismática de Portugal.
- Gomes, M. V., & Gomes, R. V. (1981). Novas moedas hispânicas de Balsa e Ossonoba. *Nummus: Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática, volume 04-06*, pág. 155-182.
- Gomes, M. V., & Gomes, R. V. (1988). *Levantamento arqueológico-bibliográfico do Algarve*. Delegação Regional do Sul da Secretaria Geral de Estado da Cultura.
- Gomes, M. V., & Serra, M. P. (1996). Loulé Velho (Quarteira, Loulé). Resultados da Primeira Campanha de Escavações Arqueológicas (1996). *al-úlyá, n° 5*, pág. 29-49.
- Gomes, M. V., & Serra, M. P. (2001). Loulé Velho (Quarteira, Loulé)—Duas datações por radiocarbono. *al-úlyá, n° 8*, pág. 19-22.
- González Bornay, J. M. (2020). Las monedas fenicio-púnicas en Extremadura. *IX Congreso Internacional de estudios Fenicios y Púnicos, Volumen IV*, pág. 1693-1698.
- Gozalbes Cravioto, E. (1987). *Economía de la Mauritania Tingitana (Siglos I a. De C.-II de C.)*. Universidad de Granada.
- Gracia Carretero, J. R. G., & Martín Ruiz, J. A. (2010). Grafito Ibérico hallado en el Cerro del Castillo (Fuengirola, Málaga): Nuevos datos sobre la presencia indígena en los yacimientos fenicios del círculo del Estrecho. Em *Cuaternario y Arqueología: Homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Diputación de Cádiz.
- Gradim, A., Grabherr, G., Kainrath, B., Oberhofer, K., Schierl, T., & Teichner, F. (2015, maio 13). O caso do edifício republicano do Castelinho dos Mouros (Alcoutim) – Um exemplo de arquitetura mediterrânica no Baixo Guadiana? *1º congresso internacional. Arquitetura tradicional no Mediterrâneo ocidental*, Mértola.
- Gradim, A., Grabherr, G., Kainrath, B., & Teichner, F. (2012). O castelinho dos Mouros (Alcoutim). Um Edifício Republicano do Baixo Guadiana no período de fundação da Lusitânia romana. *Anejos de AEspA, LXX*, pág. 45-74.
- Griffiths, D. (2013). *Augustus and the roman provinces of Iberia*. University of Liverpool.
- Homero. (2014). *Ilíada* (6ª edição). Livros Cotovia e Frederico Lourenço.

- Jiménez Díez, A. (2008). Roman settlements/Punic ancestors. Some examples from the Necropoleis of southern Iberia. *Bollettino di archeologia On Line*. International congress of classical archeology meeting between cultures in the ancient mediterranean, Roma.
- Jiménez Díez, A. (2014). Punic after Punic times? The case of the so-called «Libyophoenician» coins of south Iberial. Em *The Punic Mediterranean: Identities and identification from phoenitian settlement to roman rule* (p. pág. 219-241). Cambridge University Press.
- Kaldellis, A. (2019). Neo-Phoenician identities in the Roman Empire. Em *The Oxford Handbook of The Phoenician and the Punic Mediterranean* (p. pág. 1106-1123). Oxford University Press.
- Leveau, P. (1993). Agglomérations secondaires et territoires en Gaule Narbonnaise. *Revue Archéologique de Narbonnaise*, nº 26, pág. 277-299.
- Lopes, V. (2003). O Conjunto Musivo de Mértola e o Baptistério—Balanço das Escavações Recentes. *Arqueologia Medieval*, 8, pág. 17-28.
- López Castro, J. L. (1998). Familia, poder y culto a Melqart gaditano. *ARYS*, 1, pág. 93-108.
- López Castro, J. L. (2008). The Iberian Peninsula: Landscapes of Tradition. Em *Rural Landscapes of the Punic World*. Equinox.
- López Pérez, A. (2013). Interpretación iconográfico-numismática de Obulco y Castulo. *Transtámara*, nº 11.2, pág. 129-138.
- Lowe, B. (2014). Economí y sociedad en Hispania Romana. *Kobie Serie PaleoantroPología*, 3, pág. 153-160.
- Lucas, D. C. (2008). *Direitos Humanos e Interculturalidade: Um diálogo entre a igualdade e a diferença*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Maia, M. (2006). De Baesuris a Pax Iulia por Arannis. *Actas das I Jornadas - As Vias do Algarve*.
- Maia, M. G. P. (2000). *Levantamento da Carta Arqueológica da Freguesia de Cachopo*. Campo Arqueológico de Tavira - C.M. Tavira.
- Mantas, V. G. (1990). As cidades marítimas de Lusitânia. Em *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (p. pág. 149-205). Centre National de la Recherche Scientifique.
- Mantas, V. G. (1996). Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado. *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos estuários do tejo e do Sado*, pág. 343-371.
- Mantas, V. G. (1997a). As Civitates: Esboço da geografia politica e económica do Algarve romano. Em *Noventa séculos entre a serra e o mar* (p. pág. 283-310). IPPAR.
- Mantas, V. G. (1997b). Os caminhos da Serra e do Mar. Em *Noventa séculos entre a serra e o mar* (p. pág. 311-326). IPPAR.

- Mantas, V. G. (1998). Navegação, economia e relações interprovinciais entre Lusitania e Bética. *Humanitas, L*, pág. 199-239.
- Mantas, V. G. (2004). A Lusitânia e o Mediterrâneo—Identidade e Diversidade Numa Província Romana. *Conimbriga, XLIII*, pág. 63-83.
- Mantas, V. G. (2016). Navegação e portos no Algarve Romano. *Revista do Arquivo Municipal de Loulé, 15*, pág. 27-51.
- Mantas, V. S. G. (2013). Os Romanos e a Navegação nos Mares Exteriores. *Memórias da Academia de Marinha, 43*, pág. 335-351.
- Marín Martínez, A. P. (2011). Iconografía sagrada fenicio-púnica en las monedas de Hispania (siglos III al I a.C.). *El Futuro del Pasado, nº 2*, pág. 569-590.
- Martí-Aguilar, M. Á. (2018). Tyrian Connections: Evolving Identities in the Punic West. Em *Roman Turdetania: Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce* (Vol. 3, p. pág. 108-129). Brill.
- Martins, A. I. G. (2019). *Contributo para o estudo da cidade romana de Ossonoba: A terra sigillata da Rua Infante D. Henrique nº58-60: Vol. Volume I*. Universidade de Évora.
- Mederos Martín, A. (2007). *Los atunes de Gadir. Vol. Extra*, pág. 173-195.
- Mora Serrano, B. (2013). Divinitats poliades a les emissions de tradició feniciopúnica del sud de la península Ibèrica. Em *Déus i mites de l'antiguitat. L'evidència de la moneda d'Hispania* (p. pág. 26-31). Museu Nacional D'Art de Catalunya.
- Mora Serrano, B., & Cruz Andreotti, G. (2012). Ethnic, cultural and civic identities in Ancient Coinage of the Southern Iberian Peninsula (3rd C. BC – 1st C. AD). Em *The City and the Coin in the Ancient and Early Medieval Worlds*. BAR International Series 2402.
- Moreno Pulido, E. (2008). La imagen proyectada por la Bética costera durante los siglos II a.c. A I d.c: Un análisis iconológico de su acuñación moneta. *Espacio, Tiempo y Forma, n. 21*, pág. 185-205.
- Moreno Pulido, E. (2011). Representaciones zoomórficas en la moneda antigua del Círculo del Estrecho. Em *Los animales en la historia y en la cultura* (1ª edición, p. pág. 69-80). Universidad de Cádiz.
- Moreno Pulido, E. (2014). *Moreno Pulido, Elena. Iconografía monetaria de la región geohistórica del Estrecho de Gibraltar y su periferia. Siglos III a.C.- I d.C*. Universidad de Cádiz.
- Moreno Pulido, E. (2017). La identidad púnico-turdetana y su reflejo en la iconografía monetaria. *Actas da Mesa Redonda Turdetânia e Turdetanos*, pág. 180-198.

- Moreno Pulido, E., & Arévalo González, A. (2017). La moneda y el transiego portuario. Una mirada desde la costa atlántica del sur de Hispania. Em *Los puertos atlánticos béticos y lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo* (p. pág. 170-203). «L'Erma» di Bretschneider.
- Moreno Pulido, E., & Arévalo González, A. (2021). La moneda como reflejo del movimiento de persona y mercancías en las ciudades portuarias de Myrtilis, Balsa y Ossonoba y sus Territoria. Em *Del Atlántico al Tirreno. Puertos hispanos e itálicos* (p. pág. 240-329). Universidad de Huelva.
- Moret, P. (2018). Historians vs. Geographers: Divergent Uses of the Ethnic Name Turdetania in the Greek and Roman Tradition. Em *Roman Turdetania Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce* (Vol. 3, p. pág. 13-33). Brill.
- Moure, M. (1976). *Dictionnaire Encyclopédique d'Histoire*. Bordas.
- Muccioli, G. (2015). *L'insieme di monete di Monte Molião: O conjunto numismático de Monte Molião*. Universidade de Lisboa.
- Nicolau, R. (2002). *Precipitação Média Anual* [Map]. INAG/IGP.
- Nolen, J. U. S. (1994). *Cerâmica e vidros de Torre de Ares. Balsa*. Instituto Português de Museus.
- Nolen, J. U. S. (1997). Balsa, uma cidade romana no litoral algarvio. Em *Noventa séculos entre a serra e o mar* (p. pág. 327-343). IPPAR.
- Nolen, J. U. S., & Real, F. C. S. (1994). As Pastas da cerâmica local e regional. Em *A cerâmica e vidros de Torre de Ares. Balsa* (p. pág. 119-132). Instituto Português de Museus.
- Paus Ripollés, P. (2005). Coinage and identity in the Roman Provinces: Spain. Em *Coinage and Identity in the roman provinces* (p. pág. 80-93). Oxford University Press.
- Pequito Rebelo, J. (1929). *A Terra Portuguesa*. Ottosgrafica.
- Pereira, A. R. M. (2018). *A salvaguarda do património arqueológico nos instrumentos de gestão territorial e regulamentos municipais do Algarve: Dois estudos de caso*. Universidade de Lisboa.
- Pereira, C. M. P. (2008). *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (Suplemento 9). Museu Nacional de Arqueologia.
- Pereira, I., & Silva, T. (2008). *O Museu Municipal de Faro e a sua coleção de Moedas Romanas: Subsídios para a circulação monetária no Algarve*. Câmara Municipal de Faro.
- Peris, E. (2001). Hallazgos de monedas griegas en Andalucía. Em *XIV Congreso Nacional de Numismática* (p. pág. 519-525).
- Plínio. (2004). *Natural History*. Penguin Books.

- Ponsich, M. (1988). *Aceite de oliva y salazones de pescado. Factores geo-económicos de Bética y Tingitana*. Universidad Complutense de Madrid.
- Prieto, F. M. (2018). *Roman Turdetania: Romanization, Identity and Socio-Cultural Interaction in the South of the Iberian Peninsula between the 4th and 1st Centuries bce* (p. pág. 130-147). Brill.
- Prieto, F. M. (2019). Una forma fenicia de ser romano: Identidad e integración de las comunidades fenicias de la Península Ibérica bajo poder de Roma. *UNA FORMA FENICIA DE SER ROMANO Identidad e integración de las comunidades fenicias de la Península Ibérica bajo poder de Roma, XXIX*, pág. 15-27.
- Ptolomeu, C. (1991). *The Geography*. General Publishing Company.
- Raposo, E. M. (2019). *Uma vida com História: Claudio Torres* (1ª edição). Adições Afrontamento.
- Revell, L. (2009). *Roman imperialism and local identities*. Cambridge University Press.
- Ribeiro, O. (1987). *Portugal: O Mediterrâneo e o Atlântico* (5ª edição). Livraria Sá da Costa Editora.
- Ribeiro, O., Lautensach, H., & Daveau, S. (2000a). *Geografia de Portugal: Vol. Vol. I-A Posição Geográfica e o Território* (5ª edição). Edições João Sá da Costa, LDA.
- Ribeiro, O., Lautensach, H., & Daveau, S. (2000b). *Geografia de Portugal: Vol. Vol. IV-A Vida Económica e Social* (2ª edição). Edições João Sá da Costa, LDA.
- Rodrigues, S. (2004). *As Vias Romanas do Algarve*. Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve / Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- Rodrigues, S. (2006). A Rede Viária Romana do Algarve Central. *Actas das I Jornadas - As Vias do Algarve*.
- Roldán Hervás, J. M., & Wulff Alonso, F. (2001). *Citerior y Ulterior: Las provinciar romanas de Hispania en la era republicana*. ISTMO.
- Roman, L., & Roman, M. (2010). *Encyclopedia of Greek and Roman Mythology*. Facts on File.
- Ruivo, J. da S. (1993). Circulação monetária na estremadura portuguesa até o século III. *Nummus: Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática, XVI-XX*, pág. 7-177.
- Ruiz, J. C. C., Escudero, J. L. de M., & Sánchez, J. V.-F. (2000). La pesca, la sal y el comercio en el Círculo del Estrecho. Estado de la cuestión. *Gerión, núm. 18*, pág. 43-76.
- Saa, M. (1957). *As grandes Vias da Lusitânia—O Itinerário de Antonino Pio: Vol. Vol. I*. Tipografia da Sociedade Astória.

- Sáez Romero, A. M. (2018). Apuntes sobre las dinámicas comerciales de «Gadir» entre los siglos VI y III a.C. *Gerión. Revista de Historia Antigua*, 36(1), pág. 11-40.
- Sáez Romero, A. M., & Díaz Rodríguez, J. J. (2004). Nuevas aportaciones a la definición del Círculo del Estrecho: La cultura material a través de algunos centros alfareros (ss. VI-I a.n.e.). *Gérion*, 22(núm. 1), pág. 31-60.
- Saile, T. (2015). Competing on unequal terms: Saltworks at the turn of the Christian era. Em *Archaeology of Salt: Approaching an invisible past* (p. pág. 199-209). Sidestone Press.
- Santos, M. L. E. da V. A. dos. (1971). *Arqueologia romana do Algarve: Vol. Vol. 2*. Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Santos, M. L. E. da V. A. dos. (1997a). Estácio da Veiga, a Carta Arqueológica e o Museu do Algarve. Em *Noventa séculos entre a serra e o mar* (p. pág. 21-44). IPPAR.
- Santos, M. L. E. da V. A. dos. (1997b). Museus e conservação do património arqueológico móvel do Algarve. Em *Noventa séculos entre a Serra e o Mar* (p. pág. 71-86). IPPAR.
- Sear, D. R. (1988). *Roman Coins and Their Value* (Fourth Revised Edition). Seaby.
- Silva, L. F. da. (2007). *Balsa, Cidade Perdida*. Campo Arqueológico de Tavira - C.M. Tavira.
- Silva, L. F. da, & Maia, M. G. P. (2003). Culto de BAAL em Tavira. *III Congresso Español de Antiqui Oriente Próximo*, 20, pág. 171-194.
- Sousa, A. de, & Arruda, A. C. (2014). Italics and Hispanics in South-West Iberia at the dawn of the Roman-Republican Period: The common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal). *Rei Cretariae Romanae Fautorum*, 43, pág.663-670.
- Sousa, E. de, & Arruda, A. M. (2010). A Gaditanização do Algarve. *Mainake*, XXXII(II), pág. 951-974.
- Teichner, F. (1995). Un hallazgo de monedas romanas en el «Mare Externum». *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, nº 35, pág. 281-288.
- Teichner, F. (1997). Note sur les fonds numismatique romain de foz do Rio Arade (Portimao, Portugal). *Conimbriga*, XXXVI, pág. 123-160.
- Teichner, F. (2006). Cerro da Vila: Paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 13, pág. 69-82.
- Teichner, F. (2017). Cerro da Vila: A rural commercial harbour beyond the Pillars of Hercules. Em *Los Puertos Atlánticos Béticos y Lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo* (p. pág. 399-429). «L'Erma» di Bretschneider.
- Teichner, F., & Pujol, L. P. (2008). Roman amphora trade across the straits of Gibraltar: An ancient «anti-economic practice»? *Oxford Journal of Archaeology*, 3(27), pág. 303-314.

- Teichner, F., & Schierl, T. (2010). Asentamientos rurales en el sur de la Lusitania entre la fase tardo-republicana y el inicio de la época imperial romana. Em *Los paisajes rurales de la romanización* (p. pág. 89-114). Ediciones de La Ergástula.
- Teichner, F., Schierl, T., Gonçalves, A., & Tavares, P. (2006). Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga e as Necrópoles Romanas de Ossonoba (Faro). *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve*, pág. 159-178.
- Torres Ortiz, M. (1999). *Sociedad y mundo funerario en Tartessos*. Real Academia de la Historia.
- Torres Ortiz, M. (2005). ¿Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8(2), pág. 193-213.
- Torres Ortiz, R. (1999a). Diversidade cultural e cosmopolitismo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 47, 73–89.
- Torres Ortiz, R. (1999b). Diversidade cultural e cosmopolitismo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, 47, 73–89.
- Valente, M. (2016). *Numismas da Horta da Misericórdia (Faro): Catálogo Geral*. Universidade do Algarve / Campo Arqueológico de Mértola.
- Valente, M. (2019). 600 numismas da Horta da Misericórdia (Faro): Escavações arqueológicas da professora Teresa Júdice Gamito. *Revista M, nº 2*, pág. 6-33.
- Van Dommelen, P. (2014). Punic identities and modern perceptions in the western Mediterranean. Em *The Punic Mediterranean: Identities and identification from phoenitian settlement to roman rule* (p. pág. 42-57). Cambridge University Press.
- Vargas Girón, J. M. (2011). La pesca con caña y sedal en el Círculo del Estrecho. Em *Pescar con Arte: Fenicios y romanos en el origen de los aparejos andaluces*. Universidad de Cádiz.
- Viegas, C. (2006). *A cidade romana de Balsa (Torre de Ares—Tavira): (1) A terra sigillata* (1ª edição). Câmara Municipal de Tavira.
- Viegas, C. (2011). *A Ocupação Romana do Algarve*. UNIARQ.
- Vives y Escudero, A. (1926a). *La Moneda Hispanica: Vol. Tomo I*. Real Acedemia de la Historia.
- Vives y Escudero, A. (1926b). *La Moneda Hispanica: Vol. Tomo II*. Real Acedemia de la Historia.
- Vives y Escudero, A. (1926c). *La Moneda Hispanica: Vol. Tomo III*. Real Acedemia de la Historia.
- Vives y Escudero, A. (1926d). *La Moneda Hispanica: Vol. Tomo IV*. Real Acedemia de la Historia.
- Wagner, C. G. (2005). Consideraciones sobre un nuevo modelo colonial fenicio en la Península Ibérica. *Anejos de AEspa*, XXXV, pág. 149-165.

- Wallace-Hadrill, A. (1986). Image and authority in the coinage of Augustus. *The journal of roman studies*, 76, pág. 66-87.
- Woolf, G. (1995). The formation of Roman provincial cultures. Em *Integration in the Early Roman West: The Role of Culture and Ideology* (p. pág. 9-18). Musée national d'histoire et d'art.
- Woolf, G. (1997). Beyond Romans and Natives. *World Archaeology*, 28(3), pág. 339-350.
- Woolf, G. (1998). *Becoming Roman*. Cambridge University Press.
- Zanker, P. (1982). *Augusto y el poder de las imagenes*. Alianza Editorial S.A.

6.2.Webgrafia

- <https://www.cm-viladobispo.pt/pt/13184/porto-romano-com-quase-dois-mil-anos-descoberto-na-praia-da-boca-do-rio-em-budens.aspx> consultado a 09/10/2021
- <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D31%3Achapter%3D43#note2> consultado a 11/08/2022
- <https://www.fishbase.se/summary/Scomber-scombrus.html> consultado a 13/09/2022
- <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D31%3Achapter%3D43> consultado a 11/08/2021
- <https://www.publico.pt/2021/08/10/ciencia/noticia/descoberto-mar-sicilia-embarcacao-romana-carregada-anforas-portuguesas-1973616> consultado a 11/08/2021

7. Apêndices

Cidade	Moeda	Material	Atum	Barco	Espiga de Trigo	Busto	Golfinho	Cavalo	Tridente	Vaca	Legenda
Baesuris	Uncia	Chumbo		x	x						x
Baesuris	Sextante	Chumbo		x	x						x
Baesuris	Quadrante	Chumbo		x	x						x
Baesuris	Triente	Chumbo		x	x						x
Baesuris	Triente	Chumbo	x	x							x
Baesuris	Triente	Chumbo	x								x
Baesuris	Sextante	Chumbo	x								x
Baesuris	Quadrante	Chumbo		x	x						x
Baesuris	Triente	Chumbo	x		x						x
Baesuris	Sextante	Cobre	x								x
Baesuris	Sextante	Cobre		x							x
Baesuris	Sextante	Cobre		x	x						x
Baesuris	Quadrante	Cobre			x						x
Baesuris	Quadrante	Cobre		x	x						x
Baesuris	As	Cobre	x		x						x
Baesuris	As	Cobre	x		x						x
Balsa	Uncia	Chumbo	x	x							
Balsa	Quadrante	Chumbo	x	x							
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							
Balsa	As	Chumbo	x	x							
Balsa	Sextante	Chumbo	x	x							x
Balsa	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							x
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							x
Balsa	Uncia	Chumbo	x	x							x
Balsa	Sextante	Chumbo	x	x							x
Balsa	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							x
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							x
Balsa	Uncia	Chumbo	x	x							x
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							x
Balsa	Sextante	Chumbo		x	x						x
Balsa	Triente	Chumbo		x	x						x
Balsa	Triente	Chumbo	x		x						x
Balsa	Semis	Chumbo	x		x						x

Balsa	Sextante	Chumbo	x	x							x
Balsa	Triente	Chumbo	x	x							x
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							x
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							x
Balsa	As	Chumbo	x	x							x
Balsa	Dupôndio	Chumbo	x	x							x
Balsa	Semis	Chumbo	x	x							x
Balsa	Dupôndio	Chumbo	x	x							x
Balsa	Quadrante	Chumbo	x						x		x
Balsa	As	Cobre	x	x							x
Balsa	Sextante	Cobre	x	x							x
Balsa	Quadrante	Cobre	x	x							x
Balsa	Sextante	Cobre	x		x						x
Balsa	Sextante	Cobre	x					x			x
Balsa	Sextante	Cobre	x					x			x
Balsa	Quadrante	Cobre	x					x			x
Balsa	Triente	Cobre	x					x			x
Balsa	Quadrante	Cobre	x					x			x
Cilpes	Quadrante	Chumbo	x								x
Cilpes	Triente	Chumbo	x								x
Cilpes	Triente	Chumbo	x			x					x
Cilpes	Triente	Chumbo	x				x				x
Cilpes	Sextante	Cobre	x								x
Cilpes	Quadrante	Cobre	x								x
Cilpes	Triente	Cobre	x			x					x
Cilpes	As	Cobre			x			x			x
Cilpes	Dupôndio	Cobre			x			x			x
Cilpes	Dupôndio	Cobre	x		x						x
Ipses	Sextante	Chumbo				x	x				x
Ipses	Quadrante	Chumbo				x	x				x
Ipses	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ipses	Triente	Chumbo				x	x				x
Ipses	Triente	Chumbo		x			x				x
Ipses	Semis	Chumbo				x	x				x
Ipses	Semis	Chumbo				x	x				x
Ipses	Sextante	Cobre					x				x
Ipses	Semis	Cobre				x	x				x
Ossónoba	Uncia	Chumbo					x		x		
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x

Ossónoba	Triente	Chumbo					x				x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x								x
Ossónoba	Semis	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Semis	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x								x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo					x				x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo					x			x	x
Ossónoba	Dupôndio ?	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x								x
Ossónoba	Triente	Chumbo					x				x
Ossónoba	Sextante	Chumbo					x				x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Semis	Chumbo	x								x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x								x
Ossónoba	Sextante	Chumbo	x								x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Quadrante	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Triente	Chumbo	x	x							x
Ossónoba	Sextante	Cobre						x			x
Ossónoba	Triente	Cobre							x		x
Ossónoba	As	Cobre	x	x							x
Ossónoba	Dupôndio	Cobre	x	x							x

Apêndice 7.1 - Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipses e Ossonoba de acordo com as representações

Fonte: Autoria própria com base em Gomes, 2006, pág. 23-40

Cidade	Chumbo	Cobre	Total
Baesuris	9	7	16
Balsa	31	9	40
Cilpes	4	6	10
Ipsos	7	2	9
Ossonoba	40	4	44
Total	91	28	119
Frequência relativa	0,76470588	0,23529412	1

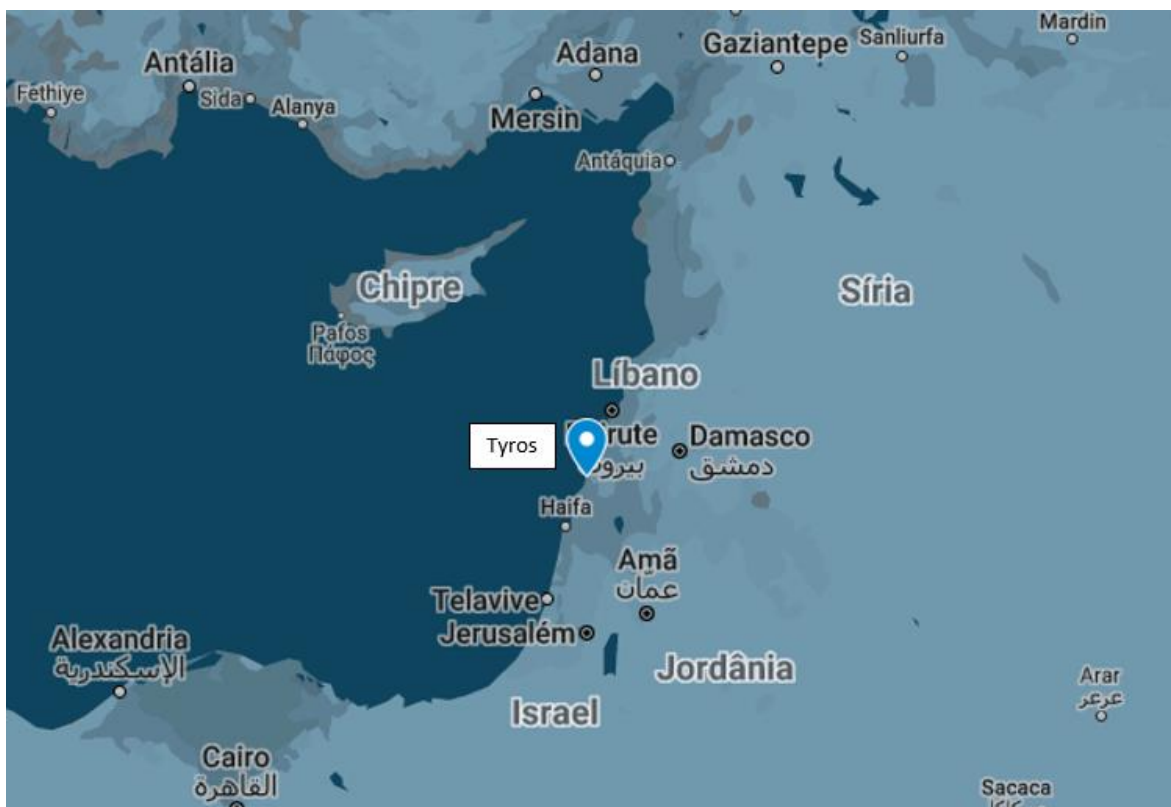
Apêndice 7.2 - Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipsos e Ossonoba de acordo com o material

Fonte: Autoria própria com base em Gomes, 2006, pág. 23-40

Cidade	Atum	Barco	Espiga de Trigo	Busto	Golfinho	Cavalo	Tridente	Vaca	Legenda
Baesuris	7	9	11	0	0	0	0	0	16
Balsa	38	31	5	0	0	6	0	0	33
Cilpes	8	0	3	1	1	2	0	0	10
Ipsos	1	2	0	6	8	0	0	0	9
Ossonoba	35	30	0	0	6	1	2	1	43
Total	89	72	19	7	15	9	2	1	111

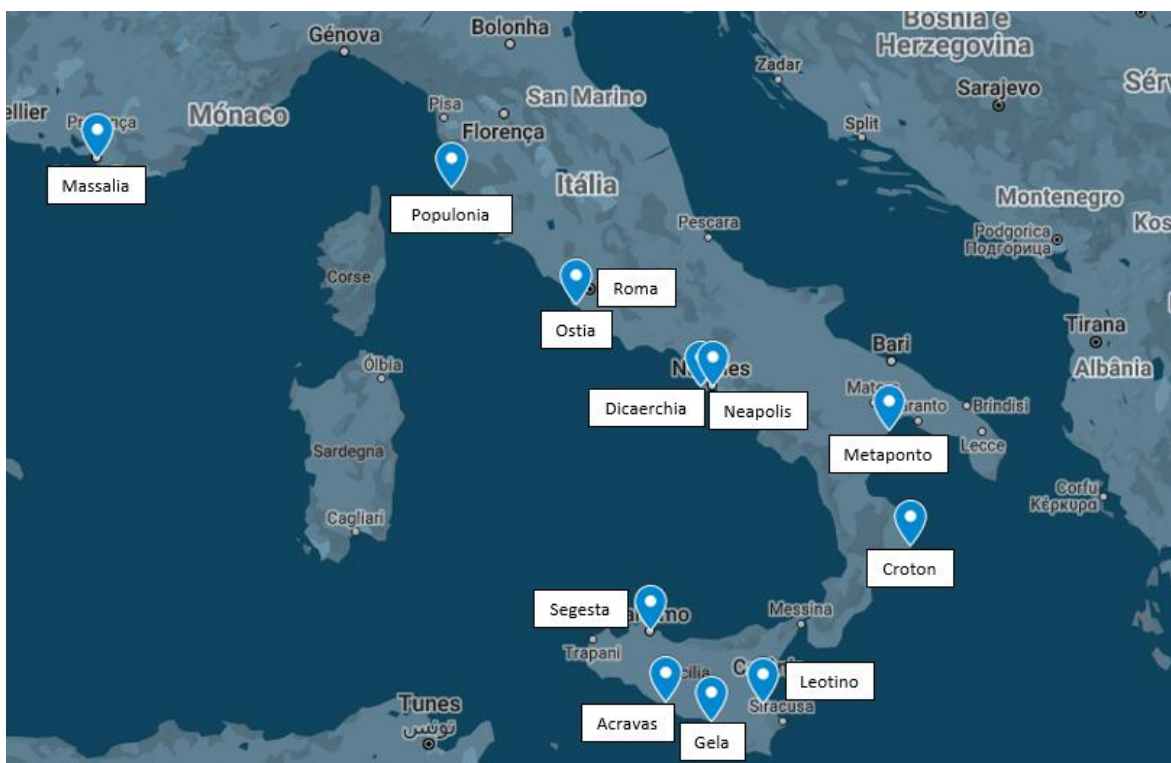
Apêndice 7.3 – Tabela das moedas de Baesuris, Balsa, Cilpes, Ipsos e Ossonoba de acordo com a iconografia

Fonte: Autoria própria com base em Gomes, 2006, pág. 23-40



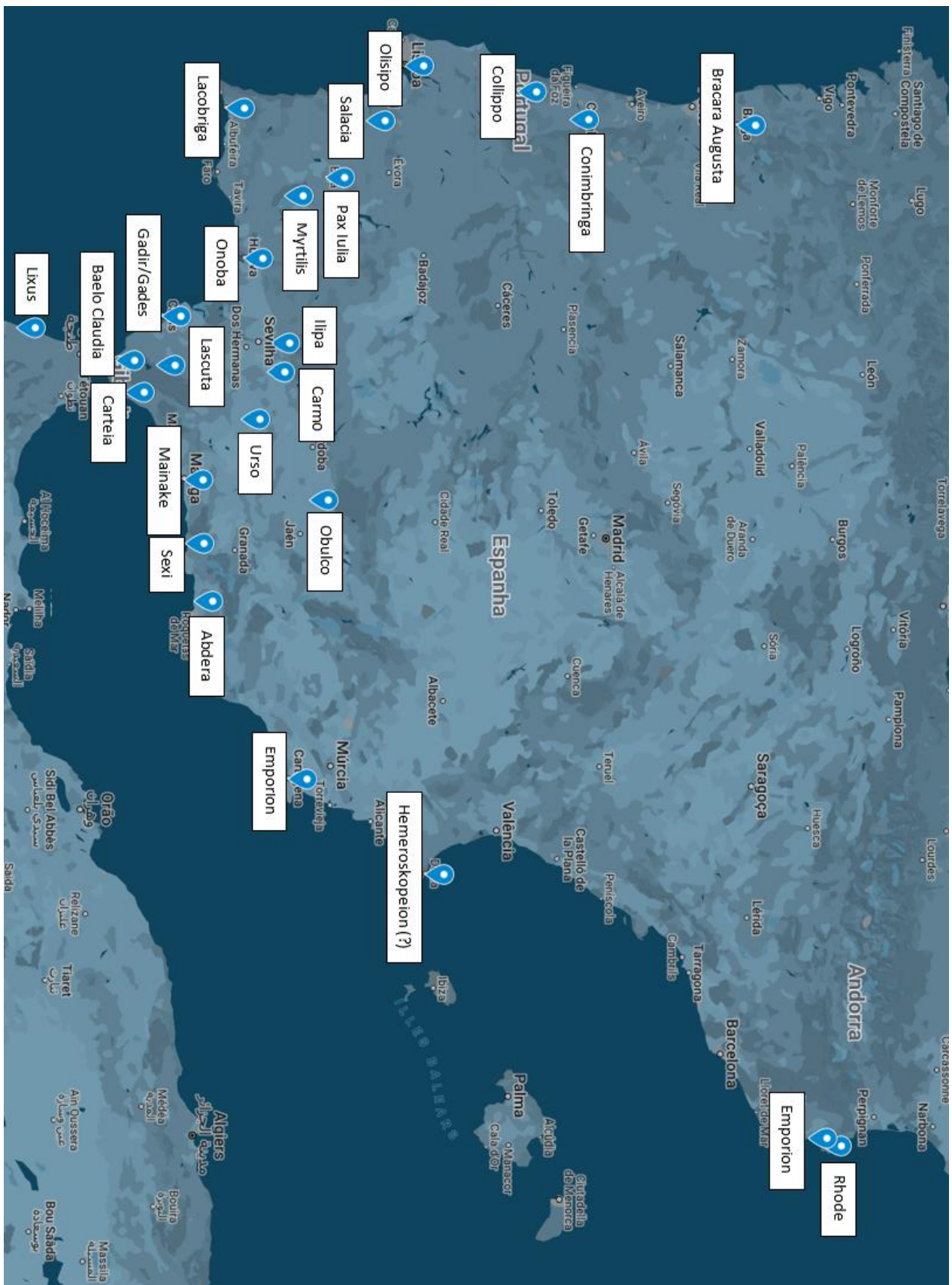
Apêndice 7.4 - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 1 Mediterrâneo Oriental

Fonte: Elaboração própria, com base em Google, 2022. <https://www.google.pt/maps>



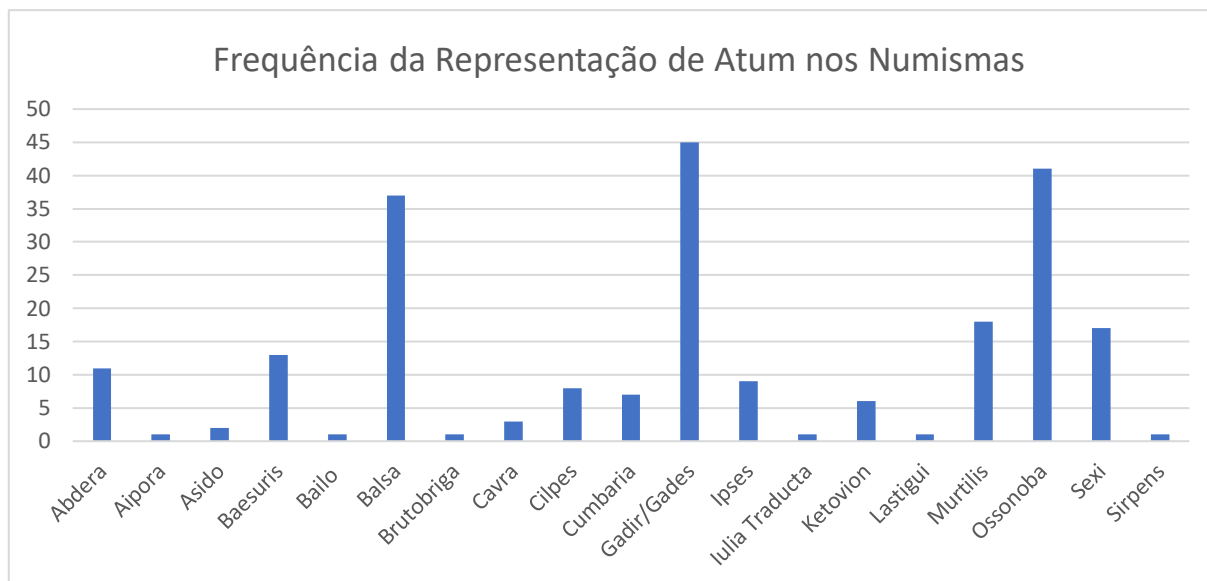
Apêndice 7.5 - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 2 Mediterrâneo Central

Fonte: Elaboração própria, com base em Google, 2022. <https://www.google.pt/maps>



Apêndice 7.6. - Mapa de todas as cidades clássicas referidas ao longo do texto, exceto as que produziram moeda no Algarve (sem cronologia) - Parte 3 Mediterrâneo Ocidental/Hispania

Fonte: Elaboração própria, com base em Google, 2022. <https://www.google.pt/maps>



Apêndice 7.7 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania

Fonte: Elaboração própria, com base em Gomes, 2006 e Alvarez Burgos, 1987

Cidades	Variantes total	Frequência relativa	Percentagem	Localização actual
Abdera	11	0,049	4,90%	Adra, Almeria
Aipora	1	0,004	0,40%	Sanlucar de la Barrameda, Cádiz
Asido	2	0,009	0,90%	Medina Sidónia, Cádiz
Baesuris	13	0,058	5,80%	Castro Marim, Algarve
Bailo	1	0,004	0,40%	Tarifa, Cádiz
Balsa	37	0,166	16,60%	Santaluzia/Luz de Tavira, Algarve
Brutobriga	1	0,004	0,40%	Desconhecido (entre Santarém e Abrantes)
Cavra	3	0,013	1,30%	Coría del Rio, Sevilla
Cilpes	8	0,036	3,60%	Silves, Algarve
Cumbaria	7	0,031	3,10%	Desconhecido (entre Las Cabezas e Lebrija)
Gadir/Gades	45	0,202	20,20%	Cádiz
Ipses	9	0,040	4,00%	Siítio da Vila Velha, Alvor
Iulia Traducta	1	0,004	0,40%	Algeciras
Ketovion	6	0,027	2,70%	Desconhecido (perto de Setubal)
Lastigui	1	0,004	0,40%	Aznalcóllar, Sevilha
Murtilis	18	0,081	8,10%	Mértola, Alentejo
Ossonoba	41	0,184	18,40%	Faro, Algarve
Sexi	17	0,076	7,60%	Amuñecar, Granada
Sirpens	1	0,004	0,40%	Desconhecido (possivelmente Serpa)
	223	1	100%	

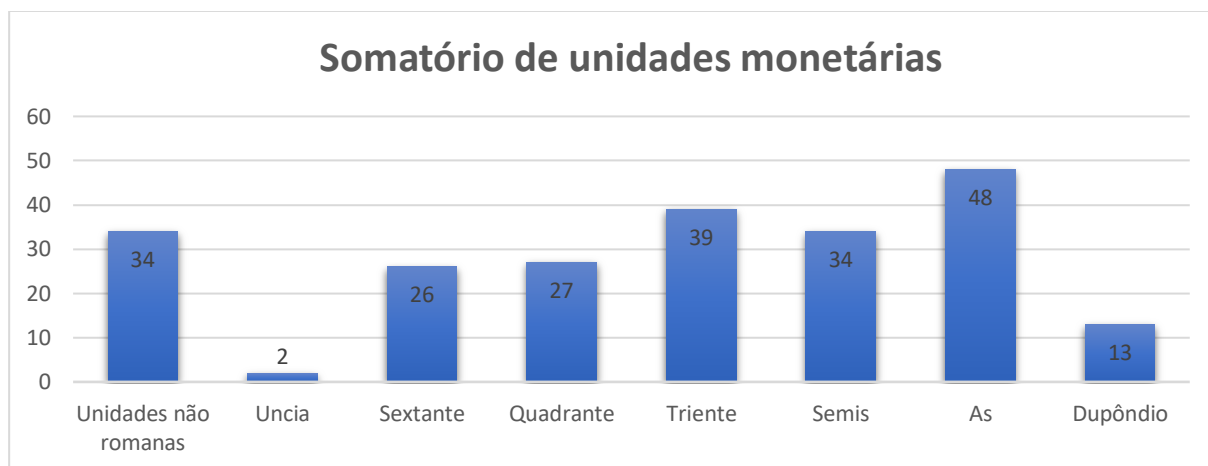
Apêndice 7.8 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania

Fonte: Elaboração própria, com base em Gomes, 2006 e Alvarez Burgos, 1987

Material	Somatório	Frequência relativa	Valor percentagem
Chumbo	91	0,408	40,80%
Bronze	123	0,552	55,20%
Prata	9	0,040	4,00%
Total	223	1	100%

Apêndice 7.9 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania por material

Fonte: Elaboração própria, com base em Gomes, 2006 e Alvarez Burgos, 1987



Apêndice 7.10 - Frequência da representação de atuns nas cunhagens da Hispania por unidade monetária

Fonte: Elaboração própria, com base em Gomes, 2006 e Alvarez Burgos, 1987

A escolha da consulta deste espólio foi devida à amabilidade e disponibilidade demonstrada pela Doutora Vera Freitas, tratando-se da única instituição da região que se mostrou disponível para conceder permissão de estudo da sua coleção monetária. Encontram-se mais moedas presentes neste museu, no entanto as mesmas encontram-se numa vitrine interativa expostas nesse museu, e por esse motivo, não se encontravam disponíveis para consultado. No entanto foram disponibilizadas fotografias dessas mesmas moedas, caso fosse necessária a sua inclusão neste trabalho.

Entre o dia 8 e 15 de agosto de 2022 foi consultado o espólio de cunhagens locais presentes no Museu das Pescas de Portimão, provenientes da prospeção com detetores de metais nos depósitos das dragagens do Rio Arade e da Ria de Alvor. São identificados os seguintes numismas:

Nº de inventário	Local	Material	Descrição	Medidas
2000-01/01	Praia de Alvor	Chumbo	Quadrante (?) de <i>Ipses</i> com busto para a direita e legenda ilegível no anverso e golfinho para a esquerda e legenda IPSIIS/C.ATIS no reverso	4,78 gr 16 mm
2000-01/02	Praia de Alvor	Chumbo	Quadrante (?) de <i>Ossonoba</i> ou <i>Balsa</i> com atum no anverso e e barco no reverso, sem legenda legível	5,99 gr 19 mm
2000-01/03	Praia de Alvor	Chumbo	Quadrante (?) de <i>Ossonoba</i> (?) com atum no anverso e barco no reverso. Nome da cidade não legível	5,80 gr 19mm
2000-01/08	Praia Grande	Chumbo	Sextante (?) com figura masculina no reverso e atum no anverso	0,8 gr 9 mm
2000-01/09	Praia Grande	Chumbo	Sextante (?) com figura masculina no reverso e atum no anverso	0,8 gr 9 mm
2000-01/10	Praia Grande	Chumbo	Sextante (?) com figura masculina no reverso e atum no anverso	0,8 gr 9 mm
2000-01/11	Praia Grande	Chumbo	Moeda identificada pelo Museu como sextante, mas que parece na verdade um divisor ou outro material não monetário	0,6 gr 7 mm
2003B/02	Portimão	Chumbo (?)	Figura masculina para a direita, com legenda não legível à esquerda no reverso e anverso ilegível	1,26 gr 13 mm
2006/001	Portimão	Chumbo	Moeda não produzida no Algarve, possivelmente medalha ou peso monetiforme. Cruz no anverso e busto (?) no reverso	7,12 gr 17 mm
2011/003	Praia de Alvor	Chumbo	Quadrante (?) com atum no anverso e reverso não legível. Cunhagem de <i>Balsa</i> , <i>Ossonoba</i> , <i>Baesuris</i> ou <i>Cilpes</i> .	4,59 gr 17 mm
2014/02	Praia dos Careanos	Chumbo	Moeda (?) em mau estado de conservação, não legível. Tem perfuração de 3 mm, com pontado/perolado visível no bordo	2 gr 18 mm
2014/17	Praia do Torralto	Chumbo	Quadrante (?) de <i>Ossonoba</i> com trirreme no anverso, e inscrição não legível em cima, atum no reverso com a legenda OSSO e pontado/perolado	6,27 gr 14,5 mm
2016-17/135	Praia dos Três Irmãos	Chumbo	Moeda de <i>Balsa</i> ou <i>Ossonoba</i> praticamente não identificável. No anverso visível um atum para a direita com a legenda OS (?). Reverso totalmente ilegível	4,21 gr 12 mm
2016-17/136	Praia dos Três Irmãos	Chumbo	Quadrante (?) de <i>Ossonoba</i> com atum no anverso e OSO. Reverso em mau estado, com pontado/perolado e representação não identificável no centro	2,70 gr 11 mm

2020/15	Praia de Alvor	Chumbo	Peso monetiforme (?) com representação de carangueijo ou escorpião, com reverso não legível. É proposto que se trate de um numisma produzido em Chipre com o número de catálogo RPC I, 3916 (https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coin/320629)	2,84 gr 11 mm
---------	----------------	--------	---	------------------

Apêndice 7.11 - Cunhagens locais do Algarve consultadas na coleção do Museu de Portimão

Fonte: Elaboração própria